



**UNEB**  
UNIVERSIDADE DO  
ESTADO DA BAHIA

V. 1 Nº 8  
jul/dez 2007

REVISTA

# CANUDOS

Universidade do Estado da Bahia  
Centro de Estudos Euclides da Cunha

ARTIGOS

Euclides da Cunha e o ideal republicano: uma relação paradoxal

A poética da natureza em *Os Sertões* e *Um Paraíso Perdido*

A leitura informal da vida: testemunhos, jornais e boatos sobre a Guerra de Canudos em um diário maragato

ENTREVISTA

Um certo João Guerra

ENSAIO

Os Catingueiros

POEMA

O Tirador de Retratos

REVISTA

# CANUDOS

## REVISTA CANUDOS

Revista do Centro de Estudos Euclides da Cunha

## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

REITOR Lourivaldo Valentim da Silva

VICE-REITORA Amélia Tereza Maraux

## CENTRO DE ESTUDOS EUCLYDES DA CUNHA - CEEC

DIRETOR Prof. Dr. Wilson Caetano

## CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Wilson Caetano de Souza Junior

DIRETOR DO CEEC

Prof. Ms. Clímaco Siqueira Dias

GEÓGRAFO - UFBA

Manoel Neto

HISTORIADOR E PESQUISADOR - CEEC/UNEB/IGHE

Prof. José Carlos da Costa Pinheiro

CEEC/UNEB/SEC

Prof. Dr. Edivaldo Machado Boaventura

UFBA

Prof. Dr. Sérgio Armando Diniz Guerra

UNEB/UCSAL

Prof. Dr. Marco Antonio Villa

UFSCAR-SP

Profa. Dra. Lícia Soares de Souza

UNEB

Oleone Coelho Fontes

ESCRITOR E JORNALISTA

Eldon Dantas Canário

ESCRITOR E ADVOGADO

Antonio Olavo

FOTÓGRAFO E CINEASTA



**UNEB**  
UNIVERSIDADE DO  
ESTADO DA BAHIA



**CEEC**  
CENTRO DE ESTUDOS  
EUCLYDES DA CUNHA

ISSN 1413-9421

REVISTA **CANUDOS**

REVISTA CANUDOS - SALVADOR - VOLUME 1 - Nº 8 - 96P. - JUL/DEZ 2007



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**  
CENTRO DE ESTUDOS EUCLYDES DA CUNHA - CEEC

## **REVISTA CANUDOS**

Salvador, volume 1, nº 8, jul/dez 2007

Publicação semestral temática que analisa e discute assuntos relacionados ao semi-árido do Estado da Bahia, aberta a contribuições externas, desde que estejam de acordo com a linha editorial adotada. Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores. É permitida a reprodução parcial ou total, respeitada a obrigatoriedade da citação da fonte.

## **ORGANIZAÇÃO**

Manoel Neto

## **APOIO TÉCNICO**

José Carlos Pinheiro  
Nelson Costa da Mata

## **COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Maria Vicentini

## **DESIGN** (Projeto Gráfico, Capa e Diagramação)

Flavia Gil e Francisco Sampaio - amaisd@gmail.com

## **CAPA**

Ilustração sobre Fotografia  
(Vaqueiros: Fotografia de Miguel Teles - Acervo Projeto Aboio)

## **IMPRESSÃO**

Empresa Gráfica da Bahia

## **TIRAGEM**

450 exemplares

## **ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO**

A correspondência relativa à colaboração, solicitações de exemplares e pedidos permuta devem ser enviados para:

### **DESTINATÁRIO**

Revista Canudos  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC

### **ENDEREÇO**

Largo do Carmo, nº 4 – Centro Histórico  
40030-040 – Salvador – Bahia

### **TELEFONES**

71 3241 0811 / 3241 0840

### **E-MAIL**

cunana@ig.com.br

Revista Canudos – Universidade do Estado da Bahia  
Centro de Estudos Euclides da Cunha  
V.1, nº 8 (jul./dez. 2007) Salvador: UNEB, 2007

ISSN 1413-9421

1.Canudos, Ba – História – Guerra de Canudos, 1897

CDD: 981.05  
CDU: 981 "1897"

# SUMÁRIO

7      **Editorial**

## ARTIGOS

9      **Euclides da Cunha e o ideal republicano:  
uma relação paradoxal**

Léa Costa Santana Dias

25     **A Poética da Natureza em *Os Sertões* e  
*Um Paraíso Perdido***

Mayara Ribeiro Guimarães

39     **A leitura informal da vida:  
*Testemunhos, jornais e boatos sobre  
a Guerra de Canudos em um diário  
maragato***

Carlos Perrone Jobim Júnior

## ENTREVISTA

65     **Um Certo João Guerra**

por Manoel Neto

## ENSAIO

89     **Os Catingueiros**

Viraldo Barbosa Ribeiro

## POEMA

95     **O Tirador de Retratos**

Miguel Teles

# EDITORIAL

Após prolongado período fora de circulação, a Revista Canudos, publicada pelo Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC, volta ao alcance do público no momento em que se celebra a passagem dos 110 anos do final do conflito de 1896/1897. Ao colocá-la novamente em mãos do seu público leitor, nós o fazemos com a consciência de que devolvemos á circulação um periódico que pelo conteúdo dos temas que aborda, possibilita a estudiosos, pesquisadores, estudantes, professores e demais interessados, não só acompanhar a produção acadêmica e intelectual sobre Canudos e temas correlatos, como por certo melhor entender algumas transformações que vivenciam o homem, a cultura e o ambiente sertanejo, assuntos preferenciais da sua linha editorial.

Neste número que conta com colaboradores baianos e de outros estados brasileiros, o sertão se faz presente como tema literário, histórico, ensaístico e poético. São diferentes olhares sobre a terra áspera, a cultura e a movimentada história do homem e da luta sertaneja, para usar a formulação imortal de Euclides da Cunha.

Esta edição, por certo, é igualmente uma homenagem aos homens e mulheres de Bello Monte que expiraram com a cidade em 05 de outubro de 1897. Não deixa de ser também um preito de reconhecimento a João de Régis, que esse ano completaria um centenário de vida, e a “seu” Ioiô da Professora desaparecido recentemente, ambos ilustres e dignos memorialistas da história do seu povo.

Ao vencermos os obstáculos e trazermos de volta a Revista Canudos, reafirmamos nosso compromisso com história e a cultura brasileira, em especial com o semi-árido, que tanto tem contribuído para a manutenção da identidade do povo brasileiro através da população de várias matrizes culturais.

Prof. Dr. Wilson Caetano de Souza Junior  
Diretor do CEEC

Manoel Neto  
Organizador

# ARTIGO

Léa C

Eu  
un

RES

Este a  
Dé-se  
te nas  
dade  
repub  
ramos  
mento  
desem  
realid  
atravé  
que a

PAL

Euclid  
barbá

ABS

This a  
ideal  
al, bel  
demit  
public  
the di  
that is  
that o  
back-l  
writer

KEY

Euclid  
barbar

Léa Costa Santana Dias\*

## Euclides da Cunha e o ideal republicano: uma relação paradoxal\*\*

### RESUMO

Este artigo aborda a relação de Euclides com o ideal republicano. Dá-se destaque a sua condição de intelectual do século XIX, crença nas teorias de sua época, confiante no progresso e na modernidade como realidades que resultariam da implantação do regime republicano no Brasil, e, ao mesmo tempo, decepcionado com os rumos tomados pela República recém-implantada. Os acontecimentos que envolvem a Guerra de Canudos foram decisivos para o desencadear desse conflito. Afinal, após sua experiência com a realidade do homem sertanejo, quer de forma presencial, quer através de leituras, o escritor reviu muitos valores e conceitos em que acreditava.

### PALAVRAS-CHAVE

Euclides da Cunha, *Os sertões*, Canudos, República, civilização, barbárie.

### ABSTRACT

*This article approaches Euclides' relationship with the republican ideal. It one prominence to his condition of century XIX intellectual, believer in theories of his time, confident in progress and modernity as realities that would result of the implantation of the republican system in Brazil, and, at the same time, disappointed with the directions taken by the recently-implanted Republic. The events that involve Guerra de Canudos were decisive for unchaining of that conflict. After all, after his experience with the dweller of the back-lands' reality, through his presence, or through readings, the writer reviewed many values and concepts he believed.*

### KEY WORDS

*Euclides da Cunha, Os sertões, Canudos, Republic, civilization, barbarism.*

\* Graduada em Letras (CESVASF - PE), especialista em Estudos Literários (UEFS - BA) e mestra em Literatura e Diversidade Cultural (UEFS - BA). leasantana@click21.com

\*\* O conteúdo deste artigo, salvo algumas alterações, integra um dos sub-capítulos da Dissertação de Mestrado *O (des)tecer de enredos: uma leitura d'Os sertões, de Euclides da Cunha*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana em 01 de agosto de 2003.

(...). Eu creio que se não tivesse a preocupação elevada e digna que me nobilita, teria de sofrer muito, ante esse descabro assustador, ante essa tristíssima ruína de ideais longamente calentados...<sup>1</sup> (Cunha, 1997: 30).

Em agosto de 1897, Euclides da Cunha partiu para a Bahia como correspondente de guerra do jornal *O Estado de S. Paulo*. Antes da viagem, já escrevera dois artigos sobre a guerra, publicados em *O Estado de S. Paulo*, nos dias 14 de março e 17 de julho de 1897. Ao fazê-lo, Euclides o fez com o intuito de se apresentar a Júlio de mesquita, o dono do jornal, como profissional capaz de fazer a cobertura da guerra. A viagem lhe seria bastante providencial, uma vez que lhe daria experiência de testemunha ocular – o que tornaria mais confiável perante a opinião pública o livro que pretendia escrever sobre o conflito no sertão baiano.

Como outros jornalistas, Euclides chegou ao local do conflito, de certo modo, já sabendo o que ia encontrar e sobre o que teria que falar. Canudos, entretanto, não se encaixou na forma pré-estabelecida e a visão clara e precisa dos fatos foi desestabilizada. A realidade – fruto das impressões da viagem – e a idealização – fruto das leituras, idéias e convicções pessoais – estavam em pólos tão distantes que o autor sentiu-se

impotente para traduzir em linguagem as coisas vistas, ouvidas e imaginadas. Numa carta datada de 23 de dezembro de 1897, fez a seguinte confissão ao amigo Domingos Jaguaribe: “(...) olho para as páginas em branco do livro que pretendo escrever e parece-me às vezes que não realizaria (sic) o intento” (Cunha, 1997: 113).

Nessa mesma data, publicou no *Jornal do Comércio* o esboço de um livro, com duas partes constituintes – “A natureza” e “O homem” –, ao qual daria o título de *A nossa Vendéia*, numa clara alusão ao levante religioso-monarquista ocorrido na França, na região da Vendéia, de 1793 a 1795<sup>2</sup>. Ainda nesse mês, confirmou o projeto, idealizado antes mesmo da viagem à Bahia, dando-lhe, no entanto, um título mais representativo – *Os sertões*. Sem dúvida, esse já era um sinal da grande reviravolta, que só se tornou possível graças ao confronto entre o que se via e o que se esperava ver.

À medida que *Os sertões* ia surgindo, muitos conceitos e ideais do autor iam sendo revistos e abandonados. Ao longo desse pro-

<sup>1</sup> Trecho de uma carta ao pai, Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha, escrita em 14 de junho de 1890.

<sup>2</sup> Nesse esboço, Euclides reproduziu o ideário teórico que o orientara na escrita de seus dois artigos intitulados “A nossa Vendéia”, publicados em *O Estado de S. Paulo*, nos dias 14 de março e 17 de julho de 1897.

zizar em lin-  
tas, ouvidas  
arta datada  
1897, fez a  
ao amigo  
“(…) olho  
nco do livro  
e parece-me  
zaria (sic) o  
113).

ta, publicou  
o esboço de  
artes consti-  
t” e “O ho-  
o título de A  
clara alusão  
monarquista  
a região da  
1952. Ainda  
o projeto,  
da viagem  
no entanto,  
ntativo – Os  
esse já era  
reviravolta,  
sível graças  
e se via e o

s *sertões* ia  
eitos e ide-  
o revistos e  
o desse pro-

cesso, sua confiança no ideal re-  
publicano sofreu um abalo signifi-  
cativo – algo extremamente im-  
portante sobretudo porque  
Euclides recebeu fortes influên-  
cias republicanas durante sua  
formação intelectual. Vale lembrar  
que, em 1883, quando era aluno  
do Colégio Aquino, Euclides fazia  
e declamava poemas no Centro  
José de Alencar, adotando como  
temas preferidos personalidades  
ou episódios históricos relaciona-  
dos à escravidão e à República.  
Ao sair do Aquino, continuou num  
ambiente propício à permanência  
e ao amadurecimento dessas  
idéias, estudando em dois centros  
de ensino, importantes para a di-  
fusão da causa republicana: a  
Escola Politécnica, onde ingres-  
sou em 1885, e a Escola Militar,  
para onde se transferiu em 1886.

Em novembro de 1888, na  
Escola Militar, Euclides se envol-  
veu num episódio, logo interpreta-  
do como uma audaciosa profissão  
de fé republicana. Juntando sua  
insatisfação com o regime em vi-  
gor e a revolta por não ter sido  
promovido ao galão de alferes-  
aluno, ao qual fazia jus, não se  
conteve diante do ministro da  
Guerra – Conselheiro Tomás  
Coelho – e, após tentar inutilmen-  
te vergar o sabre no joelho, lan-  
çou-o ao chão, dirigindo-lhe vio-  
lentas palavras de protesto<sup>3</sup>. Seu  
gesto de rebeldia não pôde ficar

impune. Em consequência, o jo-  
vem de vinte e dois anos foi ime-  
diatamente recolhido à prisão, de  
onde foi transferido para o hospi-  
tal graças a um diagnóstico de  
esgotamento nervoso por excesso  
de trabalho intelectual, dado pelo  
Dr. Lino de Andrade. Submetido a  
interrogatório, rejeitou a benevo-  
lência do médico e reafirmou sua  
posição, que lhe trouxe como con-  
seqüência o desligamento do  
Exército por indisciplina (Venâncio  
Filho, 1995: 36; Rabello, 1983: 40).  
Esse acontecimento, considerado  
por jornais republicanos como um  
prenúncio de uma iminente queda  
monarquista, garantiu a Euclides  
uma certa notoriedade no país e,  
posteriormente, a possibilidade  
de contribuir com textos e artigos  
para o jornal *A Província de S.  
Paulo* que, após a proclamação da  
República, passou a se chamar *O  
Estado de S. Paulo*.

Euclides concebia a  
República como uma forma de or-  
ganização social capaz de “elimi-  
nar os privilégios de origem e de

<sup>3</sup> Euclides contou ao amigo Gastão da Cunha que, nesta ocasião, censurou os companheiros por terem sido subservientes diante da autoridade monarquista, uma vez que haviam combinado não lhe apresentar armas. No entanto, há quem assegure que, nesta oportunidade, Euclides teria apenas proferido “um protesto contra o esbulho do seu direito à promoção de alferes”. De qualquer forma, Euclides não se acovardou em momento algum. Manteve-se intrépido diante dos juizes, a quem não pediu clemência, mas a punição que lhe cabia, como republicano (Rabello, 1983: 39).

Manuel Rodrigues  
de junho de 1890.

u o ideário teórico  
dois artigos intitula-  
s em: *O Estado de S.  
julho de 1897.*

deixar aflorar os talentos dispersos pelas várias camadas sociais, através de um minucioso processo de filtragem democrática, conduzindo-os ao topo do mecanismo de decisões” (Sevcenko, 1999: 147). Logo que a República foi proclamada, muitas de suas expectativas foram frustradas. Numa carta ao pai, escrita em 14 de junho de 1890, confessou estar decepcionado com um dos principais líderes republicanos:

(...). Imagine o senhor que o Benjamim, o meu antigo ídolo, o homem pelo qual era capaz de sacrificar-me, sem titubear, e sem raciocinar, perdeu a auréola, desceu à vulgaridade de um político qualquer, acessível ao filhотismo, sem orientação, sem atitude, sem valor e desmoralizado – justamente desmoralizado (Cunha, 1997: 30).

Contudo, a distância que nessa época se havia firmado entre a República ideal e a República real, não foi suficiente para fazê-lo abandonar suas crenças e ideais. Numa crônica publicada na sessão “Dia a Dia” do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 05 de abril de 1892, Euclides afirmou:

Digam o que disserem, o governo enveredou com brilhantismo pela única política, capaz no momento atual de estabelecer as garantias da paz

e acompanhamo-lo desasombroadamente, nós, que no fato de uma ampla adaptação ao sistema democrático vemos mais do que uma conquista política – a grande regeneração de uma sociedade (Cunha, 1995: 655).

Regenerar a sociedade significava, sobretudo, torná-la semelhante às sociedades européias. Isso só seria possível através da civilização, da modernização e do progresso, que, no Brasil, estavam associados, na maioria dos casos, a um cosmopolitismo inspirado na vida parisiense – fenômeno que se prolongou durante praticamente toda a Primeira República (Sevcenko, 1999: 30). No Rio de Janeiro, por exemplo, onde este processo ocorreu de forma mais intensa, chegou-se ao extremo de se importarem pardais, símbolos de Paris. E, para se harmonizarem com esses pássaros, as novas praças e jardins foram decorados com estátuas compradas na França ou, eventualmente, em outros grandes centros europeus. No auge desse comportamento cosmopolita, que coincidiu com o início da primeira Guerra Mundial, algumas pessoas na rua, ao se cumprimentarem, substituíam os tradicionais “boa tarde” e “boa noite” por um “Viva a França” (Idem, p. 36-7).

A República possuía seus heróis e suas datas festivas. O dia

desas-  
que no  
aptação  
nico ve-  
na con-  
inde re-  
cidade

iedade sig-  
orná-la se-  
seuropéias.

através da  
ização e do  
sil, estavam

a dos casos,  
nspirado na  
eno que se  
aticamente

República  
No Rio de  
onde este  
forma mais  
extremo de  
s, símbolos  
rmonizarem

s novas pra-  
torados com

a França ou,  
ros grandes  
auge desse  
polita, que  
da primeira  
as pessoas  
imentarem,  
ionais “boa  
or um “Viva  
(7).

ssuía seus  
tivas. O dia

14 de julho – data de aniversário da queda da Bastilha – era comemorado nas ruas de São Paulo e do Rio de Janeiro ao som do hino francês, canção preferida dos cadetes da Escola Militar (Ventura, 1996: 278). Seguindo essa tendência de pretensão *nacionalista*, até os oficiais<sup>4</sup> que se encontravam em Canudos festejaram este dia, feriado não só na França como também no Brasil da Primeira República (Zilly, 1999: 10):

O comboio chegou ao alto da Favela a 13 de julho; e no dia subsequente, convocados os comandantes de brigadas, na tenda do general Savaget, enfermo do ferimento recebido em Cocorobó, concertaram sobre o assalto. O dia era propício: uma data de festa nacional. Logo pela manhã uma salva de 21 tiros de bala a comemorara (Cunha, 2001a: 597).

Essa era uma forma de se estabelecer paralelos, ainda que ilusórios, entre os republicanos de 1889 e os revolucionários de 1789 (Zilly, 1999: 10). Havia no país a tendência de se interpretar qualquer descontentamento com o novo regime como uma insurreição contra o Brasil que se dizia revolucionário. Em virtude disso, várias imagens associadas à Revolução Francesa foram incorporadas à nossa cultura. No pensamento euclidiano, a imagem da Vendéia foi

a que mais se cristalizou, sobretudo por estar atrelada à idéia de grandiosidade, tão preciosa ao escritor. Se à Revolução Francesa correspondia a instauração da República no Brasil, seria natural, e até necessário, que esta também tivesse sua Vendéia, a fim de que sua imponência fosse acentuada.

Essa é a linha ideológica que norteia a crônica de Euclides, publicada na sessão “Dia a Dia” do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 06 de abril de 1892, na qual são comparados aos heróicos vendeanos os rebeldes que se levantaram contra o governo Floriano Peixoto. Para Euclides, os primeiros eram “rebelados e ousados”, unidos pelo “liame indestrutível de um sentimento comum”; os segundos, meros perturbadores da ordem, sem propósito definido, tinham “apenas a determinação de atirar por terra tudo o que [estivesse] feito”. Neles não havia a grandeza dos vendeanos. Assemelhavam-se a estes “unicamente pela maneira por que perturba[va]m o começo da República” (Cunha, 1995: 656). Como na Vendéia, a República os venceria, “com uma diferença fundamental porém – a glória do republicanismo francês foi verda-

<sup>4</sup> Estes oficiais se tratavam de cidadãos, equiparando-se aos revoltosos franceses do século XVIII (Zilly, 1999: 10).

deiramente brilhante, graças à própria grandeza dos vencidos...” (Idem, p. 656-7).

Entendendo a prática da democracia e do diálogo como algo imanente à política republicana, Euclides acreditava que se

houvesse uma idéia, um princípio, um objetivo qualquer, o mais insignificante, do lado dos que – de norte a sul do país – parece terem tomado a deliberação infeliz de sistematizar a anarquia – à luz dessa idéia ou desse princípio, por mínimo que fossem – já se teria travado a discussão mais franca (Idem, p. 656).

Esse idealismo o levou, inclusive, a enviar duas cartas à redação da *Gazeta de Notícias*, escritas, respectivamente, nos dias 18 e 20 de fevereiro de 1894, em protesto ao fuzilamento de prisioneiros políticos, pedido pelo senador João Cordeiro. Na primeira dessas cartas, acreditando estar em diálogo com seus *companheiros* de ideais, Euclides protestou contra “a revivescência do barbarismo antigo” (Cunha, 1997: 62-3), que, ironicamente, veria renascido anos depois em Canudos, sobretudo com a ação *civilizatória* do Exército Republicano. O ideal de República pelo qual quase foi enforcado em 1888<sup>5</sup> não passava de um sonho de adolescente. O que predominava no país era um tra-

tamento altamente punitivo a todos quantos se opusessem ao regime em vigor. Vale lembrar que, em punição ao envio dessas cartas, o próprio Euclides, na época, Oficial da Diretoria de Obras Militares, foi transferido do Rio de Janeiro para a cidade de Campanha, em Minas Gerais (Ventura, 1996: 283).

No entanto, apesar de a República não ter sido capaz de promover a tão almejada *regeneração* de nossa sociedade, Euclides ainda se conservou atrelado à ideologia do Regime Republicano. Durante a Guerra de Canudos, partiu para o local dos conflitos como um adido militar e manteve boas relações com o General Artur Oscar, ao contrário de outros correspondentes como, por exemplo, Manuel Benício, que, ameaçado de morte por oficiais em virtude de suas críticas à estratégia militar traçada pelo comandante da expedição, foi obrigado a se retirar do arraial em agosto (Villa, 1999: 252-3). Por ter chegado a Canudos nessas condições, era natural que Euclides se inserisse entre os soldados, que não só representavam, como também defendiam a civili-

<sup>5</sup> O enforcamento era a pena prevista no Código Militar para desacatos como o episódio de 1888. No caso de Euclides, a pena foi substituída pelo afastamento do Exército devido à intervenção de seu pai junto ao Imperador (Ventura, 1996: 277).

e punitivo a to-  
usessem ao re-  
le lembrar que,  
vio dessas car-  
lides, na época,  
ria de Obras  
ferido do Rio de  
a cidade de  
Minas Gerais  
3).

apesar de a  
sido capaz de  
rejada *regenera-*  
idade, Euclides  
atrelado à ide-  
e Republicano.  
a de Canudos,  
al dos conflitos  
litar e manteve  
o General Artur  
o de outros cor-  
o, por exemplo,  
que, ameaçado  
is em virtude de  
atragia militar  
ndante da expe-  
a se retirar do  
o (Villa, 1999:  
jado a Canudos  
era natural que  
se entre os sol-  
representavam,  
ndiam a civili-

prevista no Código Militar  
socio de 1888. No caso de  
uica pelo afastamento do  
ção de seu pai junto ao  
(197).

zação. Nem se constituíam pro-  
priamente contra-sensos seus  
brados de “Viva a República” e  
suas afirmações de que “A vitória  
é infalível” e “A República é imor-  
tal”, conforme se observa nos tele-  
gramas publicados em *O Estado  
de S. Paulo*<sup>6</sup>. Para Euclides, os sol-  
dados eram seus pares; e os sertane-  
jos, “uma gente estranha” e  
bárbara que precisava ser comba-  
tida. Por isso, não disse que as  
baixas do Exército avultavam, mas  
que “as nossas baixas avultavam”.  
O que classificou como “mais lú-  
gubre que o mais lúgubre vale do  
*Inferno*” não foi o arraial sertanejo,  
mas o hospital de sangue, onde,  
por não mais haver espaço nas  
barracas, os soldados feridos “acu-  
mulavam-se, fora, no chão ensan-  
güentado, sob o cáustico abrasado  
de um sol inclemente e fulgurante,  
atordoados pelos zumbidos agou-  
rentos e incômodos das moscas,  
fervilhando em número incalculá-  
vel” (Cunha, 2000a: 216-7).

As idéias de base republica-  
na que aparecem no *Diário de uma  
Expedição* são uma continuidade  
do que já fora esboçado nos dois  
artigos “A Nossa Vendéia”, publi-  
cados em *O Estado de S. Paulo*. No  
primeiro deles, publicado em 14  
de março de 1897, Euclides reto-  
mou a imagem da Vendéia – um  
dos ícones mais significativos  
para o pensamento revolucionário  
republicano – e comparou os ser-

tanejos aos vendeanos, imprimin-  
do aos primeiros a heroicidade que  
fora negada aos rebeldes referidos  
na crônica de 1892:

Identificados à própria aspe-  
reza do solo em que nasce-  
ram, educados numa rude  
escola de dificuldades e peri-  
gos, esses nossos patrícios do  
sertão, de tipo etnologica-  
mente indefinido ainda, refle-  
tem naturalmente toda a in-  
constância e toda a rudeza do  
meio em que se agitam.

O homem e o solo justificam  
assim de algum modo, sob  
um ponto de vista geral, a  
aproximação histórica ex-  
pressa no título desse artigo.  
Como na Vendéia o fanatismo  
religioso que domina as suas  
almas ingênuas e simples é  
habilmente aproveitado pelos  
propagandistas do império.

A mesma coragem bárbara e  
singular e o mesmo terreno  
impraticável aliam-se, com-  
pletam-se. O *chouan* fervoro-  
samente crente ou o *tabaréu*  
fanático, precipitando-se im-  
pávido à boca dos canhões  
que tomam a pulso, paten-  
teiam o mesmo heroísmo  
mórbido difundido numa agi-  
tação desordenada e impulsiva  
de hipnotizados.

A justeza do paralelo esten-  
de-se aos próprios reveses

6 Encerram-se com este teor, por exemplo, os telegramas dos dias 07 de agosto (Salvador), 08 de agosto (Salvador), 15 de agosto (Salvador), 25 de setembro (Monte Santo) e 03 de outubro (Monte Santo).

sofridos. A Revolução Francesa que se aparelhava para lutar com a Europa, quase sentiu-se impotente para combater os adversários impalpáveis da Vendéia – heróis intangíveis que se escondendo céleres através das charneças prendiam as forças republicanas em inextrincável rede de ciladas...

(...)

Este paralelo será, porém, levado às últimas conseqüências. A República sairá triunfante desta última prova (Cunha, 2000b: 50-2).

No segundo artigo, publicado em *O Estado de S. Paulo*, em 17 de julho de 1897, Euclides manteve a comparação entre Canudos e a Vendéia. De fato, havia algumas semelhanças entre os vendeanos e os habitantes de Canudos: a coragem nas batalhas, a obediência a princípios religiosos e, principalmente, as inter-relações entre a terra e o homem, que nortearam, em grande medida, o processo de construção de *Os sertões*. Conforme Leopoldo Bernucci, “se Canudos já não é a Vendéia em sua forma mais completa, ao menos se parecerá com ela” (Bernucci, 1995: 26). No entanto, insistir na metáfora como veio condutor para a elaboração do livro era algo problemático, sobretudo porque falar em Vendéia significava traçar linhas divisórias entre *civilizados* e *bárbaros*: aqueles, os republica-

nos, coroados com a dignidade da vitória; estes, os rebeldes monarquistas, derrotados pela justiça republicana. E isso, o episódio nos sertões não possibilitava.

Diante da “charqueada” (Cunha, 2001a: 734) ocorrida no sertão, Euclides descobriu que os *civilizados* pouco se avantajavam aos “rudes patricios retardatários” (Idem, p. 502). Para ele, estes, “ao menos, eram lógicos” (Idem, p. 502): matavam em defesa do direito à vida; aqueles, ao contrário, faziam parte de uma “multidão criminosa e paga para matar” (Idem, p. 735). Além de se assemelharem em seus atos bárbaros, soldados e jagunços se confundiam no mesmo fanatismo: se os conselheiristas possuíam seus rosários e medalhas e prosseguiam, em sua resignação estóica, em busca das promessas do Paraíso; os soldados republicanos “tinham todos, sem excetuar um único, colgada ao peito esquerdo, em medalhas de bronze, a efigie do marechal Floriano Peixoto” e lutavam até a morte, saudando a memória de seu herói e líder, “com o mesmo entusiasmo delirante, com a mesma dedicação incoercível e com a mesma aberração fanática com que os jagunços bradavam pelo Bom Jesus misericordioso e milagreiro” (Idem, p. 617).

Euclides, que chegou ao sertão crendo ser possível marcar a

vidade da  
es monar-  
la justiça  
isódio nos  
a.  
arqueada”  
corrida no  
ira que os  
antajavam  
rdatários”  
estes, “ao  
(Idem, p.  
a do direi-  
contrário,  
“multidão  
ra matar”  
e se asse-  
bárbaros,  
e confun-  
mo: se os  
m seus ro-  
sseguiam,  
tóica, em  
o Paraíso;  
s “tinham  
um único,  
erdo, em  
efígie do  
to” e luta-  
ndo a me-  
er, “com o  
ante, com  
oercível e  
o fanática  
bradavam  
ordioso e  
7).  
ou ao ser-  
marcar a

diferença<sup>7</sup> em relação aos *bárba-ros*, acabou diluindo as linhas divisórias entre ambos, estendendo a diferença também aos supostamente civilizados. Um dos pontos altos desse processo é o momento em que foram narrados o fanatismo e a insanidade do Exército republicano diante da exumação do corpo de Conselheiro:

Desenterraram-no cuidadosamente. Dádiva preciosa – único prêmio, únicos despojos opimos de tal guerra! – faziam-se mister os máximos resguardos para que se não desarticulasse ou deformasse, reduzindo-se a uma massa angulhenta de tecidos decompostos.

Fotografaram-no depois. E lavrou-se uma ata rigorosa firmando a sua identidade: importava que o país se convencesse bem de que estava, afinal, extinto aquele terrívelíssimo antagonista.

**Restituíram-no à cova. Pensaram, porém, depois, em guardar a sua cabeça tantas vezes maldita – e como fora malbaratar o tempo exumando-o de novo, uma faca jeitosa-mente brandida, naquela mesma atitude, cortou-lha; e a face horrenda, empastada de escaras e de sânie, apareceu ainda uma vez ante aqueles triunfadores... (Idem, p. 780).**

Logo após, o crânio do su-  
posto inimigo da República foi le-

vado a Salvador para ser examina-  
do pelo médico Nina Rodrigues,  
numa tentativa de desvendamen-  
to dos “mistérios da loucura”  
(Santana, 1995: 67), onde foi rece-  
bido com festa, gritos e brados de  
alegria. O ícone que fomentava  
essas manifestações era apenas  
um hediondo cadáver em decom-  
posição, “envolto no velho hábito  
azul de brim americano, mãos  
cruzadas ao peito, rosto tumefato  
e esquelético, olhos fundos cheios  
de terra” (Cunha, 2001a: 779-80).

Ao destacar esse fato,  
Euclides, de forma irônica e invo-  
luntária, acabou zombando de si  
mesmo, da República e de seus  
falsos heróis. E mesmo sem ter tido  
o “intuito de defender os sertane-  
jos”, acabou fazendo um “ataque  
franco” e “involuntário” (Cunha,  
2001b: 784) à *civilização* que, nos  
sertões, mostrou-se *bárbara*.

7 O termo diferença está sendo utilizado conforme aceção aceita por Francisco Ferreira de Lima. Segundo o pesquisador, no encontro com o *outro* que se desconhece, há “um *eu* que se deslumbra com o que se vê, extasiado ante um real que excede todos os limites”. A essa relação deslumbrada do *eu* com o real, denominou-o *alteridade* (1998: 20). Passado esse momento, que é breve, “retomam-se os parâmetros, valores e códigos e a circunlação cede lugar à comparação, em que se medem a superioridade ou inferioridade do descoberto. Já não se trata mais de uma relação intersubjetiva entre descobridores, senão de uma outra entre sujeito e objeto, na qual o sujeito estuda atentamente seu objeto com o fim de dominá-lo ou seduzi-lo, a depender de como se ponha a correlação de forças entre eles. / O desejo de ver é substituído pelo desejo de saber que, a seguir, organizará a apropriação. Saiu-se, enfim, da esfera da alteridade para a da diferença” (Idem, p. 62). Em *Os sertões*, o *outro desconhecido* é representado, simultaneamente, pelos homens do sertão, *bárbaro e incivilizado*, e pelos defensores da República, *civilizada e moderna*. Ao desejo de vê-los, corresponde o momento breve, denominado *alteridade*. Quando se passa a perscrutá-los, analisá-los e interpretá-los, chega-se, enfim, ao nível da *diferença* – relação inevitável entre os povos, civilizações e culturas.

Em outro momento da narrativa, Euclides humilhou o Exército brasileiro, não apenas o expondo à vergonha pública, como também rebaixando e reduzindo sua pretensa *estatura heróica*. Trata-se do episódio em que os soldados fugiram dos jagunços (Cunha, 2001a: 487), abandonando as armas e as roupas (Idem, p. 490-1). “Como as instituições vivem do simbólico, investindo na representação, desvesti-lo é desinvesti-lo de sua importância” (Barros, 1992: 34). As fardas em pedaços, lançadas pelos caminhos, lembrando, em cada momento, a fuga humilhante, funcionam como estratégias discursivas através das quais o narrador se pôde desfazer do “poder de representação” do Exército.

Além da nudez, humilhou os soldados ao estado de penúria a que foram submetidos. Para Miriam Gárate, estes, ao vivenciarem experiências de fome e sede, agravadas, sobretudo, com a quarta expedição, tiveram ofuscada a caracterização de representantes Oficiais da República, e se transformaram em (duplos dos) homens do sertão (Gárate, 2002: 387):

Vivia-se à ventura, de expedientes. De moto próprio, sem a formalidade na emergência dispensável, de uma licença qualquer, os soldados principiaram a realizar, isolados ou em pequenos grupos, excursões perigosas pelas cerca-

nias, talando as raras roças de milho ou mandioca, que existiam; caçando cabritos quase selvagens por ali desgarrados, em abandono desde o começo da guerra; e arrebanhando o gado. Não havia evitá-las ou proibi-las. Eram o último recurso. A partir de 2 de julho só houve gêneros – farinha e sal, nada mais – para os doentes. As caçadas faziam-se, pois, obrigatoriamente, a despeito dos maiores riscos. E os que a elas se abalanzavam – vestindo a pele do jagunço, copiando-lhe a astúcia requintada, a marcha cautelosa acobertando-se em todos os sulcos do terreno – aventuravam-se a extremos lances temerários.

Não se podem individuar os episódios parciais desta fase obscura e terrível da campanha. O soldado faminto, cevada a cartucheira de balas, perdia-se nas chapadas, premunindo-se de resguardos como se fosse à caça de leões. Atufava-se no bravio das moiteiras... Rompia a galhada inflexa, entressachada de gravatás mordentes. E – olhos e ouvidos armados aos mínimos contornos e aos mínimos rumores – atravessava longas horas na perquisição exaustiva... (Cunha, 2001a: 581).

Aos soldados e jagunços, vítimas e autores da mesma barbárie, somente o olhar do sistema vigente os diferenciava. Apesar de bastante tênue a distância entre eles, muitos foram os que insistiram em acentuá-la, atribuindo a

barbárie apenas aos habitantes de Canudos, considerados inimigos da República.

Como a Guerra de Canudos foi o primeiro acontecimento histórico brasileiro a ter cobertura diária na imprensa (Levine, 1995: 53), esta teve um papel decisivo na mobilização da opinião pública contra a comunidade. A atividade jornalística no Brasil do século XIX era intensa e, especialmente no ano de 1897, muitos jornais acabaram-se tornando instrumentos importantes na disputa entre republicanos e monarquistas.

Euclides denunciou que vários jornais, ignorando o que, de fato, passava-se no sertão baiano, empreenderam uma verdadeira campanha em defesa da causa republicana, através da divulgação de notícias falsas, relacionando Canudos a intenções político-monarquistas<sup>8</sup> (Cunha, 2001a: 498-500). Para alimentar ainda mais os boatos, oficiais tão influentes, quanto Artur Oscar, distribuíram aos jornalistas cópias falsificadas de cartas, relatando, por exemplo, que líderes monarquistas usavam a casa de verão do imperador, em Petrópolis, como base de articulação de um complô para a derrubada da República (Levine, 1995: 53).

Após a morte de Moreira César, a opinião pública, insuflada pelos políticos republicanos,

voltou-se contra os monarquistas. Antes mesmo desse episódio, já era intenso no país o clima anti-monarquista. No dia 09 de fevereiro de 1897, logo após o amanhecer, vários homens atacaram os jornais *Gazeta da Tarde e Liberdade*, de Gentil de Castro, acusado de enviar, em nome dos monarquistas, armas e dinheiro para Canudos. Os funcionários dos jornais se defenderam disparando tiros de alerta, pondo fim ao ataque, mas não impediram que as recriminações de ambos os lados perdurassem por vários dias. Comprometido com a política republicana, o comandante de polícia do Rio de Janeiro ordenou aos policiais que não defendessem os jornais monarquistas de quaisquer ataques que viessem a sofrer. Essa ordenança, na prática, funcionou como uma vingança pela morte de Moreira César, servindo de esti-

<sup>8</sup> Em *Os sertões*, foram citados trechos dos seguintes jornais:

- *Gazeta de Notícias*: "Não há quem a esta hora não compreenda que o monarquismo revolucionário quer destruir com a República a unidade do Brasil" (Cunha, 2001a: 499).
- *O País*: "A tragédia de 3 de março em que juntamente com o Moreira César perderam a vida o ilustre coronel Tamarindo e tantos outros oficiais bravíssimos do nosso exército, foi a confirmação de quanto o partido monarquista à sombra da tolerância do poder público, e graças até aos seus involuntários alentos, tem crescido em audácia e força" (Idem, p. 499).
- *O Estado de S. Paulo*: "Trata-se da Restauração; conspira-se; forma-se o exército imperialista. O mal é grande; que o remédio corra parelhas com o mal. A monarquia arma-se? Que o presidente chame às armas os republicanos" (Idem, p. 499).

mulo para que os policiais se juntassem aos revoltosos da rua do Ouvidor, da rua do Sacramento e de várias outras vias transversais, participando do empastelamento dos três principais jornais monarquistas – *Gazeta da Tarde*, *Liberdade* e *Apóstolo*. Logo após o empastelamento desses jornais, os vândalos invadiram a residência de Gentil de Castro e destruíram a mobília, roubando quadros e vasculhando armários à procura de cartas e documentos que o relacionassem aos moradores de Canudos. Na manhã seguinte, assassinaram-no com um tiro, quando tentava fugir de trem na Estação São Francisco Xavier. Em São Paulo, também houve o empastelamento do jornal *O Comércio de São Paulo* (Idem, p. 56-8).

Por ironia, a mesma animalidade primitiva, que Euclides revelou estar presente no sertão baiano (Cunha, 2001a: 735), ressurgiu, inteiriça, nos dois maiores centros de *civilização* do país. Avaliando estes acontecimentos, Euclides denunciou que

a rua do Ouvidor valia por um desvio das caatingas. A correria do sertão entrava arrebatadamente pela civilização adentro. E a guerra de Canudos era, por bem dizer, sintomática apenas. O mal era maior. Não se confinara num recanto da Bahia. Alastrara-se. Rompia nas ca-

pitais do litoral. O homem do sertão, encourado e bruto, tinha parceiros porventura mais perigosos (Idem, p. 501).

Em sua crítica aos conflitos, muitos insuflados pela postura engajada da imprensa, que acabou provocando ou, pelo menos, incentivando o empastelamento dos jornais, também se incluem, embora de forma indireta, os seus dois artigos sobre a guerra, publicados em *O Estado de S. Paulo*, principalmente no que se refere ao pressuposto de que tanto entre os vendeanos quanto entre os habitantes de Canudos “o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do império (Cunha, 2000b: 51).

No entanto, apesar de representar um salto significativo em relação aos artigos, essa postura do autor não pode ser interpretada como “defesa” do sertanejo. Afinal, *Os sertões* “não é um livro de defesa; é, infelizmente, de ataque” (Cunha, 2001b: 784). Ataque às ações dos “singularíssimos civilizados que nos sertões, diante de semibárbaros, estadearam tão lastimáveis selvaticuezas” (Idem, p. 784). Ataque ao *atraso* dos nossos “rudes patrícios retardatários” (Cunha, 2001a: 502), que viviam três séculos distantes da *civilização* (Idem, p. 317) – distância que

em do  
to, ti-  
entura  
p. 501).

os conflitos,  
a postura  
que acabou  
nos, incen-  
mento dos  
quem, em-  
a, os seus  
erra, publi-  
S. Paulo,  
se refere  
tanto entre  
ntre os ha-  
fanatismo  
as suas al-  
es é habil-  
los propa-  
o (Cunha,

de repre-  
icativo em  
sa postura  
interpretada  
ejo. Afinal,  
viro de de-  
de ataque”  
Ataque às  
mos civili-  
diante de  
aram tão  
as” (Idem,  
so dos nos-  
ardatários”  
que viviam  
da civiliza-  
tância que

os deixou incapazes de articular  
qualquer complô anti-republicano:  
“o jagunço é tão inapto para apre-  
ender a forma republicana como a  
monárquico-constitucional”

(Idem, p. 316). Por isso, segundo o  
autor, não poderia haver restaura-  
ção monárquica em Canudos, –  
constatação, por si só, suficiente  
para inviabilizar a comparação  
entre Canudos e a Vendéia – mote  
para os artigos supracitados.

No entanto, isso não impediu  
que algumas posturas assumidas  
nos artigos fossem retomadas em  
*Os sertões*. Como a construção  
deste livro está pautada nas sinu-  
osidades discursivas, o autor osci-  
lou em suas próprias convicções,  
ora afirmando, ora negando a me-  
táfora. Ao negá-la, Euclides ironi-  
zou a hipótese de insurreição con-  
tra a ordem republicana:

Vimos no agitador sertanejo,  
do qual a revolta era um as-  
pecto da própria rebeldia  
contra a ordem natural, ad-  
versário sério, estrênuo pala-  
dino do extinto regime, capaz  
de derruir as instituições  
nascentes.

E Canudos era a Vendéia...  
(Idem, p. 318).

Algumas páginas adiante,  
Euclides voltou a negar o paralelo  
entre Canudos e a Vendéia, fazen-  
do uma dura crítica à posição da  
imprensa brasileira diante dos  
acontecimentos da guerra:

(...). De sorte que enquanto a  
expedição se exauria no ermo  
da Favela e ia tombar, exauri-  
da por uma sangria profunda,  
num trecho de Canudos – a  
opinião, pela imprensa, ex-  
travagava, balanceando as  
mais aventurosas hipóteses  
que ainda saltaram dos pre-  
los.

O espantinho da restauração  
monárquica negrejava, de  
novo, no horizonte político  
atroado de tormentas. A des-  
peito das ordens do dia em  
que se cantava vitória, os  
sertanejos apareciam como  
os *chouans* depois de  
Fontenay.

Olhava-se para a história  
através de uma ocular inver-  
tida: o bronco Pajeú emergia  
com o fáciez dominador de  
Cathelineau. João Abade era  
um Charette de chapéu de  
couro (Idem, p. 626-7).

Essa crítica desfazia alguns  
elos que associavam a revolta nos  
sertões ao levante contra-revolu-  
cionário de base monarquista,  
ocorrido na França – o que não  
constituía propriamente um em-  
pecilho para que a metáfora da  
Vendéia fosse utilizada. Sendo as-  
sim, Euclides voltou a afirmá-la e,  
ao fazê-lo, retomou a idéia defen-  
dida no artigo de 14 de março de  
1897, excluindo apenas a hipótese  
de restauração monárquica:

Malgrado os defeitos do con-  
fronto, Canudos era a nossa  
Vendéia. O *chouan* e as char-  
necas emparelham-se bem

com o jagunço e as caatingas. O mesmo misticismo, gênese da mesma aspiração política; as mesmas ousadias servidas pelas mesmas astúcias, e a mesma natureza adversa, permitiam que se lembrasse aquele lendário recanto da Bretanha, onde uma revolta, depois de fazer recuar exércitos destinados a um passeio militar por toda a Europa, só cedeu ante as divisões volantes de um general sem fama, "as colunas infernais" do general Turreau – pouco numerosas mas céleres, imitando a própria fugacidade dos vendeanos, até encurralá-los num círculo de

dezesseis campos entrincheirados (Idem, p. 365-6).

Para o autor, Canudos, simultaneamente, era e não era a Vendéia. Nessa coexistência de idéias antinômicas em torno de um ponto comum – a negação de intenções monarquistas na comunidade canudense –, prefigura-se a aptidão de Euclides para o manejo das antinomias, paradoxos e antíteses, que tornam sua escrita algo intratável, áspero e, ao mesmo tempo, maleável, a se fazer e a se revelar a cada nova leitura.

REFER

BARROS, L  
(uma le  
São Pa  
Ciência  
1992. 1

HERNUCCI,  
prógon  
Euclides  
352p.

CUNHA, E  
complet  
1995. p

CUNHA, E  
In: GA  
Oswald  
Cunha.

CUNHA, E  
Paris:  
(Organi

CUNHA, E  
de uma  
Letras,  
Noguei

CUNHA, E  
Ateliê  
Arquiv  
crucio  
Bernuc

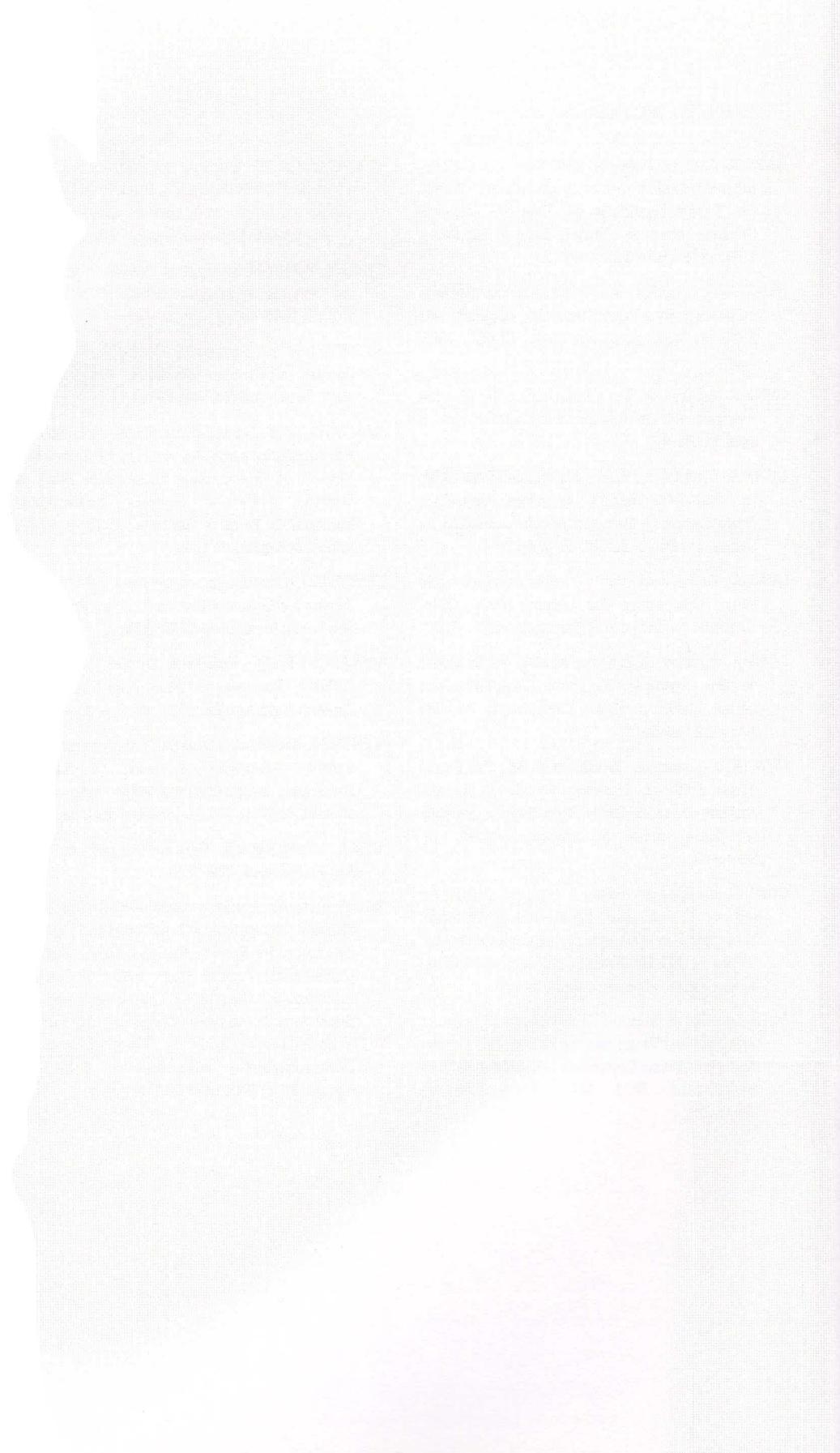
CUNHA, E  
series:  
Impren  
2001b.  
citas e

DIAS, Léa  
uma le  
São Pa  
de Sa  
Mestre

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Lourival Holanda. *Canudos – fato e fábula (uma leitura d’Os sertões de Euclides da Cunha)*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / Universidade de São Paulo, 1992. 129p. (Tese de Doutorado).
- BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos; prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1995. 352p.
- CUNHA, Euclides da. Dia a Dia. Crônica. In: Id. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. 1, 1995. p. 645-91.
- CUNHA, Euclides da. Correspondência (1890-1909). In: GALVÃO, Walnice Nogueira, GALOTTI, Oswaldo. (orgs.). *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1997. 456p.
- CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000a. 304p. (Organização Walnice Nogueira Galvão).
- CUNHA, Euclides da. A nossa Vendéia. In: Id. *Diário de uma expedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000b. p. 43-61. (Organização Walnice Nogueira Galvão).
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 2. ed., São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 2001a. 928p. (Edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci).
- CUNHA, Euclides da. Notas à segunda edição. *Os sertões*. 2. ed., São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 2001b. p. 783-92. (Edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci).
- DIAS, Léa Costa Santana. *O (des)tecer de enredos: uma leitura d’Os sertões, de Euclides da Cunha*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2003. 134p. (Dissertação de Mestrado).
- GÁRATE, Miriam V. Cruzar a linha negra e desfazer a oposição. In: FERNANDES, Rinaldo de (org.). *O clarim e a oração; cem anos de Os sertões*. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 379-90.
- LEVINE, Robert M. *O sertão prometido; o massacre de Canudos no nordeste brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 1995. 400p.
- RABELLO Sylvio. *Euclides da Cunha*. 3. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1983. 361p. (Coleção Vera Cruz).
- SANTANA, José Carlos Barreto de. Mestiços no país dos espelhos e o que eles viram lá. In: *Sitientibus*; Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, nº 13, p. 57-68, julho a dezembro de 1995.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999. 260p.
- VENÂNCIO FILHO, Francisco. Retrato humano. In: CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. vol. 1, p. 33-44.
- VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha e a República. *Estudos Avançados*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, volume 10, número 26, p. 275-91, janeiro a abril de 1996.
- VILLA, Marco Antonio. *Canudos – o povo da terra*. São Paulo: Ática, 1999. 280p.
- ZILLY, Berthold. Sertão e nacionalidade: formação étnica e civilizatória do Brasil segundo Euclides da Cunha. In: *Estudos Sociedade e Agricultura*. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro: Instituto de Ciências Humanas e sociais / Departamento em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade / Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, número 12, p. 5-45, abril de 1999.

# ARTIGO



Maya

A  
Os

RES

O pre  
o ped  
enten  
obra t  
nares  
comp  
tante  
princi  
práti  
busca  
o prin  
capit  
Maya

PAL

Litera

ABS

This a  
de Co  
literat  
lows t  
inter  
conce  
nenti  
what  
the st  
the M  
confi  
Amaz

KEY

Litera

Mayara Ribeiro Guimarães\*

## A Poética da Natureza em *Os Sertões e Um Paraíso Perdido*

### RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de estabelecer um diálogo entre o pensamento de Euclides da Cunha e Johan Wolfgan Goethe, entendendo que ambos os autores partem de uma concepção de obra de arte que comporta a interação de discursos interdisciplinares e a elaboração de uma narrativa regida pelo princípio de composição, baseado na complementaridade de opostos contrastantes, de forma a proporcionar um plurivocalismo narrativo. Esse princípio revela a preocupação com o desenvolvimento de uma prática de investigação que abarca o homem em sua totalidade e busca o consórcio permanente entre ciência e arte. Analisaremos o primeiro capítulo de *Os Sertões*, intitulado "A Terra" e o primeiro capítulo de "Contrastes e confrontos", parte integrante do livro *À Margem da História*.

### PALAVRAS-CHAVE

Literatura – narrativa – poética

### ABSTRACT

*This article has the objective of contrasting the thoughts of Euclides da Cunha and Johann W. Goethe in the sense that both consider literature as an interactive and interdisciplinary subject. This allows the elaboration of a narrative whose principle is based on the interaction of contrasting opposites. This principle also reveals a concern with the development of a literary discourse that is permanently in dialogue with the scientific discourse. As an example of what was said, the first chapter of Euclides' *Os Sertões*, that tells the story of the XIXth century war that took place in the inlands of the Northeast of Brazil, as well as the first chapter of "Contrastes e confrontos", that tells the story of the forgotten citizens of the Amazon area, will be analyzed.*

### KEY WORDS

Literature – narrative – poetics

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
E-mail: mayribeiro@uol.com.br

Quando, em 1787, Johann W. Goethe parte em viagem à Itália para dar continuidade às suas investigações sobre botânica, diz estar próximo de encontrar o segredo que constitui a produção e organização das plantas. Este interesse revela a tentativa de estabelecer um modelo de pensamento preocupado em encontrar um princípio formativo dos seres e das coisas.

"A *Urpflanze* há de tornar-se a mais maravilhosa criatura do mundo, pelo que a própria natureza me há de invejar. Com este modelo e com a sua chave podem ainda descobrir-se plantas ao infinito, que têm de ser conseqüentes, quer dizer: as que, mesmo que não existam, podiam existir, e isto não são sombras e aparências pictóricas e poéticas, mas têm, inversamente, uma verdade e necessidades interiores. Pode aplicar-se esta lei a todos os restantes seres vivos." (GOETHE, 1993:24)

A procura de uma forma originária em meio à variabilidade e ao incessante transformar-se, é a procura pela essência. Buscar compreender essa forma é buscar responder à pergunta pela unidade. O que nos guia no recorte dado a esta pesquisa é a tentativa de verificar, na obra de Euclides da Cunha, uma poética da natureza que se pergunta pela unidade em meio à multiplicidade, na qual ho-

mem e natureza interagem criando um ritmo próprio e dando força ao desenvolvimento de uma escrita original e originária.

O presente artigo é parte de um processo investigativo que visa abordar os seguintes pontos na obra euclidiana: como os quadros de uma natureza viva e agnizante contribuem para a construção de uma narrativa marcadamente trágica e poética e como a narrativa multiperspectivada construída por Euclides contém e mantém, de ponta a ponta, a presença de uma forte ironia, herdada das escolas românticas de uma Alemanha marcada pelo pensamento de Goethe, Schiller, Schlegel e Novalis.

No período clássico-romântico alemão, que envolve parte dos séculos XVIII e XIX, vemos a preocupação de se estabelecer um equilíbrio entre razão e sensibilidade, que culminará na investigação intelectual de Goethe acerca das plantas, cores, animais, minerais e acerca do homem. Neste momento, procura-se unir o pragmatismo científico à imaginação artística. Ao mesmo tempo que, inicia o movimento classicista, junto com Friedrich Schiller, Goethe mantém contato com vários dos intelectuais de então, incluindo os irmãos August e Friedrich Schlegel, iniciadores do movimento romântico alemão e,

agem crian-  
dando força  
e uma escri-  
a.  
o é parte de  
gativo que  
ntes pontos  
mo os qua-  
viva e ago-  
ara a cons-  
va marcada-  
ca e como a  
rspectivada  
es contém e  
onta, a pre-  
nia, herdada  
as de uma  
pelo pensa-  
Schiller,  
ico-românti-  
ve parte dos  
emos a preo-  
belecer um  
e sensibili-  
a investiga-  
ethe acerca  
imais, mine-  
mem. Neste  
unir o prag-  
imaginação  
tempo que,  
classicista,  
Schiller,  
ato com vá-  
le então, in-  
August e  
ciadores do  
alemão e,

desde o início, desenvolve um pen-  
samento que procura dissolver as  
fronteiras entre arte e ciência. Por  
consequente, sua produção literá-  
ria e científica está impregnada do  
caráter interdisciplinar. Sua opi-  
nião estética de que "a fantasia do  
artista não deve conhecer outra lei  
que ela mesma,"<sup>1</sup> perpassa toda a  
sua obra encontrando-se presente  
inclusive nos seus escritos científi-  
cos sobre as cores, a mineralogia e  
a morfologia das plantas.

Em *A Metamorfose das  
Plantas*, Goethe estrutura o siste-  
ma de composição de suas idéias  
sobre o crescimento e desenvolvi-  
mento das plantas, cujo ponto  
principal consiste no processo de  
formação desse organismo vivo a  
partir de um infinito transformar-  
se, sobre o princípio da interação  
de opostos. Esse sistema acaba  
gerando multiplicidade *na* e *a par-  
tir da* unidade. Propõe um enfo-  
que: existe dentro de um organis-  
mo vivo uma natureza constante,  
um ser uno que, graças à poten-  
cialidade e força inerentes, permiti-  
rá o seu desenvolvimento e de-  
sabrochar em formas múltiplas de  
existência. São estas formas que  
caracterizam o mutável e incons-  
tante dos organismos, no entanto,  
eles possuem uma essência que  
deve ser procurada nas regiões  
mais profundas. Como explica  
Maria Filomena Molder, a idéia  
central de *A Metamorfose das*

*Plantas* consiste na tentativa de  
encontrar uma resposta à pergun-  
ta que gira em torno da forma  
originária de um ser (no caso a  
planta), isto é, sobre sua essência,  
e que por ser essência aparece,  
exprime-se, mostra-se no seu pró-  
prio desenvolvimento, nas suas  
leis de formação e de transforma-  
ção. Para tal, é necessário obser-  
var o movimento de expansão e  
contração desse processo de cres-  
cimento. O efeito da dinâmica de  
forças resulta num múltiplo núme-  
ro de formas que variam, mas que  
apresentam uma unidade.

"Parecia-me que nesse órgão  
da planta, que nós ordinaria-  
mente chamamos 'folha' es-  
tava dissimulado o verdadeiro  
Proteu que se podia esconder  
e manifestar em todas as  
suas formas. Para a frente e  
para trás, a planta é sempre  
unicamente folha e tão indis-  
soluvelmente unida ao futuro  
germe que não se pode pen-  
sar um sem o outro."  
(GOETHE, 1993: 22-3)

- <sup>1</sup> PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*. Leo Christiano Editorial, Rio de Janeiro, 1999, p. 54. Pensamos ser importante mencionar que o legado textual e investigativo de Goethe continua exercendo grande influência nos estudiosos das épocas seguintes, não apenas da área de literatura e filosofia, mas também de áreas como as artes plásticas. O que nos parece importante é o caráter investigativo de sua obra, que proporciona o diálogo e a interação interdisciplinar, seja para pensar e explicar o funcionamento do universo como um todo que engloba suas partes, ou de seus fragmentos, que contêm o germe da unidade, tais como o ser humano, o meio em que atua, a natureza e seus fenômenos. Portanto, existe um critério ou um princípio que rege a obra como um todo e cada parte sua. Pensamos que os grandes escritores e pensadores da humanidade apresentam um princípio de composição que rege suas obras. Talvez seja esse espírito, esse princípio que influencia tantos estudiosos de épocas tão distantes e diversas, como é o caso de Euclides da Cunha, na literatura e Israel Pedrosa, nas artes plásticas.
- <sup>2</sup> ELIÁDE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo:

Buscando as leis de formação múltipla da planta e de suas partes, a doutrina da metamorfose chama atenção para as leis de ordem interna (de constituição da planta), e externa, que modificam a planta devido à ação orgânica dos elementos, à temperatura, à luz etc. Portanto, devemos considerar que no processo de formação e transformação, elementos variados e opostos atuam em complementaridade. Nesse sentido, diz o pensador alemão: “a forma é algo em movimento, algo que advém, algo que está em transição. A doutrina da forma é a doutrina da transformação.” (GOETHE, 1993: 27) A forma é portanto algo em vias de ser, em constante devir. Goethe define a ciência da Morfologia, batizada por ele, como a “observação da forma, tanto nas suas partes como no seu todo, observação das suas harmonias e irregularidades, sem quaisquer outras intenções.” (GOETHE, 1993:28) Esta ciência, diz Molder, “se ocupa com aquilo que não é tratado *por si* nas outras ciências ou que só é tratado por acaso e ocasionalmente: a forma, a formação e a transformação dos seres.” (GOETHE, 1993:28) Ao se perguntar sobre a transformação das plantas, sobre a unidade em meio à multiplicidade, Goethe revela uma visão dinâmica em sua maneira de enxergar o mundo vivo,

além perseguir a idéia do devir constante na formação de cada um dos seres viventes.

Ainda em *A Metamorfose das Plantas*, Molder aponta o erro de se tomar o princípio da *Urpflanze* como seguindo uma concepção evolutiva das espécies, tendência bastante forte em sua época. E o fato de Goethe procurar em seus estudos não só de botânica, mas científicos, em geral, o princípio que forma o todo em face à multiplicidade, de forma que se pudesse ganhar em largueza, amplitude e mobilidade, torna-o extremamente original e único, além de atual. A sua preocupação com o visível e o invisível latentes leva-o a pensar a formação da planta como um processo dual, que envolve, desde a semente até uma nova formação, constituindo uma dinâmica da dualidade. A natureza mantém o seu ciclo de crescimento por meio de uma sucessão de movimentos sistólicos e diastólicos, isto é, contrativos e expansivos, encenando o drama da existência, por meio de cenas altamente plásticas. A polaridade é inerente ao processo metamórfico, que se consolida em ritmos repetitivos. Cada nova parte da planta que se forma é a mesma parte anterior que se modifica. Perguntar-se pela forma, implica ainda perguntar-se pela origem, preocupação das mais antigas, o

la do devir  
io de cada

*Metamorfose*  
onta o erro  
ncípio da  
uindo uma  
as espécies,  
rte em sua  
he procurar  
ó de botâni-  
em geral, o  
odo em face  
orma que se  
rgueza, am-  
torna-o ex-  
único, além  
upação com  
rel latentes  
ormação da  
cesso dual,  
semente até  
constituindo  
ualidade. A  
eu ciclo de  
de uma su-  
sistólicos e  
ontrativos e  
lo o drama  
io de cenas  
A polaridade  
o metamórffi-  
em ritmos  
ra parte da  
é a mesma  
e modifica.  
ma, implica  
pela origem,  
s antigas, o

que promove também um proces-  
so de transformação daquele que  
observa e questiona.

A mesma preocupação com  
a busca de um princípio de forma-  
ção na natureza, presente no pen-  
samento de Goethe, pode ser veri-  
ficada no pensamento desenvolvi-  
do por Euclides da Cunha em suas  
narrativas sobre o sertão nordesti-  
no e a selva amazônica, cuja es-  
trutura se baseia na multipers-  
pectivação dos pontos de vista  
narrativos, dinamicamente inseri-  
dos na obra. O livro se inicia com  
o narrador-observador itinerante  
em movimento, que se apropria  
dos instrumentais da astronomia,  
da biologia, da geologia, de forma  
a buscar diferentes aspectos do  
real. Não é à toa que nomes como  
Alexander von Humboldt,  
Frederick Hartt e Geoffrey Saint-  
Hilaire aparecem como constan-  
tes referências para o autor. No  
entanto, o narrador não mantém  
um olhar fixo, o que permite que o  
real se configure em tantas formas  
quanto às formas de uma nature-  
za em mutação. A mobilidade pelo  
espaço físico em constante trans-  
formação também lhe garante  
uma viagem pelo tempo, até o re-  
torno às origens da vida, movi-  
mento esse que possibilita a visão  
do fenômeno observado externa-  
mente e a formação de quadros da  
natureza que representam a trágica  
luta do organismo em constan-

te transformação.

Nas primeiras páginas do  
capítulo referente a “A terra”,  
Euclides constrói seu pensamento  
acerca do que chama de “uma  
morfogenia do solo brasileiro”, isto  
é, deseja tratar da gênese de uma  
forma ainda em processo de cons-  
tituição. O objeto de seu olhar é a  
forma da constituição da terra em  
seu martírio secular. Numa alian-  
ça entre ciência e arte, o autor de  
*Os Sertões* inicia seu texto com a  
região que chama de planalto  
central do Brasil em movimento.  
A terra é apresentada como natu-  
reza viva, seus movimentos inde-  
pendem do narrador porque esta é  
uma terra em formação. Ao elabo-  
rar essa imagem, Euclides expõe  
a forma do próprio movimento,  
isto é, o fenômeno da natureza é  
exposto em seu processo auto-for-  
mativo constante. O planalto cen-  
tral brasileiro encena o drama do  
seu martírio secular. Observemos  
sua atividade: “o planalto central  
desce”, “assoberba os mares”,  
“descamba para a costa oriental”.  
(CUNHA, 1966b:95) Nesse percur-  
so rumo ao interior, é necessário  
que o narrador siga o movimento  
do planalto para assistir, como  
espectador, o drama da constitui-  
ção da terra que se verifica na  
constante luta entre as águas dos  
mares e rios, entre litoral e inte-  
rior, com tamanha violência, que  
seu martírio se traduz pela forma-

ção e deformação, pela composição e decomposição da forma sólida em busca de uma forma líquida, isto é, em uma forma ainda amorfa, pronta para renascer.

“De sorte que quem o contorna, seguindo para o norte, observa notáveis mudanças de relevos: a princípio o traço contínuo e dominante das montanhas, precipitando-o, com destaque saliente, sobre a linha projetante das praias; depois, no segmento de orla marítima entre o Rio de Janeiro e o Espírito Santo, um aparelho litoral revoltado, feito da envergadura desarticulada das serras, erigido de cumeadas e corroído de angras, e escancelando-se em baías, repartindo-se em ilhas, e desagregando-se em recifes desnudos, à maneira de escombros do conflito secular que ali se trava entre os mares e a terra; (...)” (CUNHA, 1966b:95)

O movimento de decomposição ou deformação da terra em fragmentos, que logo depois sofre processo de recomposição em uma outra forma, não mais *formada*, mas *em formação*, revela que a narrativa se estrutura sobre um processo de composição dialética de deformação e recomposição. Este é o drama encenado pela natureza e pela palavra, que busca sempre novas formas de expressar o novo. A superfície da terra refle-

te as transformações geológicas internas; interior e exterior estão em gestação. A terra está em processo de constituição, bem como a palavra literária. O seu exterior se movimenta passando de escarpas agressivas para vales arredondados, porque seu interior é formado de camadas em constante mutação.

“(...) em seguida, transposto o 15º paralelo, a atenuação de todos os acidentes - serranias que se arredondam e suavizam as linhas dos taludes, fracionadas em morros de encostas indistintas no horizonte que se amplia; até que em plena faixa costeira da Bahia, o olhar, livre dos anteparos de serras que até lá o repulsam e abreviam, se dilata em cheio para o ocidente, mergulhando no âmago da terra amplíssima lentamente emergindo num ondear longínquo de chapadas...” (CUNHA, 1966b:95-6).

De uma paisagem revolta temos agora o arredondamento e atenuação da terra, de sorte que a interfusão de água e terra propicia a visão de um “ondear longínquo de chapadas”. Em outras palavras, a terra vista sob um novo ângulo assemelha-se ao mar. O próximo corte feito, busca o olhar para o interior do solo, para a formação geognóstica que consiste na combinação de elementos díspares e,

mais  
encet  
Expli  
to eu  
aspe  
de vi  
calid  
como  
natur  
onde  
porte  
encet  
reort  
olhar  
deias  
cia h  
flora  
ção d  
fertil,  
ml. O  
confe  
ativid  
nas o  
que i

geológicas  
interior estão  
está em pro-  
bem como  
seu exterior  
do de escar-  
vales arre-  
a interior é  
em constan-

posto o  
ação de  
errâncias  
e suavi-  
taludes,  
rros de  
no hori-  
até que  
terra da  
los ante-  
até lá o  
se dila-  
ocidente,  
nago da  
tamente  
lear lon-  
padas...")

gem revolta  
ndamento e  
e sorte que a  
erra propicia  
ar longínquo  
ras palavras,  
novo ângulo  
. O próximo  
olhar para o  
a formação  
iste na com-  
s díspares e,

mais uma vez, o leitor é exposto à encenação do drama da terra. Explicitando essa intenção, o texto euclidiano começa a revelar aspectos desse ritmo incessante de vida, cuja plasticidade, musicalidade e teatralidade aparecem como inerentes ao fenômeno da natureza. A terra é o anfiteatro onde a "natureza armou sua mais portentosa oficina". Esta oficina encena quadros da natureza cujos recortes variam de acordo com o olhar do pintor: as revoltosas cadeias montanhosas, a caótica bacia hidrográfica, a opulência da flora litorânea, a inóspita vegetação do sertão, o litoral povoado e fértil, o sertão despovoado e estéril. O embate da natureza, que confere caráter dramático à sua atividade, passa a ser observado nas oscilações climáticas opostas que interferem na terra.

"As forças que trabalham na terra atacam-na na contextura íntima e na superfície, sem intervalos na ação demolidora, substituindo-se, com intercadência invariável, nas duas estações únicas da região. Dissociam-na nos verões queimados; degradam-na nos invernos torrenciais. Vão do desequilíbrio molecular, agindo surdamente, à dinâmica portentosa das tormentas. Ligam-se e complementam-se. E consoante o preponderar de uma e outra, ou o entrelaçamento de ambas, modificam-se os aspec-

tos naturais." (CUNHA, 1966b:105)

Utilizando a técnica da prefiguração, o narrador busca enxergar, através de uma imagem prévia, o que mais tarde acontecerá nos outros segmentos. A imaginação é o elemento que conecta o real com o simbólico. Passado e presente encontram-se inscritos nas terras que antes rolavam em ondas. Baseando-se nas pesquisas dos viajantes naturalistas, ao imaginar que, na idade terciária, os antecedentes do solo brasileiro eram as vagas, as correntes e as bacias cretáceas, o narrador passa a colocar em movimento todo o continente americano.

"Não existiam os Andes, e o Amazonas, largo canal entre as antiplanuras das Guianas e as do continente, separava-as, ilhadas. (...) Ao abrir-se a época terciária, se realiza o fato prodigioso do alevantamento dos Andes, novas terras afloram nas águas, tranca-se num extremo, o canal amazônico, transmudando-se no maior dos rios; ampliam-se os arquipélagos esparsos, e ganglionam-se em istmos, e fundem-se; arredondam-se, maiores, os contornos das costas; e integra-se, lentamente, a América." (CUNHA, 1966b:108)

O deslocamento espacial remete ao deslocamento temporal

em direção às origens primeiras da vida. Assistimos à gestação do continente americano através das águas, lembrando o gênesis bíblico que narra a origem do mundo. Repete-se, mais uma vez, o gesto do eterno retorno ao reino dos contrários complementares: do caos nasce o cosmos, do nada nasce a vida, de forma a se perpetuar esse ensaio em uma dinâmica da transformação onde a terra ainda está por se constituir, bem como o homem e a nação. A interação de opostos que se complementam faz emergir a vida: "Acredita-se que a região incipiente ainda está preparando-se para a Vida: o líquen ainda ataca a pedra, fecundando a terra." (CUNHA, 1966b:108)

A terra começa seu martírio, interagindo e interferindo no clima, na vegetação, no ar, nos ventos, nas águas. Tudo prefigura o martírio da terra. De um lado, climas excessivos de "verões queimados", de outro, chuvas torrenciais, uma secura extrema de ares que levam a "alturas e quedas termométricas repentinas" e, novamente, uma "flora tolhiça" entre leitos contorcidos de rios secos, formando a imagem de uma paisagem de "aspecto atormentado" (CUNHA, 1966b:105). O que temos é uma natureza torturada que se forma e deforma prefigurando a gênese de um homem, um país,

uma nação, um continente americano, ainda em processo de constituição. Novamente, revela-se o princípio de composição que prefigura o todo, na parte mínima, e o macrocosmo no microcosmo.

Não é à toa que o livro de Euclides da Cunha intitulado *Os Sertões*, enunciador explícito da existência de uma pluralidade dentro da unidade, inicia-se com a imagem do planalto central se deslocando pelos vários espaços que o envolvem rumo ao interior. Cabe aqui mencionar a observação de José Carlos B. de Santana sobre a polêmica descrição do planalto central como sendo inexata. Alguns críticos apontam "erros" geográficos curiosamente cometidos por Euclides da Cunha que, é sabido, estudou rigorosamente os mapas e relatórios sobre o planalto brasileiro, utilizando-os como fonte para a composição de seu livro. Como poderia o autor ter se enganado acerca da unidade que descreve, por vezes estendendo demais os limites do planalto, por outras, deixando de mencionar informações descritivas ou históricas? O que ocorre é, na verdade, a fundação de uma geografia instituída por narradores múltiplos, que reflete a fundação de uma língua brasileira, pois para criar novos mundos e espaços, há que se envergar sobre a própria língua, de maneira que esta se modele ou

nente ameri-  
sso de cons-  
revela-se o  
ção que prefir-  
mínima, e o  
ocosmo.

ne o livro de  
intitulado *Os*  
explícito da  
pluralidade  
ncia-se com  
to central se  
rios espaços  
o ao interior.  
ar a observa-  
}. de Santana  
crição do pla-  
endo inexata.  
ntam “erros”  
nente cometi-  
Cunha que, é  
rosamente os  
obre o planal-  
ndo-os como  
sição de seu  
o autor ter se  
unidade que  
s estendendo  
planalto, por  
e mencionar  
vas ou histó-  
é, na verdade,  
geografia ins-  
tes múltiplos,  
ação de uma  
bis para criar  
paços, há que  
própria língua,  
se modele ou

se forme em um movimento con-  
junto e isomórfico com o que quer  
se fundar. O olhar está intima-  
mente associado à palavra.  
Euclides da Cunha busca dar for-  
ma nova e original, a partir das  
suas próprias descobertas e visão  
de mundo, a algo que não é novo.  
Portanto, o planalto central, esco-  
lhido e fundado por Euclides, é  
um planalto em plena formação,  
em transformação, em metamorfo-  
se, movimento em que se encontra  
o homem brasileiro na busca de  
uma identidade e na formação de  
uma nação.

Para aquele que entende a  
existência humana, as idéias de  
tempo e espaço e a própria natu-  
reza como instâncias carregadas  
de significado, homem e cosmos  
interagem de forma constante e  
exercem forças um sobre o outro.  
Sendo assim, o espaço e a consti-  
tuição da morada humana em que  
se vive são sagrados e heterogê-  
neos, bem como a experiência com  
o tempo, suas relações com a  
Natureza, e a consagração da  
existência em geral.

Assim, Euclides da Cunha  
começa a construir seu espaço  
sagrado na primeira parte de *Os*  
*sertões*. Em “A Terra” inicia-se a  
cosmicização de um espaço caóti-  
co, através do ato cosmogônico de  
formação da América. A acepção  
dada ao espaço é a mesma do  
tempo. Para o homem religioso o

tempo também deixa de ser homo-  
gêneo e contínuo. O tempo sagra-  
do se mostra como um tempo mítico  
primordial tornado presente,  
ele não muda e tampouco se esgo-  
ta, pois é circular, podendo ser  
recuperado e reintegrado pelo ho-  
mem através de ritos de renova-  
ção. Este tempo não foi precedido  
por nenhum outro porque é o tem-  
po original de toda a realidade  
mítica, é o tempo arcaico.<sup>2</sup> Narrar  
novamente o nascimento dos rios,  
mares, bacias hidrográficas, ilhas,  
terras, flora, fauna, homem, enfim,  
narrar o surgimento do Mundo, é  
regressar ao tempo de origem de  
forma que a vida possa ser recria-  
da pela repetição simbólica do ato  
cosmogônico. Portanto, a razão de  
nos perguntarmos “como” Euclides  
da Cunha constrói a sua narrativa  
é simplesmente a seguinte:

“Narrando como vieram à  
existência as coisas, o homem  
explica-as e responde indire-  
tamente a uma outra questão:  
*por que* elas vieram à exis-  
tência? O “por que” insere-se  
sempre no “como”. E isto pela  
simples razão de que, ao se  
contar *como* uma coisa nas-  
ceu, revela-se a irrupção do  
sagrado no mundo, causa úl-  
tima de toda existência real.”  
(CUNHA, 1966b:86)

Martins Fontes, 1999, pp. 63-8.

Euclides da Cunha começa a construir seu espaço sagrado com a instituição de sua própria geografia. O mesmo se dá quando escreve sobre a Amazônia. Nas primeiras páginas de *À Margem da História*, o narrador nos apresenta a Natureza como lugar do caos, da desordem, pois está em formação, é indistinta, e o espaço está se reorganizando, rios, bacias, a topografia, tudo sofrendo processo de transformação de tempos em tempos. A mobilidade é característica evidente. A flora sofre o mesmo processo: o de uma "imperfeita grandeza". À parte de tudo isso, está o Homem, intruso na Amazônia, pois o desolamento das paragens do norte é tão grande que a presença humana é tragada pela infinitude da Natureza. Antes da chegada do homem, a *physis* se prepara para recebê-lo e para ser cosmicizada e reorganizada para que espaço, tempo e existência sejam infinitamente renovados. "O homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido - quando a natureza ainda estava arrumando seu mais vasto e luxuoso salão." (CUNHA, 1966a:223) Em meio à desordem, o homem assume o lugar de agente recriador do ato cosmogônico do mundo. "Os mesmos rios ainda não se firmaram nos leitos", pois estão em pleno processo de gestação; as

descrições de "meandros instáveis e contorcidos" concedem um caráter de movimento inerente ao processo de criação. A flora segue o mesmo percurso: em um movimento de características aparentemente opostas, mas que se complementam, a flora se forma contrastando o novo ao arcaico e os pares opostos que daí podem surgir: meio-dia/noite, silêncio/ruído, fetos arbórescentes/remotas idades, etc. A viagem ao mundo das origens se inicia. A "palmeira", as "árvores de tronco retilíneo" levam o observador a uma viagem às origens daquela terra, à viagem vertical, no tempo e no espaço. "Quem segue pela mata (...) tem a sensação angustiosa de um recuo às mais remotas idades, como se rompesse os recessos de uma daquelas mudas florestas carboníferas desvendadas pela visão retrospectiva dos geólogos." (CUNHA, 1966a:224) O mesmo acontece com a fauna: "Completa-a, ainda sob esta forma antiga, a fauna singular e monstruosa, onde imperam, pela corpulência, os anfíbios, o que é ainda uma impressão paleozóica." (CUNHA, 1966a:224)

Da mesma forma, a fauna encontra-se na sua forma primitiva. Na cadeia evolutiva, esta natureza traz a forma do arcaico no novo, já que a América era a terra da promessa, o Novo Mundo de que davam notícia os cronistas-

viajan  
uma t  
incom  
de um  
é talv  
do, ce  
dução  
Hartt'  
forma  
da em  
cia: a  
onde c  
se vol  
pouco  
escrit  
surpre  
são de  
um m  
que se  
disiãc  
do Bra  
dos ro  
l  
Missis  
tam  
grand  
suas n  
pa lug  
destac  
clusiva  
terras  
maior  
(CUNH  
tair o  
na nel  
ao pa  
primor  
dissipi  
minho

rios instáveis  
dem um caráter  
rente ao pro-  
flora segue o  
n um movi-  
ticas aparen-  
s que se com-  
e forma con-  
arcaico e os  
ú podem sur-  
ilêncio/ruído,  
remotas ida-  
o mundo das  
palmeira”, as  
ilíneo” levam  
viagem às ori-  
a viagem ver-  
espaço. “Quem  
tem a sensa-  
um recuo às  
es, como se  
s de uma da-  
as carbonífe-  
visão retros-  
s.” (CUNHA,  
10 acontece  
leta-a, ainda  
ga, a fauna  
sa, onde im-  
cia, os anfí-  
na impressão  
, 1966a:224)  
na, a fauna  
orma primiti-  
va, esta na-  
o arcaico no  
a era a terra  
o Mundo de  
s cronistas-

viajantes, fontes de Euclides. Mas uma terra nova que é imperfeita e incompleta. Este já é o prenúncio de uma metamorfose. “A Amazônia é talvez a terra mais nova do mundo, consoante as conhecidas induções de Wallace e Frederico Hartt”. (CUNHA, 1966a:224) A sua formação já havia sido renunciada em *Os Sertões*. Euclides denuncia: a Amazônia é o espaço para onde os olhares estrangeiros mais se voltam, no entanto, conhece-se pouco dela. E adverte o leitor: os escritos sobre a Amazônia atraem, surpreendem, embevecem, mas são desconexos e revelam sempre um mundo maravilhoso, descrição que segue à regra as visões paradisíacas que se construíam acerca do Brasil, através dos cronistas e dos românticos.

Enquanto rios como o Mississipi e o Hoang-Ho representam marcos do nascimento de grandes civilizações surgidas em suas margens, o rio Amazonas ocupa lugar contrário: “O que nele se destaca é a função destruidora, exclusiva. (...) E toda essa massa de terras diluídas não se regenera. O maior dos rios não tem delta.” (CUNHA, 1966a:224) Para reconstituir o espaço e a identidade humana nele instituídos, deve-se retornar ao passado longínquo, ao tempo primordial. O Amazonas tende a dissipar e destruir, pois em seu caminho rumo a terras mais distan-

tes, ao espaço mais vasto e infinito, ao sem margem, ao amorfo, é possível recriar uma nova forma de vida, semelhante a da terra, do território, do homem e da nação em processo contínuo de formação.

“E o Amazonas, nesse construir o seu verdadeiro delta em zonas tão remotas do outro hemisfério, traduz, de fato, a viagem incógnita de um território em marcha, mudando-se pelos tempos adiante, sem parar um segundo, e tornando cada vez menores num desgastamento ininterrupto, as largas superfícies que atravessa. Não se lhe apontam formações duradouras, ou fixas” (CUNHA, 1966a:224)

Após um movimento de destruição, de caos, necessário para reinstauração do ciclo de renovação da Vida, volta-se ao movimento de nascimento e construção de uma forma. Parte-se do amorfo para o “em formação”, de caráter provisório e temporário, para que um novo ciclo irrompa. “Então as faculdades criadoras do rio despontam surpreendedoramente. O baixio prestes recém-formado e aflorando à superfície, delineia-se, em contornos indecisos: define-se logo, vivamente: dilata-se e ascende, bombeando levemente nas águas (...)” (CUNHA, 1966a:224) Narrando a história do rio Amazonas, o narrador narra a história de uma nação.

Ao mencionar o nascimento das civilizações arcaicas nas margens dos rios, o narrador remete, no nível antropológico, à cosmogonia do nascimento do gênero humano como proveniente das águas. Se em *À Margem da História* a analogia se dá entre rio e homem, em *Os sertões* a analogia é entre terra e homem. O sertão seco e o sertão úmido. A mesma miséria, a mesma salvação. A Natureza ao mesmo tempo açoita e recompensa, é inimiga e salvadora, inferno e refúgio, vida e morte.

A Amazônia esquecida pelo homem esconde também, além de riquezas, algumas cruéis imperfeições. Em *Os sertões*, o narrador deseja denunciar o erro que foi a Guerra de Canudos e, para melhor atingir o seu objetivo, o autor se utiliza das vozes dos discursos de diferentes áreas de conhecimento. Uma delas é a dos vencidos. O contraste entre os discursos hegemônicos dos vencedores, isto é, da ciência, do exército e da civilização e a voz dos sertanejos, bárbaros, inculcos e fracos, dá força ao tom de denúncia presente na obra. O mesmo processo ocorre na primeira parte dos ensaios, estudos e artigos sobre a Amazônia contidos em *À Margem da História*. O narrador denuncia o esquecimento reservado às paragens e homens do norte; apesar de a Amazônia ser “a paragem mais perulustrada dos sábios” é também “a menos conhecida”. E continua:

“A literatura científica amazônica, amplíssima, reflete

bem a fisiografia amazônica: é surpreendente, preciosíssima, desconexa. Quem quer que se abalance a delectreá-la, ficará, ao cabo desse esforço, bem pouco além do limiar de um mundo maravilhoso”. (CUNHA, 1966a:224)

Euclides, no entanto, deseja enxergar ainda o lado oposto desse mundo maravilhoso, que se constitui também como um “paraíso diabólico”. (CUNHA, 1966a:232) A ironia fina, uma das características mais marcantes na prosa euclidiana, aparece em um breve exemplo dado pelo narrador sobre uma lenda popular amazonense. Narra a lenda da ilha de Marapatá, situada à entrada de Manaus, a qual tem a função de explicar exatamente o que sucede a quem habita a ilha. A lenda diz que todo recém-chegado deixa por lá sua consciência, a ponto de chamarem-na de “Ilha da Consciência” já que “nas paragens exuberantes das héveas e castilhoas, o aguarda a mais criminosa organização do trabalho que ainda engehou o mais desaçamado egoísmo.” (CUNHA, 1966a:232) Denuncia a miséria do homem que nesse espaço corrompido e profanado pelos donos de seringais - metáfora do homem profano que entende o espaço, tempo, natureza e existência como destituídos de significado - “trabalha para escravizar-se”. Este é o quadro real que vê. O endividamento antecipado do imigrante, a escravização, a morte em vida são realidades inolvidáveis e que tor-

nam  
cepci  
ensai  
redim  
paço  
forma  
aban  
toma  
com  
busca  
o esp  
relaçã  
que f  
mo ir  
movir  
bra d

REPI

CUNHA  
Cout  
Agu

---  
A  
Agu

---  
(ing  
Agu

---  
(ing  
Agu

---  
cont  
Jane

---  
EUADE  
das

razônica:  
eciosíssi-  
em quer  
letreá-la,  
e esforço,  
lumiar de  
avilhoso”.

tanto, deseja  
oposto desse  
que se consti-  
um “paraíso  
1966a:232) A  
características  
rosa euclidia-  
reve exemplo  
re uma lenda  
Narra a lenda  
situada à en-  
lial tem a fun-  
amente o que  
a ilha. A len-  
cém-chegado  
iência, a pon-  
de “Ilha da  
nas paragens  
as e castilhoas,  
linosa organi-  
e ainda enge-  
ado egoísmo.”

Denuncia a  
e nesse espa-  
ofanado pelos  
metáfora do  
entende o es-  
a e existência  
significado -  
rizar-se”. Este  
é. O endivida-  
o imigrante, a  
e em vida são  
eis e que tor-

nam o seringueiro um “lutador ex-  
cepcional”. Euclides termina seu  
ensaio reclamando a urgência de se  
redimensionar e regenerar esse es-  
paço para que o homem que ali  
forma uma “sociedade obscura e  
abandonada” possa novamente re-  
tomar o seu consórcio definitivo  
com a terra. Em outras palavras,  
buscar este consórcio é cosmicizar  
o espaço comum, reorganizar as  
relações entre natureza e homem  
que fazem parte de um macrocos-  
mo indissociável do sagrado e em  
movimento. A interrupção ou que-  
bra dessa dinâmica provoca a de-

sordem, o caos e, conseqüentemen-  
te, a dessacralização do todo, frag-  
mentando-o em partes isoladas e  
destituídas de significado. O autor  
convoca o leitor a cosmicizar o  
mundo.

Sendo assim, a denúncia do  
abandono de uma sociedade que se  
forma e organiza no interior do  
Brasil e a renúncia ao esquecimen-  
to das almas dos mártires da Guerra  
de Canudos e das vidas escraviza-  
das e exploradas dos seringueiros  
amazonenses, é a mensagem que o  
rio Amazonas pode levar pelo seu  
curso afora.

## REFERÊNCIAS

- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Org. Afrânio Coutinho. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1966b, v. II.
- “A Nossa Vendéia (1897). In: Coutinho, A. (org.) *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1966b, v. II, p. 575-82.
- *À Margem da História*. In: Coutinho, A. (org.) *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1966a, v. I.
- *Contrastes e confrontos*. In: Coutinho, A. (org.) *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1966a, v. I.
- “O inferno verde”, In: *Outros contrastes e confrontos*, *Obra Completa*, volume I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1966a, v. I, p. 446-52.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GOETHE, Johan Wolfgan. *A Metamorfose das Plantas*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Estudos Gerais, Série Universitária. Lisboa, 1993.
- PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*, Leo Christiano Editorial, Rio de Janeiro, 1999.
- SANTANA, José C. Barreto de. *Ciência e Arte: Euclides da Cunha e as Ciências Naturais*. Feira de Santana: Editora Hucitec, Universidade Estadual Feira de Santana, 2001.
- TOCANTINS, Leandro. *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- ZILLY, Berthold. “A Guerra como painel e espetáculo: a história encenada em *Os sertões*”. *Revista História, Ciências e Saúde*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1997, vol. V.

# ARTIGO

Carlo

Al  
Test  
Gue

RES  
Nesse  
Virgin  
imens  
cas et  
histor  
passa  
seu di  
indiss  
repro  
firme  
agrec  
nais. e

PAL  
I Diar

ABS  
In this  
sims  
Autho  
write  
diarie  
to bul  
an ab  
partic  
the in  
the re  
thul car  
senses  
and te  
listeni

KEY  
I - dia

**Carlos Perrone Jobim Júnior\***

## A leitura informal da vida: Testemunhos, jornais e boatos sobre a Guerra de Canudos em um diário maragato

### RESUMO

Nesse trabalho, tentei resgatar algumas das impressões de Isidoro Virgínio até sua participação na Guerra de Canudos. Autor de imensa obra resgatou nela a experiência do vivido, fixada em marcas escriturais. Os diários, memórias e cartas permitem que o historiador encontre subsídios para construir as sensibilidades do passado. Como presentificação de uma ausência – a vida vivida – seu diário permite encontrar no particular, aspectos da rede social indissociáveis da história individual. É o caso do depoente, que representa o mundo real através de seu testemunho e que também fornece, além da percepção do próprio olhar a dos ouvidos. Esses apreendem a leitura indireta oferecida pelos casos, boatos e jornais, considerando que ler é, de alguma forma, escutar.

### PALAVRAS-CHAVE

1 Diário – 2 Guerra de Canudos – 3 Testemunho

### ABSTRACT

*In this paper, I intend to recall some of Isidoro Virgínio's impressions up to the point of his participation in the Canudo's war. Author of extensive work, he managed to bring back, by means of written records, the experience of what was lived at that time. The diaries, memories and letters allow the historian to find subsidies to build the sensibilities of the past. Just like the materialization of an absence – the lived life – his diary enables us to find in the particular, aspects of the social net that cannot be dissociated from the individual history. That is the case of the narrator, who depicts the real world through his testimony, and provides us with meaningful samples of what his own look and hearing could perceive. Both senses grasp the indirect reading offered by happenings, rumors and newspapers, once one considers that reading can be, somehow, listening.*

### KEY WORDS

1 – diary. 2 - Canudos war. 3 - testimony

\* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutorando em História pela UFRGS-RS. Orientadora: Sandra Jatany Pesavento – UFRGS-RS. E-mail: cjobim@hotmail.com

" Pois os olhos são  
testemunhas  
mais exatas que os ouvidos"  
Heráclito de Éfeso

A noite, ainda regida pelo brilho dos corpos celestes, foi subitamente tomada pelo ressoar metálico do clarim. O toque de alvorada anunciava a aproximação do astro-rei, como se lhe roubasse o momento ao se colocar entre o sol e a cidade. Assim, Rio Grande perdia o prenúncio de um majestoso espetáculo: precedia à luz o som.

De repente, o pátio interno da caserna começou a crepitar sob o impacto dos coturnos que, após o rancho, rumavam para o mesmo lugar. Perfilavam-se em formatura, ajustando seus corpos, a distância de um braço, cujo prumo eram as linhas geométricas do velho prédio. O imenso retângulo humano aguardava impaciente às ordens, enquanto o ar enregelado pelo inverno sulino, empurrado pela respiração de muitos pulmões, mais parecia resistir do que propriamente ceder. Enquanto isso, a banda de música procurava, em desacertadas notas, afinar seus instrumentos, sem obedecer a qualquer compasso. Tudo tomava lugar.

Escutei um chamado distante, produzido pelo corneteiro que, de fora, avisava a chegada dos

convidados. Todos ficaram atentos, pois o teatro estava prestes a começar. Não demorou muito para que seus passos atravessassem o pórtico de entrada. Era o comandante que, recebendo um general, passava a acompanhá-lo para a inspeção de rotina. As vozes sumiram, mas os homens continuavam atentos. Então, um forte, simultâneo e espasmódico bater de mãos, coxas e calcanhares ecoou. Mais parecia um gigante a despertar de seu sono. Uma nova ordem da corneta produziu o movimento de centenas de braços; todos, em continência, saudavam os hierarcas. As autoridades, ao tomarem lugar no palanque, receberam elogioso discurso do coronel. Após o desfile das tropas, encerrou-se o esotérico espetáculo. Agora, os militares podiam retomar suas tarefas diárias e eu, deixar o quartel.

Estava no segundo andar do 6º GAC, onde fora alojado graças a concessão do comandante. Encontrava-me em Rio Grande justamente para coletar alguns dados referentes ao meu trabalho de mestrado. Por se tratar de uma dissertação que abordava a vida de um soldado daquele mesmo quartel, na época conhecido como 12º Batalhão de Infantaria, o famoso "Treme-terra" (alcunha adotada na Guerra do Paraguai), não foi difícil sensibilizar o coronel da importân-

ficaram aten-  
ava prestes a  
u muito para  
vessassem o  
lra o coman-  
o um general,  
ná-lo para a  
As vozes su-  
ns continua-  
um forte, si-  
lico bater de  
hares ecoou.  
gante a des-  
Jma nova or-  
uziu o movi-  
e braços; to-  
saudavam os  
lades, ao to-  
que, recebe-  
o do coronel.  
opas, encer-  
espetáculo.  
podiam reto-  
iárias e eu,

ndo andar do  
lado graças a  
comandante.  
o Grande jus-  
alguns dados  
alho de mes-  
uma disser-  
a vida de um  
mo quartel,  
o como 12º  
ia, o famoso  
a adotada na  
não foi difícil  
da importân-

cia da pesquisa e da dificuldade dos custos, problema comum a maioria dos pesquisadores.

Desci as escadas e caminhei em direção ao portão principal. Olhava para as salas acinzentadas, com o pé direito altíssimo, como as estreitas portas e janelas de madeira encravadas em grossa parede também eram. Mas, sobretudo, o que mais me chamava a atenção era o que existia por trás daquela cor. Recordava-me do diário que revelava um acontecimento de 1896, esquecido pelo tempo e abafado pelas autoridades locais: a rebelião do baixo escalão. Deixo a indicação da minha dissertação para os mais curiosos. Apenas volto a lembrar que, em alguma daquelas paredes talvez ainda reste, encoberta por sucessivas camadas de tinta, as palavras dos rebelados, inscritas em algum lugar. Mas o que importava, naquele momento, era sair pelas ruas, retornar ao “mundo civil”, em direção ao antigo prédio da biblioteca. No caminho percebia os resquícios do passado: a visão do campo da Geribanda, transformado em praça Tamandaré, como também as fachadas antigas de algumas casas, o antigo quartel general que durante a Revolta da Armada teve seu brasão arrancado por um tiro de canhão. Olhava para tudo a partir do que Isidoro sinalizou.

Se utilizo minha própria experiência para falar da vida de um outro homem e de um outro tempo, e se também uso expressões comuns a vida militar (civil, rancho, caserna, continência, etc.), talvez seja para mostrar o quanto esse estilo de vida esteve presente na minha própria história. Encontrar o diário de Isidoro Virgínio foi, em certa medida, retornar a um universo que a muito tinha me afastado. Algumas expressões como “é tempo de Murici, cada qual cuide de si”, escutei várias vezes da boca de meu pai e, posteriormente, em “Os Sertões”, do célebre Euclides da Cunha. Agora elas reverberam nas páginas escritas por Isidoro. Sinto que as experiências anteriores da minha vida (ser filho de militar e ter estudado no colégio militar), muitas vezes amargas, ganharam atualmente um sentido e uma finalidade, na medida em que me permitem enxergar mais além do que outros que não as tiveram. Lembro-me ainda de um amigo cineasta que ficou encantado com o diário porque seu pai era músico. Nesse caso, a vantagem era dele.

#### ISIDORO VIRGÍNIO – VIDA E OBRA

Percorrer o caminho que traz as experiências de uma vida não é tarefa fácil. Alguns percalços en-

contram-se, até mesmo, em outro universo, que não diz respeito a própria fonte, mas na história da fonte. No percurso realizado desde o momento em que ela deixa as mãos do autor para cair em mãos alheias. Por isso, encontrando-me agora como guardião de todo o material, posso situar tanto a vida como a obra do nosso personagem, com maior precisão.

Isidoro Virgínio nasceu em 1876, na cidade de Rio Grande. Vindo de uma família de agricultores pobres, ingressou no Exército no mesmo ano da morte de sua mãe, em 1891. Com a “Revolução Federalista” e a “Guerra de Canudos”, Isidoro conheceu as agruras da guerra; felizmente, o jovem soldado-músico sobreviveu. Tais experiências foram muito traumáticas, de modo que ele decidiu abandonar a farda para aprender um ofício. Dedicou-se, então, a arte do panifício. Depois de trabalhar nas padarias cariocas, o jovem aventureiro entrou para a Marinha Mercante, o que lhe possibilitou conhecer boa parte do mundo. Em 1944, decidiu se aposentar. Já velho e doente, retornou para sua cidade natal, internando-se no hospital da Beneficência Portuguesa. Morreu em 1956.

Na escrita de seu destino, outros acontecimentos paradigmáticos de nossa história foram

por ele testemunhados: a “Revolta da Vacina” e o torpedeamento de navios brasileiros pelos submarinos alemães, durante a “Segunda Guerra Mundial”. No entanto, esses episódios pertencem a um relato, cujas experiências de vida foram mais amplas, fornecendo uma dimensão ainda maior das possibilidades de apreender a nossa história. Ou seja, também podemos resgatar, a partir dessa narrativa, as condições de trabalho dos homens pobres, os estereótipos que pesavam sobre eles, o que pensavam, como viviam, quais eram seus medos, anseios, expectativas e sensibilidades, desvelando um universo de sentidos e imagens.

A obra de Isidoro Virgínio impressiona. Seu diário memorialístico foi intitulado “A Vida Mal Vivida”, perfazendo um conjunto de 20 cadernos padronizados da livraria Globo. Muito mistério ainda ronda o campo das condições de produção desse material, mas ainda é cedo para chegarmos a determinadas certezas. Trata-se de um material genuíno, na medida em que no final da vida, “passou a limpo” a grande quantidade de folhas, de tamanhos, cores e formatos diferentes, confeccionados ao longo de sua vida.

Por sua vez, nos cadernos intitulados “A Vida mal Vivida – Rio Grande”, temos a oportunida-

de de ver  
narrativa  
de seguir  
do seu co  
uma outra  
cidade. As  
passa a se  
torizador de  
medida em  
vida das p  
costumes.  
gistra aqu  
memória,  
passado. (n  
nem tudo  
pois alguns  
nessa traje  
esses algu  
mos de enf  
ver com t  
do ofício de

OLHAR E

As m  
que os olh  
“ter visto”,  
fatos sem s  
A sensaçã  
imensa; em  
preendemos  
fomos os  
Embora a  
fantástico,  
de uma ilu  
fias. O eng  
serva, no m  
va sobre o  
verdade não  
Conservar (

os: a “Revolta  
deamento de  
elos submari-  
e a “Segunda  
entanto, es-  
cem a um re-  
cias de vida  
i, fornecendo  
la maior das  
aprender a  
seja, também  
partir dessa  
ões de traba-  
es, os estere-  
sobre eles, o  
omo viviam,  
ados, anseios,  
ensibilidades,  
erso de senti-

doro Virgínio  
ário memoria-  
“A Vida Mal  
um conjunto  
ironizados da  
mistério ain-  
las condições  
material, mas  
chegarmos a  
zas. Trata-se  
úno, na medi-  
da vida, “pas-  
le quantidade  
nhos, cores e  
confecciona-  
vida.  
nos cadernos  
mal Vivida –  
a oportunida-

de de ver uma mudança na sua  
narratividade, pois Isidoro deixa  
de seguir o caminho cronológico  
do seu contar, para estabelecer  
uma outra linha, a das ruas da  
cidade. Assim, na velhice, Isidoro  
passa a ser, de alguma forma, his-  
toriador de sua própria cidade, na  
medida em que narra os fatos, a  
vida das pessoas, seus hábitos e  
costumes. No seu caminhar, re-  
gistra aquilo que retorna a sua  
memória, como lembranças do  
passado. Cabe ainda dizer que  
nem tudo pode ser recuperado,  
pois alguns cadernos se perderam  
nessa trajetória. Obviamente, são  
esses alguns dos limites que te-  
mos de enfrentar, visto que convi-  
ver com tais acidentes faz parte  
do ofício do historiador.

#### OLHAR E ESCUTAR

As mãos são mais rápidas  
que os olhos. O sucesso está no  
“ter visto”, ou seja, testemunhar os  
fatos sem saber o que aconteceu.  
A sensação de perplexidade é  
imensa; em parte porque não com-  
preendemos e em outra porque não  
fomos os únicos a ser iludidos.  
Embora a mente fique presa ao  
fantástico, sabemos que se trata  
de uma ilusão, como as hologra-  
fias. O engano dos sentidos con-  
serva, no mistério, uma expectati-  
va sobre o segredo. Mas, contar a  
verdade não é parte do espetáculo.  
Conservar o segredo, eis o grande

desafio dos ilusionistas. E o gran-  
de mágico é aquele que consegue  
iludir a todos, dando a impressão  
de que algo incrível aconteceu.

Assim, quando narramos  
nossas experiências, as imagens  
da retina têm um poder sobre  
quem escuta. O testemunho, des-  
se modo, encontra sua força de  
convencimento no fato do narra-  
dor “ter visto”, do mesmo modo  
como o viajante precisa retornar  
para poder contar o que viu.  
Assim, Marco Pólo, Hans Staden,  
entre outros tantos, em seu re-  
gresso, trouxeram as lembranças  
daquilo que testemunharam, po-  
voando as mentes de seus con-  
temporâneos e fixando, grafica-  
mente, marcas do passado. Pois,  
existe um fator intrínseco no  
olhar: o ato de conhecer. É o que  
nos lembra François Artog, ao di-  
zer que aquele que viajou e não  
viu, não viajou<sup>1</sup>.

Nesse sentido, o diário de  
Isidoro Virgínio é generoso, trans-  
portando uma torrente de infor-  
mações, impressões, percepções e  
imagens sobre a história de sua  
vida e, sobretudo, uma tradução  
pessoal da história da República.  
Pois, como já foi dito, teve uma  
vida aventureira ao sair pelo mun-  
do em busca de histórias. Se eti-

<sup>1</sup> (HARTOG:2004)

mologicamente a palavra aventura vem do latim, significando as “coisas que estão por vir”, podemos encontrar essa intenção já no primeiro subtítulo do diário, onde aos treze anos começa sua narração: “*Para Porto Alegre*”.

“ Numa bela manhã do mês de dezembro de 1889, precisamente no dia 12, embarquei, por minha conta e risco, do porto de Rio Grande para Porto Alegre, sem saber direito o que ia fazer na Capital. O vapor era o Itália e até o dia de hoje estou para saber qual sua nacionalidade. Isto, aliás, pouco importava. Sendo vapor e carregando passageiros era o que me convinha pois quem viajava como eu, não interessava o nome. O que se quer é chegar ao destino, ainda mais para mim, um moleque vagabundo que vivia ao léu da sorte.”(p.1) **2**

De fato, um dos traços mais marcantes de Isidoro encontra-se no relato de suas experiências, a maior parte passadas em terras distantes. Suas impressões iniciais mostram uma expectativa, ao dizer *De vereda, saí portão a fora, [...] e lá me fui, sem saber por onde andava, sempre para frente, vira aqui, quebra ali.*(p.1) Para o jovem, nascido e criado na vida campestre, a cidade oferecia uma quebra da rotina, pois as novidades ofereciam-se para serem vistas, saboreadas: “*De quando em*

*vez parava numa vitrine, numa esquina, na ânsia de tudo ver, rua abaixo, rua acima, não me importava os transeuntes embora o fossem em grande número. Achava as casas mais bonitas que as de Rio Grande.*”(p.1)

Não sabemos nada sobre as razões de ter tomado tal decisão. Sua mãe ainda era viva e morava em Rio Grande com seus irmãos e o Sr. Antônio, seu padrasto. Embora fossem pobres, tinha uma sorte melhor que a dos menores abandonados, cujo destino era, quando eram pegos pelas autoridades policiais, serem enviados para a escola de aprendizes-marineiros. Em momentos de guerra, muitos menores eram enviados para o campo de batalha, o que causava freqüentes debates sobre o limite de idade permitido. Mesmo assim, Isidoro decidiu se arriscar. Porém, para levar suas opções adiante, tinha que se adequar a nova realidade. Por isso, a primeira coisa que fez, ao desembarcar em porto Alegre, foi conseguir um emprego. Seu primeiro patrão era um italiano, quitandeiro no mercado público; chamava-se “Ângelo Pascallini” [sic]. Sobre isto, comentava:

**2** Todas as citações textuais do diário serão indicadas entre aspas, pela numeração dada por Isidoro Virgínio.

“Em ser c  
do que g  
que ná  
3\$000,00  
mês, cas  
tinha r  
roupa eu  
alegre e v  
em min  
vagabun  
dinheiro  
Tinha ca  
e horas d  
vagabun  
queria et  
pelo mul  
estava ar  
cia ser fil

Quan  
meiro orden  
par uma ca  
para não anc  
sar de, para r  
cia”. Embora  
sidades ten  
para o pequ  
não eram ui  
isso, compro  
hom tamanh  
disse, tratavi

“Agora si  
posso rot  
gurizada  
da cidad  
trazia a t  
dentro d  
cabo à t  
dormind  
verduras  
maidade  
ceio de  
plesment  
todos os

ne, numa es-  
tudo ver, rua  
ão me impor-  
mbora o fos-  
ro. Achava as  
ue as de Rio

ada sobre as  
o tal decisão.  
iva e morava  
eus irmãos e  
u padrasto.  
s, tinha uma  
dos menores  
destino era,  
pelas autori-  
em enviados  
ndizes-mari-  
os de guerra,  
am enviados  
talha, o que  
le debates sobre  
título. Mesmo  
u se arriscar.  
suas opções  
se adequar a  
sso, a primei-  
desembarcar  
conseguir um  
ro patrão era  
leiro no mer-  
va-se "Ângelo  
bre isto, co-

"Em ser quitandeiro, o ordena-  
do que ganhava era dinheiro  
que não acabava mais:  
3\$000,000 (três mil réis) por  
mês, casa e comida. Só não  
tinha roupa lavada. Também,  
roupa eu não tinha. Andava  
alegre e vivia satisfeito. Nunca  
em minha vida de moleque  
vagabundo tinha ganho tanto  
dinheiro sem fazer despesas.  
Tinha casa e comida à boche  
e horas de folga para a minha  
vagabundagem. O que mais  
queria eu? Nesta vida airada  
pelo mundo, não estava só,  
estava amparado. Já me pare-  
cia ser filho da terra."(p.2)

Quando ganhou seu pri-  
meiro ordenado, tratou de "*com-  
prar uma camisa e umas calças  
para não andar esmolambado ape-  
sar de, para mim não ter importân-  
cia*". Embora as primeiras neces-  
sidades tenham sido supridas,  
para o pequeno Isidoro, as ruas  
não eram um lugar seguro. Por  
isso, comprou "*ainda uma faca de  
bom tamanho*".(p.2) Afinal, como  
disse, tratava-se de um costume:

"Agora sim, já estou armado e  
posso roncar grosso com essa  
gurizada vagabunda das ruas  
da cidade. Todo tempo eu  
trazia a faca na cintura, por  
dentro das calças e com o  
cabo à mostra, até mesmo  
dormindo dentro da banca de  
verduras no mercado, não por  
maldade nem que tivesse re-  
ceio de coisa alguma, sim-  
plesmente por ser uso da terra  
todos os homens andarem

armados. Nesta terra, um  
homem que não anda armado  
não é homem. É alma de  
lobisomem."(p.2-3)

Talvez essa viagem represen-  
tasse para Isidoro um tipo de ritual  
de passagem, afinal, tornar-se in-  
dependente exigia ter um emprego  
para garantir seu próprio sustento e  
portar uma arma; esses eram os  
elementos que, para ele simboliza-  
vam uma vida adulta. Nesse senti-  
do, começava a perceber o surgi-  
mento de outras necessidades:

"Cansado de trabalhar como  
quitandeiro, quis arranjar  
outro emprego e melhorar a  
sorte, pois ganhando três  
mil-réis por mês, embora com  
casa e comida, já não dava  
para as minhas gulodices de  
comer rapadura, pé de mole-  
que e cocada preta. Por isto,  
Por isto, tratei de melhorar de  
vida e procurar coisas  
melhores."(p.4)

Como podemos ver, os pri-  
meiros registros partem do início  
da adolescência. Mas nas memó-  
rias do velho Isidoro, encontramos  
passagens em que ele comenta  
sobre sua infância, quando pe-  
rambulava pelo mercado público  
de Rio Grande e ganhava, de um  
ou outro conhecido, os *mesmos*  
"*pés de moleques, rapaduras e co-  
cadas pretas*".(p.2) Porém, nessa  
nova fase, ele tinha que pagar pe-  
las coisas que desejasse.

Como foi revelado em nota explicativa elaborada pelo senhor Paulo Teixeira de Tarso, o primeiro caderno infelizmente foi perdido, de modo que não temos como resgatar as informações seguintes, pelo menos a maior parte delas: perdeu-se o primeiro caderno. Quanto a esses registros iniciais, contam as primeiras páginas que foram salvas, graças ao início de uma versão da obra, feitas pelo Sr Paulo. Se passamos, então, para o segundo caderno, percebemos que o relato avança até 1893. Nesse momento, Isidoro já estava no "Treme-terra", acampado às margens do Ibicuí e de partida para São Gabriel.

Nesse momento de crise, a vida dos rio-grandenses passava pelas dificuldades e sofrimentos resultantes dessa situação. Em relação aos homens do "Treme-terra", foi uma verdadeira experiência pedagógica, atilando-os na arte da guerra. Anos depois, esses resultados foram evidenciados na obra máxima de Euclides da Cunha, "Os Sertões", ao descrever o combate de Cocorobó.<sup>3</sup> O subtítulo " *Carga de Baionetas excepcional*" é representativo do que foi dito. " *Manobra arrojada*", " *um lance admirável*", " *formidável*", " *ímpeto incomparável de valor*" são referências diretas do impacto que a 4ª brigada, formada pelo 12º e 31º batalhões de infantaria pro-

vocaram no traço do genial escritor; " *um raro golpe de audácia apenas justificável senão pelo dispositivo das tropas que o vibraram pela sua natureza especial. Predominava nas fileiras o soldado rio-grandense*". Conforme Euclides da Cunha:

"A infantaria do sul é uma arma de choque. Podem suplantá-las outras tropas, na precisão e na disciplina de fogo, ou no jogo complexo das manobras. Mas nos encontros a arma branca aqueles centauros apeados arremetem com os contrários, como se copiassem a carreira dos ginetes ensofregados dos pampas. E a ocasião sorrilhes para a empresa estupenda levada a cabo com brilho inexcédível."<sup>4</sup>

No entanto, as impressões euclidianas também recaíam em equívocos. Ao considerar o " *gaúcho temeroso*" como " *frágil no suportar as lentas provações da guerra*", embora não tivesse " *par no seu despenhar em súbitos lances temerários*", desconsiderava o que dissera anteriormente da " *instrução prática de soldados que vinham de um severo exercício de batalhas nos campos do Rio*

<sup>3</sup> CUNHA, 2002:399.

<sup>4</sup> IDEM, p.404.

genial escri-  
de audácia  
não pelo dis-  
e o vibraram  
a especial.  
ras o soldado  
rme Euclides

il é uma  
odem su-  
opas, na  
iplina de  
complexo  
nos en-  
ca aque-  
dos arre-  
ontrários,  
a carreira  
çados dos  
io sorria-  
estupen-  
om brilho

impressões  
recaíam em  
lerar o "gaú-  
"frágil no su-  
rovações da  
tivesse "par  
súbitos lan-  
onsiderava o  
ormente da  
soldados que  
exercício de  
dos do Rio

Grande", referindo-se a experiên-  
cias obtidas na Revolução de  
1893". Cabe ainda salientar que  
as marchas no Rio Grande do Sul,  
se não tinham o calor abrasador, a  
falta de água e de alimentos, as  
folhas da Macambira, castigavam  
por motivos inversos. Como nos  
mostra Isidoro, essa fragilidade  
não existia:

"Com a friagem de uma chu-  
vosa madrugada, as duas ho-  
ras da noite o Batalhão mar-  
chou a vontade, atrás da últi-  
ma carreta. Os pés de palhei-  
ros, amassando barro na es-  
trada, e de vez enquanto com  
a mochila as costas, uma res-  
valada, e o focinho na lama.  
Além da mochila, o pau de  
fogo a tiracolo, barraca em  
cima da mochila, e o paus de  
barraca no ombro. A estrada  
era ruem, os campos não  
eram melhores. Na estrada  
tinha lamas e possas d'água,  
nos campos a margem da es-  
trada, que beira. Sobravam  
espinhos, de rosetas, mata  
cavalo, carrapichos, picões e  
ervas daninhas, e espinho  
rasteiro fervilhava. Como se  
sabe. Em campo o batalhão  
em marcha, ninguém quer  
estragar os coturnos, por eco-  
nomia, marcha descalço.  
Embora estropie os pés ma-  
goa os dedos dos pés, e arre-  
bente as unhas dos dedos dos  
pés. Porque os coturnos, só  
são pagos por trimestre, é  
preferível estourar os pés, e  
poupar os coturnos."(p.104-5)

Mesmo assim, as dificulda-

des extremas não deixavam de  
permitir que o olhar do artista  
Isidoro se manifestasse, em estilo  
verdadeiramente poético, ao dizer:  
*Por aquele mundo campineiro, ate  
onde a vista alcança, tudo é deser-  
to, lugar morto. Os campos são in-  
findos, e naquelas verdejantes  
campinas, o céu parece beijar a  
terra.*" (p.105)

Para entendermos essa  
época, não podemos deixar de  
considerar o quanto as liberdades  
individuais eram cerceadas, prin-  
cipalmente para os homens co-  
muns. Mas o ar tornava-se ainda  
mais sufocante durante os perí-  
odos de guerra. Podemos ver que  
após a luta do Cerro do Ouro, em  
São Gabriel, Isidoro deixava trans-  
parecer essa condição. Após a  
prisão de um grupo de maragatos,  
entre os quais estava o sobrinho  
de Gumercindo Saraiva, conheci-  
do como Vasco, as autoridades lo-  
cais decidiram libertá-los, devido  
ao telegrama ameaçador que re-  
ceberam do famoso e impaciente  
tio: se o seu sobrinho não fosse  
solto, beberia sangue republicano,  
sem distinção de idade. Esse fato  
causou imensa surpresa a todos,  
como disse Isidoro:

"Dias depois pela a cidade,  
corre a notícia, com viso de  
verdade. De que o sobrinho  
de Gumercindo Saraiva, e  
seus companheiros tinham  
sido postos em liberdade, e

tendo a cidade por homenagem. A princípio nem mesmo nos quartéis, ninguém quis acreditar em tais boatos. O que era uma coisa impossível, tal boato não podia ser verdade.”(P.128)

Em primeiro lugar, as notícias tinham sua circulação dificultada, senão realmente interrompida. Isidoro parecia não acreditar, ao dizer que *“tal coisa não podia ser, que seria uma coisa fora do natural, e mais do que impossível. Não há memória, que em tempo algum, tal coisa acontecesse, e ainda mais, por estas paragens.”* (P.128)

“A princípio, a maioria do povo, não acreditou em tal notícia, por ser descabida. Que para o presente momento seria um erro da natureza, uma coisa nunca vista. Mas, no entanto, e apesar dos pesares, o que parecia impossível, era uma realidade. Tal, que assombrou todo mundo, dentro da cidade de São Gabriel.”(p.128)

Esse espanto geral só pode ser justificado pelo que foi dito anteriormente. As decisões não eram imediatamente transmitidas, muito menos compartilhadas. Com o mesmo espanto foi recebida a notícia de que São Gabriel devia ser abandonada imediatamente. Para Isidoro, *“foi uma ordem inesperável que causou admiração e espanto a toda gente, civil e mili-*

*tar. Como é que se abandona, uma cidade militarizada em pleno estado de guerra, e guerra civil?!”*. Para ele, *“seria preciso, ser uma coisa mui grave, a que a ninguém era dado a saber.[...] por via dos fatos, os homens estão fazendo jogos confusos.”*(p.130)

Naturalmente, a situação de guerra envolvia sigilo. Porém, se o envolvimento do Exército na política não representava um problema, visto que alguns militares ocupavam cargos legislativos, a intervenção política dentro dos próprios quartéis quebrava uma regra básica. Afinal, não era permitido discutir tais assuntos dentro da caserna, pois isso criava uma luta interna que ameaçava a ordem interna, a disciplina e a hierarquia. O caso do treme terra nos faz ver uma luta entre militares castilhistas e maragatos, denotando o papel mediador dos florianistas. Mas, na verdade, as opções políticas eram inevitáveis, como demonstrava Isidoro, ao dizer:

“Se o soldado é político, é porque é homem, pensa ouve e sente, como qualquer outro mortal. Se nós soldados somos políticos, a culpa não é nossa, é que os maus exemplos vêm de cima. Se os senhores oficiais não fossem políticos, nós soldados jamais em tal pensava. O pensar e o dever do militar, é o de defender a integridade [sic] do território nacional, e a grandeza da

ndona, uma  
pleno esta-  
civil?!". Para  
uma coisa  
ninguém era  
ia dos fatos,  
zendo jogos

situação de  
Porém, se o  
ito na políti-  
m problema,  
tares ocupa-  
ros, a inter-  
dos próprios  
a regra bási-  
ermitido dis-  
entro da ca-  
va uma luta  
a ordem in-  
a hierarquia.  
a nos faz ver  
res castilhis-  
tando o papel  
stas. Mas, na  
olíticas eram  
demostrava

ico, é por-  
sa ouve e  
der outro  
ios somos  
o é nossa,  
plos vêm  
hores ofi-  
políticos,  
is em tal  
e o dever  
efender a  
lo territó-  
andeza da

Nação. E não os interesses  
dos políticos profissionais,  
que é o constraste da honra e  
o dever militar....."(p.140)

Podemos pensar que naque-  
la época, os homens comuns não  
tinham espaço para assumir livre-  
mente suas convicções políticas.  
Assim, embora as disputas entre  
as elites gaúchas fossem vistas  
pelo soldado de forma passional,  
as coisas não eram bem assim:  
dizia-se maragato. Tal escolha era  
justificada da seguinte forma:

"Neste Estado politiqueiro, só  
ha dois partidos políticos,  
quem não é de um, é de outro.  
Mas, o que é que vamos fa-  
zer? nós e nós outros? se na  
loucuras de nossas mocida-  
des, as idéias maragatas, es-  
tava em nossos ser. Sou sol-  
dado bem o sei; nada e solda-  
do é a mesma coisa. [...] mas,  
se os senhores oficiais, podem  
ter idéias políticas que não  
devia de ter. Por qual razão,  
que os soldados também não  
podem ter"(p.158)

Como podemos ver, apesar  
da insistência de Isidoro em dizer  
que era maragato, revelava que  
havendo apenas dois partidos, ti-  
nha que pertencer a um lado. Ou  
seja, realmente não havia neutra-  
lidade. Com a chegada de Custódio  
de Melo a Rio Grande, Isidoro pre-  
feriu desertar, fugindo para a casa  
de seus conhecidos, ao invés de  
seguir seus companheiros de ar-

mas, que foram se juntar ao  
Exército libertador. Aconselhado  
pelos amigos, partiu para São José  
do Norte. Porém, sua presença foi  
notada pelos habitantes:

"Suspeito de ser baiano, isto  
é, de ser natural dos estados  
do Norte do país [...] As auto-  
ridades da vila, vendo que eu  
não era baiano, pelo o modo  
de falar. Por descita de mi-  
nhas desventuras, me sape-  
cara na cadeia, como mara-  
gato, o desertor. Embora em  
política a deserção, eu nada  
houvesse revelado. Mais eles,  
não queriam saber de revela-  
ções, que nada influem. o que  
eles queria saber se eu era o  
não, maragato o desertor."  
(p.141-2)

Preso pelo delegado de polí-  
cia, acabou confessando que era  
desertor, pois se assumisse suas  
preferências políticas seria dego-  
lado. Enviado para Rio Grande  
passou um tempo na cadeia até  
ser novamente admitido. O indulto  
lhe salvara a vida. No entanto,  
pouco tempo depois se envolveu  
em outra situação que quase lhe  
custou a vida. Em 22 de março de  
1985, o "Treme-terra" foi desloca-  
do para a " Estação de Nascentes",  
entre Rio Grande e Bagé. Conforme  
nosso narrador:

"Era uma hora da madru-  
gã, estava eu de sentinela na  
trincheira marechal de ferro.  
Devido o que ouvia, os solda-

dos do Norte chegados a pouco tempo, eles contavam coisas fantásticas da Capital da União, e de Niterói. Que fazia a gente ficar todo arrepiado e receoso de uma surpresa de imprevisto. Bem que se sabem, que em tempo de guerra, é mentiras como terra. Mas, embora fosse mentiras, agente na ânsia de novidades. Acreditava em todas as [ilegível], que eles contavam, como se verdades fosse. Embora todas as imaginações de que é dotado o bicho homem ficávamos crentes no que eles diziam. Diz o adágio: quem conta um conto, aumenta um ponto, e é de fato."(p.152)

Foi nessas condições que Isidoro assumiu o posto de sentinela. Dessa vez, a natureza tomava outra forma. Embora o céu estivesse "*bordejado de estrelas*" (p.147), não existia espaço em sua mente para sentir o belo por muito tempo. Pelo contrário, pois ele estava ficando cada vez mais apavorado. E assim reclamava: "*eles, isto é, os soldados vindos dos Estados do Norte, inclusive o Rio de Janeiro. Se prevalecendo-se de nossa ignorância sobre os casos por lá passados. Contavam fatos e cenas de fazer arrepiar, até os cabelos de um calçado emaranhado.*"(p.152) E assim, Isidoro começou a ficar cada vez mais enfeitado: as mentiras pareciam verdades.

O quadro negro da noite era riscado pela imaginação por um lado e, por outro, pela realidade. O medo aumentava, na medida em que emergiam de sua cabeça monstros e fantasmas, mas também da real possibilidade de encontrar o inimigo, os marinheiros do Almirante Custódio de Melo. E assim, ao ver uma moita se mexer, alçou mira e disparou. O forte estampido colocou todos em polvorosa. Em pouco tempo, centenas de homens armados se aproximavam do atordoado sentinela. Despertar um batalhão inteiro durante a noite, sem razão aparente, era motivo para fuzilamento.

Podemos pensar que essas histórias assustavam pelo seu caráter fantástico, mas também porque a guerra trazia na sua violência, casos verídicos e igualmente assustadores. Embora não saibamos o que lhe foi dito, fica evidente que esse encontro agiu como dinamite: "*nós outros, piamente acreditávamos em suas rocambolescas meras fantasias.*"(p.152). Então, ao ver um tatu, Isidoro se lembrou que nas "*histórias de franceses [...] o homem se encanta, e vira bicho*"(p.155) e "*embora fosse um aluvião de mentiras*"(p.160), parecia verdade. Além do mais, acontecimentos imprevistos apareciam a toda hora, em parte pela própria surpresa que faz parte da guerra, mas também pela falta de

informação, geradora de descon-  
fianças e medos.

“As notícias de guerra, como das cidades eram escassas ou quase nenhuma. Só se sabia alguma coisas, quando eram lidas, nas ordens do dia, regimentais do batalhão. Ou então, quando nos trens, passava pela estação de Nascentes os viajantes, quer de cima quer de baixo. Civis e militares, vindos do Rio Grande, ou de Bagé.”(p.160)

Digamos, também, que a falta de informações ou o controle delas tinham uma razão estratégica, pois faziam com que os soldados fossem mais facilmente manipulados. Conforme Isidoro, *“os senhores oficiais, sabia de muitas coisas tinham correspondência permanentes. mais o que eles sabia, ficava lá entre eles, e não chegava, a nós soldados”*(p.160). A retenção de informações pode ser vista no próximo trecho:

“Quanto cartas e outras correspondências, só havia para os senhores oficiais, e para mais ninguém. Para soldados e suas famílias só se fosse por mão própria de um ou outro, que viesse das cidades. Nas agências postais, a correspondências para soldados e suas famílias, era controladas, por ordens superiores. É que nas agências postais tem espões e controladores a serviço da política amarela. São eles, os

violadores das correspondências, mesmo de gente do governo. As correspondências ocultas por mãos próprias, eram muito em segredo. Todos nós, nos conformava, e nisto ficava. Sim a bem de todos nós, neste mundo, fora do mundo amarelo... Fim.” (p.160-1)

Podemos supor que existia também uma rede de “inteligência”, encarregada, por exemplo, de espionar os movimentos que prejudicassem os planos da “política amarela”, nome dado por Isidoro aos planos e desígnios da política castilhistas. Por sua vez, chegavam as notícias do fim da guerra. Em agosto de 1895, a banda de música do 12º foi convocada para o solene momento da assinatura do tratado de paz, em Pelotas. Vestindo seus uniformes de gala, a bela túnica preta com seus botões dourados faziam-nos sentir como se fôssemos soldados de “Napoleão”. A alegria era tanta que o povo *“chegou as raíais do delírio”*. (p.165)

Por sua vez, o povo estava alheio as decisões políticas. Tratados como “gado” eram forçados a guerrear, na medida em que não havia espaço para a neutralidade, essa construção de identidades acabava tomando conta de todos, mobilizando sentimentos, criando expectativas e filiações. Embora algumas dessas adesões, vindas mesmo dos quadros hierárquicos inferiores deviam-se a interesses pessoais, como a promes-

sa de emprego, por exemplo, não era esse o caso do jovem Isidoro, nem da maior parte dos seus companheiros de farda. Em vários momentos de sua vida que ele afirmou que não era tão apaixonado quanto dizia, pois agia coagido pela falta de liberdade, pela faca opressora e assassina da “hiena do cati”, apelido dado ao Coronel João Francisco. No entanto, o clamor político, mesmo sendo construído pelas elites, criava adesões inconscientes, como podemos ver nas festividades durante a assinatura da “Paz de Pelotas”: “Nas manifestações dos cabos de guerra, no hotel onde estavam reunidos. Do meio do povo, uma besta gritou, viva o Dr. Júlio Prates de Castilhos. não teve eco, o povo respondeu, viva Dr. Prudente de Moraes Presidente da República.”(p.166)

Esse trecho é revelador, no sentido de que ao pronunciarem o nome de Prudente de Moraes, ao invés de Gumercindo Saraiva ou Silveira Martins, demonstravam que se aceitavam a derrota dos federalistas, não se sujeitavam ao governo de Castilhos. De certa forma, a luta continuava. Por sua vez, o novo comandante do “Treme-terra” trazia uma certa tranquilidade ao quartel. O Tenente-coronel Tristão Sucupira de Alencar Araripe, homem de confiança do general Cantuária,

investiu contra os oficiais castilhistas que pressionavam seus comandados. No entanto, a situação de calma era aparente.

O estado de alerta não tinha desaparecido da mente da tropa que, ao saber de sua transferência para Pelotas, através de boatos, entrou em convulsão. O quartel começou a “pegar fogo”. O subtítulo “Ódio Político” mostra bem esse revês. Para Isidoro, *“esta política amarela, provocou na soldadesca sede de ódio e vingança, contra seus irmãos de farda. Verdadeiramente apaixonados por esta nefasta e odiosa política pessoal, que domina a opinião pública no Brasil.”* A idéia de que os soldados do 29º batalhão de infantaria de Pelotas, seus antigos rivais, iriam ocupar seu lugar, gerou um ódio incontrolável, favorecido por aqueles que espalhavam o boato.

Conforme Isidoro, “Hoje como ontem, o velho Treme-Terra, era malquisto, pela a grei Castilhista de triste minoria. Agora o ódio em Sena e o Batalhão transferiu [...] Da cidade do Rio Grande, para a Cidade de Alegrete, quase na fronteira”. As razões da transferência estavam no “margatismo”. Recorrendo a outras fontes, podemos ver que a notícia da transferência chegava aos jornais. Diante disso, os desafetos começaram a reaparecer:

ficiais casti-  
navam seus  
tanto, a situa-  
rente.

ta não tinha  
nte da tropa  
a transferên-  
avés de boa-  
lsão. O quar-  
jar fogo". O  
tico" mostra  
ara Isidoro,  
la, *provocou*  
le ódio e vin-  
mãos de far-  
apaixonados  
liosa política  
a a opinião  
idéia de que  
batalhão de  
s, seus anti-  
par seu lugar,  
ntrolável, fa-  
s que espa-

Idoro, "Hoje  
Treme-Terra,  
ela a grei  
te minoria.  
e o Batalhão  
dade do Rio  
de Alegrete,  
As razões da  
m no "mara-  
o a outras  
que a notícia  
gava aos jor-  
os desafetos  
cer:

"Maldozamente e por arte do  
demo, pello o quartel correu a  
notícia, de que o 12º ia sair do  
Rio Grande, por castigo. Para  
que o 29º de Infantaria seu  
rival político, viesse ocupar o  
seu lugar na cidade do Rio  
Grande. O boato; foi inteli-  
gentemente preparado e pro-  
pagado, e os seus efeitos, não  
se fizeram esperar. O resulta-  
do foi o mesmo que mexer em  
casa de marimbondo, e de  
abelha cabocla e mandaçaia  
Como era de prever-se entre  
os soldados provocou ódio e  
sede de vingança. Se bem  
que era uma ordem superior,  
que tem de ser obedecida."  
(p.172)

E assim, Isidoro explicava os  
motivos da revolta ao dizer que "*o*  
*12º Batalhão de Infantaria que du-*  
*rante a revolução, nunca mereceu*  
*confiança da politicalha amarela.*  
*Sempre suspeito e odiado por*  
*[cheirar] idéias contrarias, aos os*  
*usurpadores, da liberdade publi-*  
*ca".* (p.171) No entanto, o novo co-  
mandante tinha um papel central,  
na medida em que "*reviva as*  
*idéias, a três annos adormecidas,*  
*mais sempre vivas, que é o mara-*  
*gatismo".* (p.171) A idéia de que o  
Tenente-coronel Sucupira estava  
envolvido na luta política nunca  
foi cogitada por Isidoro e o que  
veremos, mais tarde, é que não  
existia nenhuma neutralidade.

Por hora, o quartel estava  
explodindo. Conforme ia se apro-  
ximando a hora do embarque,

mais aumentava o descontrole dos  
soldados. O quartel foi virado de  
cabeça para baixo, sem que os  
oficiais conseguissem retomar o  
controle, pois "*a agitação era me-*  
*donha, os soldados no delírio de*  
*suas loucuras, não tinha mais a*  
*medir nas suas tambem safadezas.*  
*Quando em um ponto serenava um*  
*distúrbio, rebentava dois e três em*  
*outro".*(p.174) Quanto aos respon-  
sáveis pelo tumulto, Isidoro fazia  
a seguinte indicação:

É que nesta agitação de  
quartel não havia um cabeça,  
cada qual agia por si. Todos  
doidamente faziam o que lhes  
desce na cabeça, de o faze-lo.  
Se infelizmente houvesse  
uma cabeça, o que seria fatal  
para um e para outros. Houve  
um momento em que o quar-  
tel ficou como um hospício, e  
os doidos em delírio."(p.175)

As dependências internas do  
quartel foram destruídas. As latri-  
nas foram despejadas no pátio,  
nas paredes foram escritas pala-  
vras contra o castilhismo, parte do  
patrimônio foi destruído e quase  
que o próprio quartel foi incendia-  
do. A situação só foi controlada  
com a chegada do comandante, a  
cavalo, cuja imagem guardava o  
respeito de todos os revoltosos.  
Porém, restavam ainda aqueles  
que não aceitavam que o 12º dei-  
xasse a cidade, como Mestre da  
Banda, o Sargento Inocêncio. Por

ordem do comandante, foi preso, de forma que não mais influenciasse seus companheiros, fato que nos mostra que o maragatismo do comandante era aparente.

Quanto a seus pares, Isidoro mantinha uma opinião duríssima, sem deixar de explicitar as razões. Para ele, os problemas surgiam dos maus governantes. O “Treme-terra”, era “*e sempre foi um paiol e depósito de maus elementos e incorrigíveis vindos do Norte do país, a bem da disciplina*”.(p.178) Para o jovem soldado, a má fama devia-se ao descaso e aos maus tratos que recebiam dos oficiais, ao infligirem os mais duros castigos físicos, lembrando a pedagogia do chicote, oriunda da escravidão. Quanto a procedência dos soldados gaúchos, sabemos que os que não eram voluntários ou camponeses pegos a “*pau e corda*”, vinham das prisões ou das ruas, perfazendo o caminho da escola de aprendizes-marineiros até o recrutamento forçado. Ou seja, constituíam-se na própria “*dangerous class*”:

O Treme-terra chegou em Alegrete em outubro de 1896. Da Bahia, em abril de 1897, Isidoro registrou a vida em Alegrete: foi uma tranqüilidade, “*para nós, com dupla satisfação e regozijo [...] um bom lugar para soldado viver, como de fato é mesmo*”.(p.198) O clima, as pessoas, a água e o ar, tudo era

maravilhoso, a não ser o Conselho Municipal, que era castilhistas. Tratava-se, dizia, da verdadeira “*democracia natural*”, onde “*até as janelas e portas das ruas são maragatas*”.(p.202-3) É claro que, estando longe das tensões políticas, a vida ganhou novas cores.

“Todos nós, alegre e satisfeitos, sem jamais pensamos nas revoltas dos tempos presentes. Nós embora estivesse bem estalado na vida, já estávamos com a pulga atrás da orelha. Para nós, de um momento para o outro, já esperávamos qualquer novidade sincera vindas do norte do país. Onde as coisas por lá, já não andavam muito boas, o que era um mau agouro.” (p.205-6)

Porém, os futuros acontecimentos mudaram drasticamente esse quadro. Embora a falta de informações fosse esperada, as primeiras suspeitas começaram a surgir. A queda do Coronel Moreira César teve uma imensa repercussão. A notícia correu por todos os jornais, embora os chefes republicanos tentassem manter esse fato em segredo. Em 18 de março de 1897, o “Treme-terra partiu para Canudos: “Pelo o que se sabia e se falava, estava cheirando chamusco, e fogo na canjica. O 12º de Infantaria; embora estivesse no interior do Estado, teve ordem de marcha para o Norte do país, onde estava pegando fogo. Todo

Batalhã  
bril par  
to do de  
Co  
lha era  
soldado  
do a “C  
tornara  
na”, na  
de ser  
decend  
ram rur  
ra. Por  
coberto  
Isidoro,  
jovem  
grande  
sertões  
ções m  
três ani  
monge  
(p.206)  
perigo”  
aos bra  
rem em  
de viag  
chegav  
Batalhã  
até o n  
Do nav  
extasia  
contorn  
Que be  
panorã  
janeiro.  
laços d  
visitado  
Moraís,

r o Conselho  
castilhista.  
verdadeira  
onde "até as  
s ruas são  
É claro que,  
nsões políti-  
vas cores.

satisfei-  
amos nas  
resentes.  
sse bem  
stávamos  
a orelha.  
nomento  
arávamos  
sincera  
ais. Onde  
ão anda-  
é era um  
5)

os aconteci-  
asticamente  
a a falta de  
esperada, as  
omeçavam a  
tonel Moreira  
sa repercus-  
por todos os  
efes republi-  
ter esse fato  
de março de  
partiu para  
se sabia e se  
ndo chamus-  
a. O 12º de  
estivesse no  
ve ordem de  
do país, onde  
fogo. Todo

Batalhão entrou em atividade fe-  
bril para marchar em cumprimen-  
to do dever."(p.206)

Como vimos, a falta de esco-  
lha era recorrente. Para Isidoro,  
soldado não tinha "vontade", devi-  
do a "Guerra do Paraguai", onde  
tornaram-se "escravos da discipli-  
na", na medida em que deixavam  
de ser "cidadãos". Portanto, obe-  
decendo as circunstâncias, parti-  
ram rumo a uma nova e dura guer-  
ra. Por sua vez, os fatos eram en-  
cobertos pela mentira. Mas, para  
Isidoro, "*no presente momento; a  
jovem república está correndo  
grande perigo, lá nos inóspitos  
sertões Baianos. Já quatro expedi-  
ções militares, uma derrotada e  
três aniquiladas pelos fanáticos do  
monge Antônio Conselheiro*".  
(p.206) O anúncio da "Pátria em  
perigo" era divulgado. Restavam  
aos brasileiros de coragem corre-  
rem em seu auxílio.

No dia 30, após dois dias  
de viagem, o navio Carlos Gomes  
chegava ao Rio de Janeiro. O  
Batalhão embarcado ficou isolado,  
até o momento de seguir viagem.  
Do navio "*todos nós, estávamos  
extasiados contemplando o belo  
contorno, da Bahia da Guanabara.  
Que beleza, que lindeza, é a vista  
panorâmica da cidade do Rio de  
janeiro*".(p.214) Para reforçar os  
laços de solidariedade, o navio foi  
visitado pelo próprio Prudente de  
Moraes, que trazia na mão direita

uma "viçosa" rosa branca, símbolo  
da República. Os militares, dis-  
postos em formatura, olhavam  
atentamente para o Presidente da  
Nação que subia a escada do na-  
vio, acompanhado de sua comiti-  
va. Logo, o navio seguiu viagem,  
rumo a Salvador. A solenidade,  
rica de símbolos e gestos, servia  
para reforçar os laços identitários  
daqueles homens com seu próprio  
batalhão, com o Exército e com a  
República que nunca lhes dera  
nada. Em 2 de abril chegaram em  
Salvador, onde uma nova soleni-  
dade aconteceu, sob o comando  
do General Cantuária: "Sua  
Excelência mandou, que a banda  
de musica primeiramente tocasse  
o dobrado Saudades de minha ter-  
ra, e depois o dobrado Saudades  
de Porto Alegre. Assim foi que o  
batalhão em marcha, pelas as-  
ruas da cidade, ia enchendo os  
ares baianos com alegres sons de  
músicas gaúchas."(p.217)

Alojado no Forte de São Pedro,  
Isidoro saiu pela cidade a fim de  
conhecer todos os cantos. Nas ho-  
ras de folga, "*a pé e de bond, ancio-  
zo de tudo ver: remechir a cidade de  
Pyrará. Que lindeza que beleza, vi  
coisas que jamais tinha visto. Na  
verdade, [...] tem muito o que se  
ver*".(p.218) O jovem percorria as  
ruas da bela Salvador, guiado pelos  
olhos curiosos, autores de seu des-  
tino. Dizia Isidoro que "sempre  
ouvi, os soldados contarem que na

capital Baiana havia muitas igrejas, 365. Quis ver muitas igrejas não todas, por ser impossível.:

"Em proporção: ha mais igrejas e conventos na capital Baiana, do que casas de moradia. Os baianos quando morrem não vão para o inferno, por mais criminosos que seja. Estão bem guardados, garantidos e amparados, por suas crenças religiosas. Pode ser ele, o maior criminoso, vai para o céu direitinho, bem juntinho, a Nosso senhor Jesus Cristo. Dizem, não sei: que o grande presidio do estado, esta abarrotado, de anjinhos baianos devotos. Se assim é, as religiões não estancam os crime, pelo o contrário, fermenta" (p.218).

Como sabemos, homens de diferentes regiões se encontravam nos quartéis. A identidade entre eles se dava de diversas formas; ao compartilhar a mesma profissão, o mesmo país, etc. Por isso, diminuía as distâncias entre si, na medida em que partilhavam suas histórias pessoais e apresentavam seu mundo. Porém, tratando-se de um "outro" no espaço, a sensação de estranhamento, de choque entre autoridades, aparecia no espanto e na falta de compreensão. Longe daquilo que lhe era comum, um mundo novo saltava-lhe aos olhos. Como narra Isidoro, ao chegar na colônia do Patrocínio, em Sergipe:

"Eu que nunca em minha vida, vi e comi jenipapo, fiquei enjenipapado, e quase entupido. [...] Jamais em minha vida, comerei tão para mim ofensivo e provocante fruto. [...] É aqui, onde pela a primeira vez na vida vi a tão falada aranha caranguejeira. Bicho horrível e nojento, que faz calefrio e medo a toda gente. Dizem não sei que só faz bem as inocentes crianças. As mães dela arrancam a preza, e em um cordão põem no pescoço de seus filhinhos. Que quer, quebra quebrante, mau ar e mau olhado, e outros males."(p.220)

A natureza não era mais confiável e as novidades não eram necessariamente boas: o desconhecimento da região tornava-se um obstáculo. O estranhamento trazia dúvidas, cuja concepção de mundo, herdada e transportada, pouco ajudava a explicar a realidade. Os critérios de compreensão vindos de fora, mostravam o desconforto e a dúvida diante do desconhecido: "*Pode ser que não seja, como também pode ser que seja. Sobre isto não digo nada, creio e não creio. Para nós do sul, que não somos mãe, aguardamos respeito, as superstições dos sertanejos.*" (p.221) No entanto, Isidoro continuava a observar tudo:

"Outro caso vi na colônia do Patrocínio que me causou espécie. Não só a mim, como a muitos outros filhos de outros

m minha  
apapo, fi-  
e quase  
ls em mi-  
tão para  
rovocante  
de pela a  
a vi a tão  
nguejeira.  
ento, que  
o a toda  
ei que só  
es crian-  
rancam a  
ção põem  
filhinhos.  
uebrante,  
o, e outros

io era mais  
des não eram  
as: o desco-  
o tornava-se  
tranhamento  
concepção de  
ransportada,  
licar a reali-  
compreensão  
ravam o des-  
iante do des-  
que não seja,  
ser que seja.  
nada, creio e  
sul, que não  
nos respeito,  
sertanejos.”  
sidoro conti-  
o:

plônia do  
ausou es-  
i, como a  
de outros

Estados, mesmo dos Estados do Norte. Pouco além dos pés de jenipapo, é um terreno sem vegetações. O terreno é assim como roxoterra e peganhento, assim como [sabre]. Quando chove, as águas ficam empossadas nas covas dos terrenos, e as covas dos cascos dos animais. Água toma a cor do leite. Se bebendo da água leve macia saborosa e fresca, parece que se estar tomando leite. É uma delícia, em beber-se daquela água. Sem exagero nenhum, é o mesmo que se esteja bebendo um copo de bom leite. O que é que há no terreno? São mistérios da natureza. A quem a ninguém é dado a saber, só Deus...Fim.”(p.222)

Os questionamentos de Isidoro não encontravam resposta sobre essa tal “fonte de leite”. Sobre esse fenômeno, encontramos interessantes elaborações nos escritos medievais: As galactites, “*de cor leitosa e, triturada, dá origem a um suco com sabor de leite: quando as mulheres que estão amamentando a levam consigo, fecunda seus peitos: dependurada no pescoço dos meninos, diz que [os faz] produzir saliva: na boca se desfaz e faz perder a memória.*”<sup>5</sup> De certo modo, ambas as fontes são portadoras de idéias semelhantes. Assim, a região identificada como Sertão parecia cada vez mais estranha e exótica.

De Simões Dias para fren-

te, Isidoro não mais voltou ao seu diário, somente meses depois, quando a guerra já tinha terminado. O novo capítulo marca, de forma significativa, a impressão de estranhamento que aquela experiência lhe causara. “Para o Desconhecido” comporta justamente a inversão de sentido contido no subtítulo anterior, “Rumo ao Sertão”. Naquele, retoma a escrita de seu diário memorialístico: tornou-se aquele que viu e sobreviveu. As idéias refletiam através da tinta vermelha, uma opinião que amadurecia: buscava o saber. Mas algumas coisas não mudavam. A natureza continuava hostil, o mundo continuava sem estradas, “*emaranhado em sua própria vegetação: “Difícil para nós, e fácil para os sertanejos. Que nasce e vive, e morre naquele mundo de mataria, e capoeiral...”*”(p.225) Porém, Isidoro também contemplava as belezas da terra ignota:

“Na mata fechada, ao lado aposto onde nós estávamos cestiando. Cantava na mata o belo pássaro, que é conhecido, por araponga, que no sul é chamado, por ferreiro. Cantava outros pássaros e passarinhos das brenhas do sertão baiano. Para nós vian- dantes pelo o sertão, era um belo espetáculo no norte do

5 (SEVILHA.396)

paiz. Em ouvi, naquelas selvagens paragens os cantos dos pássaros nativos. Era um soberbo conserto florestal dos líricos pássaros em plano sertão Baiano.”(p.230)

Contudo, se a natureza parecia estranha, a atitude dos homens daquela região também era. Quando a coluna Savaget chegou em Jeremoabo, Isidoro se interrogou sobre o fato da cidade ter sido abandonada, restando apenas um casal. “*O homem por já ter sido praça do 9º de infantaria aquartelado na Capital do Estado. A mulher por ser a mulher do homem, que já tinha sido praça na capital do Estado, e já estava civilizado*”. Portanto, o resto da cidade parecia-lhe ter um comportamento bárbaro. Além disso, por fugirem da cidade, Isidoro imputou uma cumplicidade entre eles e Antônio Conselheiro, ao dizer que aquela atitude representava “uma prova de que todos estavam mancomunados no mesmo crime, se é que crime havia”. E, assim, mudou de opinião: “*o que mais tarde ficou provado, de que crime não havia. O que ficou provado: é que havia desonestidade e falta de critério de gente grande da situação política estadual*”.(p.234) Longe do campo de batalha, Isidoro resignificou sua percepção sobre os fatos. O vivido transformava-se, sob a luz da reflexão e da crítica, em conhecimento.

As difíceis condições da marcha, “*dando cabeçadas nos paus, e esbarre nos espinhos, que era o que mais havia no matagal*” pareciam um inferno “*para nós filhos do sul*”, enquanto para os “*Nortistas, era um recreio tão a seu jeito e gosto*”. Ao que, acrescentava: “*Como é diferente a natureza, o Sul com seus campos abertos, e o Norte com Mattos fechados*.”(p.238) Esse sofrimento aumentava, na medida em que o próprio Exército desconhecia as dificuldades que seriam enfrentadas. A utilização de roupas inadequadas, por exemplo, foi motivo de acidentes terríveis, como as queimaduras causadas pela folha verde do Cansanção, “*Eu fui vítima dessa maldita planta selvagem lá no Passo da Ema. Sem saber, toquei com o braço nela, isto nas verdes folhas. Fiquei com o braço em fogo ardente. Depois o braço inchado vermelho e inflamado, que sentia calor e calafrio*.”(p.241) Por outro lado, o terreno tórrido, a falta de água, a vegetação e a fauna ameaçadoras davam espaço à natureza mantenedora e providencial. A coroa-de-Frade, por exemplo, era uma fonte de água e comida espalhada pelos campos.

“A coroa-de-frade, é um fruto nativo da zona, [...] Tal qual como usa em seus barretes os soldados espanhóis, e todo felpudo. É um bom fruto, tem o gosto pepino, e do branco da melancia. Comendo: mata a fome e a sede dos viandantes do sertão. É sabido por

tok  
ser  
de  
do  
ser  
co  
De

I  
os solda  
região,  
pois ace  
compan  
mos de  
Isidoro e  
de utili:  
se referi  
sos capi

“D  
po  
do  
Su  
ce  
mi  
Se  
Co  
os  
qu  
gu  
fil  
dr  
tu

Fa  
inimigo  
combat  
Brasil l  
recurso  
miráveis  
res difi  
tados à  
invent  
lutar. I

ções da mar-  
nos paus, e  
que era o que  
l" pareciam  
lhos do sul",  
ortistas, era  
rito e gosto".  
"Como é di-  
ul com seus  
Norte com  
8) Esse so-  
na medida  
rito desco-  
que seriam  
ção de rou-  
exemplo, foi  
ríveis, como  
das pela fo-  
ção, "Eu fui  
planta selva-  
na. Sem sa-  
ço nela, isto  
ei com o bra-  
pois o braço  
lamado, que  
."(p.241) Por  
rido, a falta  
e a fauna  
paço à na-  
rovidencial.  
exemplo, era  
omida espa-

todos viandantes, isto é do sertão do Brasil. Que a coroa de frade, tem o misterioso dom, de matar a fome e a sede. Foi o que nos valeu do contrario nem é bom falar, só Deus o sabe.. (p.242-3)

É sabida a importância que os soldados, provenientes daquela região, tinham para a Expedição, pois acabavam ensinando aos seus companheiros de farda os mecanismos de sobrevivência. Além disso, Isidoro evidenciou uma outra forma de utilizar essa sapiência, quando se referiu ao interrogatório dos presos capturados durante o percurso:

"Dos interrogatórios feitos, pouco o nada ficou esclarecido. O Sr, comandante Tristão Sucupira é cearense conhecedor dos usos e costumes e manhas dos matutos do Sertão, e de suas facetas. Com jeito e manha também os interrogou de tal forma, que tudo descobriu. Os jagunços confessariam tudo, filhos de quem eram, e os padres que os batizou, ficou tudo claro."(p.245)

Faltava a tropa conhecer o inimigo. O enigmático poder de combate dos sertanejos, deixava o Brasil litorâneo tonto. Da falta de recursos surgiam combatentes admiráveis que, resistentes às maiores dificuldades climáticas e adaptados às duras condições da terra, inventavam uma forma original de lutar. Invisíveis aos milhares de

olhos, causavam surpresa e medo pela pontaria certa e pelo grande estrago que faziam nas forças militares. Um bom exemplo é a munição utilizada: "*Eram balas por eles fabricadas, de pontas de chifres. Balas fatais, quem por elas atingidos, jamais escapará. Das forças atacantes, de quando em quando um homem tombava e não mais se erguia.*" (p.251)

Tempos depois, chegaram no famoso sítio do "Macambira", onde finalmente puderam descansar e saciar a fome e a sede. Isidoro, embora estivesse longe da guerra, narrava os fatos utilizando a conjugação no tempo presente, tal era a sensação de realidade que suas evocações proporcionavam: "*Companheiros vamos aproveitar, enquanto há o que se coma neste belo e maravilhoso manancial no sertão Baiano. Não sabemos se para a frente: há, ou haverá destas belas petisqueiras, que por aqui abunda.*" (p.274) Podemos ver que a incerteza continuava presente em suas lembranças.

A Guerra de Canudos remete a cenas de bravura e de horror. Isidoro comentou diversos acontecimentos marcantes e que estão presentes em vários relatos, como é o caso da cena em que um grupo de conselheiristas tentam destruir alguns canhões, valendo-se apenas da força de seus braços. Porém, existem outros casos que retornam com seu depoimento e que mostram episódios crudelíssimos, normal-

mente cometidos pelos soldados. Assim, Isidoro descreve momentos de verdadeira caçada humana, na medida em que a guerra embrutece corações e encobria os atos mais torpes. Naquelas condições, alguns homens eram capazes de tudo.

Para Isidoro, os soldados estavam fatalmente endurecidos: "pode ser que tenha mas faz crer que soldado na guerra não tem coração humano jamais o terá, e mesmo é de duvidar. É que nestes tempos de salve-me eu, não há lugar, para sentimentos humanos. Pelo menos, os fatos tem provado, que assim é."(p.281) E a narração dos fatos não deixava dúvidas. O desespero levava alguns soldados a se aventurarem em busca de comida. Segundo Isidoro, o primeiro a tentar foi um soldado conhecido como Guaxinim:

"Um homem qualquer, para afrontar o mundo desconhecido, e ainda mais ajagunçado. Só mesmo leão, e não ter amor a vida. Foi ele, qual outro Cristóvão Colombo, que desvendou o mistério, e abriu caminho para outros aventureiros passarem. Foi um assombro pois naquele inferno, se é que inferno existe, o que não é de crê. Para todos os lados que se vira, se vê a morte de canjica arreganhada.....[...] É como se diz, é tempo de Murici, cada qual que cuide em si, que Deus cuidara de todos".(p.245)

Quando encontravam, ao invés de água e alimento, pessoas, os desejos mais bestiais afloravam, como é o caso da reação de um soldado que, localizando três prováveis conselheiristas, sacou a arma e atingiu um deles com um tiro certo. Os outros dois, um rapaz e uma mulher, fugiram apavorados. Sintomática foi a reação causada pela raiva descontrolada ao ver a presa feminina fugir. Isso fez com que o soldado, após humilhar duramente o ferido, esfacelasse sua cabeça a coronhadas.

Por essa e outras razões, o desejo de que a guerra chegasse ao fim era compartilhado com fervor. Isso pode ser observado no próprio desconhecimento da situação da guerra, gerando expectativas desajustadas, como a idéia equivocada de que o encontro das duas colunas era o aviso do fim da guerra. Tais anseios remetiam a uma falsa impressão. E assim, Isidoro se questionava: "*Por que é que há: tanto regozijos por estas alturas do sertão Baiano? É porque, pelas quebradas das serrarias e montanhas, ouve-se se longe e bem longe o troar da artilharia da 1ª Divisão. Que pelo menos, a esta hora, estava bombardeando a formosa cidadela de Belo Monte*".(p.281) Surgia o primeiro indício de que Canudos estava prestes a ruir; porém, não de forma fácil, nem rápida. A primeira coluna se encontrava em sérias dificuldades e o General Savaget, sentindo a iminência do desastre, ordenou o ataque.

uma l  
Canuc  
Isidor  
des a  
tropas  
de m  
censu  
contin  
quem  
oficiais  
os so  
duras  
os cor  
tando  
Isidor  
a este  
inimig  
Nessa  
provid  
Favela  
ça, pa  
ção a  
jejum,  
ou de  
dinhe  
do um  
vivênc  
a circ  
a terr  
grios  
como  
do cor  
e hom  
espírit  
No dia  
avanç  
Isidor

avam, ao in-  
, pessoas, os  
s afloravam,  
ão de um sol-  
rês prováveis  
u a arma e  
um tiro cer-  
um rapaz e  
apavorados.  
ção causada  
ada ao ver a  
Isso fez com  
milhar dura-  
lasse sua ca-

as razões, o  
chegasse ao  
o com fervor.  
do no próprio  
situação da  
tativas desa-  
a equivocada  
duas colunas  
guerra. Tais  
ma falsa im-  
loro se ques-  
ue há: tanto  
iras do sertão  
as quebradas  
has, ouve-se  
o troar da ar-  
o. Que pelo  
tava bombar-  
adela de Belo  
o primeiro  
udos estava  
não de forma  
rimeira colu-  
érias dificul-  
aget, sentin-  
sastre, orde-

"Mil vezes uma guerra com uma Nação estrangeira, do que um Canudos Brasileiro"(p.316), dizia Isidoro. Sem dúvida, as calamidades aumentavam a angustia das tropas que ansiavam pela chegada de mantimentos. Além disso, a censura experimentada em 1893 continuava: "*cartas e jornais, só quem recebia, eram os senhores oficiais.*"(p.334) No morro da Favela, os soldados amargavam as mais duras necessidades e, para piorar, os conselheiristas continuavam lutando obstinadamente. Conforme Isidoro, todos estavam "*ali exposto a estes três impossíveis, invisíveis inimigos, balas, sede e fome*". Nessas condições, o umbuzeiro era providencial: "*No infeliz reduto da Favela, de triste e dolorosa lembrança, para nunca mais. Toda a população afavelada, passou 14 dias em jejum, sem comer um grão de feijão, ou de arroz. Quem não dispunha de dinheiro, se alimentava das batatas do umbu.*"(p.366)

Pelo que tudo indica, a sobrevivência tornava-se possível graças a circulação do conhecimento sobre a terra, cujos mestres eram os próprios sertanejos, vestidos ou não como soldados. Somente a chegada do comboio, trazendo mantimentos e homens descansados, revigorou o espírito dos fatigados combatentes. No dia 18 de julho de 1897, as tropas avançaram sobre Canudos. Para Isidoro, "*a famosa cidadela de Belo*

*Monte, que parecia ser invencível, antes tantas balas de canhões*", foi descrita da seguinte forma:

"Cada uma casa, era uma trincheira dos renitentes jagunços. Isto é, aquelas feras indomáveis, homens mulheres e crianças. As ruas não são bem alinhadas, mais são regulares e bem harmonizadas, não são becos sem saídas. Enjaulados, naquelas casas trincheiras, estavam ferozmente lutando, homens mulheres e crianças. Cada qual os mais assanhados, contra nós, os invasores." (p.336)

O Exército começou a destruir a resistência hercúlea dos conselheiristas. Para Isidoro, Canudos era quase invencível, mas "*por ventos contrários as leis de Deus*", ficou completamente arrasada. A igreja nova, "*formidável fortaleza*", que "*por muito tempo zombou das balas dos canhões*", só conseguiu ser derubada pela dinamite."(p.359) Ao mesmo tempo, se perguntava porque tudo teve que ficar arrasado. A resposta foi direta: "*Para excremento do futuro, se o futuro não for pior que o presente*".(p.359) Enfim, seguiu-se o último espetáculo de horror, quando os prisioneiros começaram a ser massacrados. Nesse momento, Isidoro fez questão de pontuar o estatuto de verdade da narração seguinte, explicitando a autoridade de seu olhar:

"Os fatos que segue parece incrível, mais não é, é realidade. Cruéis e cruéis verdades, embora parece impossíveis. Que os enfatuados, nega não lhes agrada saber. É duro e cruel fere como o fio da espada lamina de fino aço. Quer goste, quer não goste, não deixa de ser verdade. Em todo caso: deixamos os enfatuados e afortunados, e vamos aos fatos, que são reais. Todos nós, fomos testemunhas da senas desumanas, depois da guerra acabada."(p.359-60)

Conforme o depoente, no passo do Rosário foram fuzilados centenas de velhos e mulheres. Isidoro achava incrível que tais atos pudessem acontecer nos "tempos modernos", ao que ironizava: "*no seu não fanatismo e consensiosos religiosos romanos*" e "*ainda mais por beatos e carolas de farda as costas, em um país cristão.*"(360) Para ele, a Guerra de Canudos representava uma "*vergonha eterna para a geração que passa e fazia doer a alma e os corações mais duros.*"(p.360) Mas "*eram jagunços, tinham que desaparecer, embora vencidos.*"(p.361) Para ele, a moral cristã dos brasileiros parecia não existir:

"Atos tais só podia ser praticados nas eras pagãs, na antiguidade, onde o ser humano, era um objeto sem valor. Mais no Brasil na era Christã é de pasmar, é ato selvagem. Já não é mais selvagem, e satã-

nico.[...] É que o Brasil, ainda não está civilizado e doutrinado. Como os países semi-bárbaros ocupa um lugar de destaque."(p.362)

Ao Coronel Carlos Teles, conhecido pelo cerco de Bagé, durante a Revolução Federalista, foram entregues quase uma centena de prisioneiros. Porém, conta Isidoro que o mesmo disse: "*- não enodeo meus galões, com atos de covardia*"(p.363) Em seguida, libertou-os. Isidoro teceu todos os elogios possíveis ao admirável ato de seu comandante. Enfim, marcharam pelas ruas de Salvador, no dia 9 de outubro, "*vencidos, mas não convencidos*"(p.367), sob os olhares de uma platéia "*indiferente*"(p.368) à vitória da República, "*a quem detesta e odeia.*"(p.368) Em 28 de maio de 1898, Isidoro terminou seu relato sobre Canudos.

Se Isidoro testemunhou a guerra, trazendo muitas novidades, parte delas foram conhecidas de forma indireta, através de histórias, boatos e jornais. Fica difícil precisar de onde elas vieram, a não ser nos casos em que evidenciava a origem, através do "ouvi dizer", "li em certo jornal". Tempos depois, quando a guerra já tinha acabado, Isidoro sistematizou suas idéias sobre as causas da guerra.

Ao percorrermos as pegadas que o diário de Isidoro Virgínio fixaram, encontramos fronteiras ou

limites es  
vida, cujas  
tadas pelc  
das em se  
para final  
em seus  
Quanto a  
Vivida - ,  
título inc  
mente o m  
o enigma  
Por isso, e  
rindo uma  
ce plausiv  
Em  
cebo que  
jetivo apol  
na medid  
qualquer  
dar o non  
sociedade  
pessoal, p  
de livre

REFERÊ

CUNHA, Euclis  
Recrud, 20

HARTOG, Fran  
sobre a fro  
Editora UF

il, ainda  
doutri-  
es semi-  
lugar de

s Teles, co-  
agé, durante  
a, foram en-  
itena de pri-  
Isidoro que  
nodeo meus  
ardia”(p.363)  
s. Isidoro te-  
possíveis ao  
comandante.  
las ruas de  
tubro, “ven-  
idos”(p.367),  
uma platéia  
vitória da  
detesta e  
de maio de  
seu relato

emunhou a  
s novidades,  
rhecidas de  
de histórias,  
difícil preci-  
n, a não ser  
idenciava a  
vi dizer”, “li  
pos depois,  
ha acabado,  
suas idéias  
rra.

as pegadas  
Virgínio fi-  
onteiras ou

limites estabelecidos pela vida vi-  
vida, cujas experiências forma cap-  
tadas pelos olhos e ouvidos, grava-  
das em seguida no córtex cerebral  
para finalmente serem registradas  
em seus pequenos cadernos.  
Quanto ao título – A Vida Mal  
Vivida -, fico penhorado a um obs-  
táculo incontornável que é justa-  
mente o mistério de seu significado:  
o enigma da esfinge exige resposta.  
Por isso, encerro esse artigo suge-  
rindo uma explicação que me pare-  
ce plausível e, talvez, sustentável.

Em relação a Canudos, per-  
cebo que Isidoro não tinha um ob-  
jetivo apologético na sua descrição,  
na medida em que não existia  
qualquer pretensão de salvaguar-  
dar o nome das instituições e da  
sociedade. A leitura que realiza é  
pessoal, pois o diário era um lugar  
de livre expressão, próprio para

transformar seu pensamento na  
mais aguda crítica. Fora dali, não  
existia tal espaço.

Enfim, o diário era o lugar do  
exame, da busca da coerência, da  
superação do erro: um lugar de sen-  
tido, sentimentos e verdade. Por  
isso, muitas vezes Isidoro avançou  
para depois recuar, percorrendo o  
caminho inverso, descontraindo o  
que tinha pensado para depois eri-  
gir um pensamento mais concreto:  
assim, a República é que era fanática,  
bárbara e anti-cristã. Contudo,  
se esse espaço de des-convenci-  
mento foi intitulado “A vida mal  
Vivida”, tal escolha deveu-se às  
mentiras, às guerras, à exploração  
do trabalho, aos preconceitos e a  
própria sensação equivocada de  
que o aprendizado advindo da ânsia  
aventureira de um jovem, trariam o  
fim de uma solidão inexaurível.

## REFERÊNCIAS

- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

- JOBIM JÚNIOR, Carlos Perrone. *A Vida Mal Vivida - Diário de um maragunço*. Porto Alegre: dissertação de mestrado/ UFRGS, 2002.

- SEVILHA, Isidoro (san). *Etimologias*. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1951.

# ENTREVISTA

Um (

por Mano

Joã  
João Oliv  
vil, apesa  
dos seus  
pessoa se  
de uma r  
rística da  
pausada,  
gressões  
depositár  
nadas d  
credencia  
mais crív  
ria de sua  
tantemen  
todos os  
interlocut  
tado em  
Converso  
como o  
Vargas l  
idêntica  
anônimos

A c  
nasceu e

# Um Certo João Guerra

por Manoel Neto\*

João Guerra (1906-1992), João Oliveira Dias no registro civil, apesar do apelido que herdou dos seus antecedentes era uma pessoa serena e pacata. Possuidor de uma narrativa muito característica da região, qual seja, a fala pausada, mansa, recheada de expressões típicas, foi também fiel depositário de informações originadas dos seus antepassados, credenciando-se como um dos mais críveis narradores da história de sua gente. Procurado constantemente por pesquisadores de todos os matizes e origens foi um interlocutor consciencioso e pautado em cautelosa discrição. Conversou com gente importante como o escritor peruano Mário Vargas Llosa, atendendo com idêntica boa vontade visitantes anônimos ou menos notórios.

A cidade onde João Guerra nasceu e se criou, desapareceu

“Não durmo. Me viro de um lado para o outro. Penso em todo mundo que conheci. Vivo e morto<sup>1</sup>”.

**João de Doni, vaqueiro,  
velho morador de  
Canudos.**

em 1969, inundada pelas águas represadas do açude de Cocorobó. Nela estavam os últimos vestígios da “urbs conselheirista”: as ruínas das igrejas, a Velha e a Nova, e o antigo cemitério. Lá repousam seus pais, avós e outros entes queridos.

Marilena Chauí nos alerta que “Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros”. Adiante, complementa:

“Todavia, a memória não é oprimida apenas porque lhe

\* Historiador do CEEC/UNEB. Membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia - IGHB.

<sup>1</sup> Trecho de depoimento concedido ao autor, no ano de 1999.

foram roubados os suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido a monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos" (BOSI, 1987: XIX)<sup>2</sup>

Em Canudos, precede o desmonte daquilo que Chauí chama de "suportes materiais", um

progressivo movimento das classes dominantes, para desqualificando, isolar politicamente a cidade e seus moradores, tanto no momento em que transcorreu o conflito, como mais adiante no período pós-guerra. No primeiro instante, com a solidariedade das elites intelectuais e políticas que aderiram ao apelo discursivo contra os canudenses – veiculado principalmente pelos jornais – que utilizavam abusivamente de conceitos científicos muito difundidos à época para traçar o perfil de Antonio Conselheiro e demais habitantes da cidade. Representados sempre como "sub-raça, mentecaptos, selvagens", enfim, horda cujo furor teria que ser aplacado pelo fogo civilizatório da República redentora, os sertanejos eram também tratados como patéticos, fanáticos e insanos. Há que se considerar igualmente as pressões exercidas pelos grandes proprie-

tários rurais, notadamente o Barão de Jeremoabo e, pelo próprio Estado Republicano, para reconduzir aos limites da "ordem estabelecida" o povo que decidira viver na Belo Monte do Conselheiro. Rui Facó, confere relevância a participação da Igreja Católica, que para ele desempenha

"[...] o papel de polícia ideológica no meio rural, antecipando-se às forças repressivas. Prepara-lhes o caminho. Percebe instintivamente, que a "heresia", o desvio das normas de conduta estabelecida pela religião dominante – a religião das classes dominantes – poderá evoluir até a rebeldia contra a ordem constituída." (FACÓ, 1991: 35)

Esse cerco ideológico e político que intentava amparar a destruição do arraial fundado pelo Beato cearense, como de fato ocorreu, persistiria depois de finda a luta, sendo exemplo contundente a glorificação de comandantes militares, cujos nomes batizam ruas e logradouros públicos, a exemplo do que ocorreu com Febrônio de Brito e Pires Ferreira, homenageados em Salvador, onde também o Marechal Machado

<sup>2</sup> Os *Trabalhos da memória*. Apud. Bosi, Ecléa. *Lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1987. 406 p. il.

Bittenc  
sem e  
Canudo  
placas  
de São  
situado  
capital  
de out  
nhas e  
priado  
história  
buscava  
isto é,  
impor a  
to. Não  
caroá s  
O  
sertão s  
ali vale  
no cabo  
ciada. I  
papear  
da noite  
e amigo  
tempo,  
De tudo  
Do real  
regra, a  
não lê,  
Dos me  
recem  
mortos.  
tornam  
lhas e o  
e valen  
gaceiro  
tas das  
clânica  
nos, p

ente o Barão  
elo próprio  
para recon-  
ordem esta-  
acidira viver  
elheiro. Rui  
ia a partici-  
a, que para

ideoló-  
anteci-  
epressi-  
aminho.  
te, que  
das nor-  
selecida  
nte – a  
ominan-  
tê a re-  
consti-  
5)

gigo e polí-  
parar a des-  
ndado pelo  
o de fato  
pois de fin-  
plo contun-  
comandan-  
nes batizam  
públicos, a  
orreu com  
es Ferreira,  
vador, onde  
Machado

pub. Bosi, Ecléa.  
Paulo: Edusp, 1997.

Bittencourt mereceu honrarias, sem esquecer “os heróis de Canudos”, recordados ambos em placas existentes em área do Forte de São Pedro, Unidade do Exército, situado no Centro Histórico da capital baiana. Usando destes e de outros ardis, práticas “dani-nhas e sinistras” no dizer apropriado de Chauí, os ideólogos da história oficial e seus porta-vozes buscavam atingir seu desiderato, isto é, celebrar os “vencedores” e impor aos vencidos o esquecimen-to. Não sabiam, talvez, que do caroá se tece a rede...

Quem vive ou andou pelo sertão sabe que uma boa conversa ali vale ouro. A prosa ainda que no cabo da enxada é sempre apre-ciada. Contumaz igualmente é o papear no fim de tarde, na boca da noite, entre vizinhos, parentes e amigos. Conversa lerda como o tempo, pegajosa, sem ponto final. De tudo se fala e muito se escuta. Do real e do imaginado. É via de regra, a escrita e a leitura de quem não lê, nem tampouco escreve. Dos meandros da memória reaparecem figuras diversas, vivos e mortos. Com os antepassados re-tornam alegrias e tristezas, bata-lhas e combates, notas de astúcias e valentias, narrativas sobre can-gaceiros, beatos, violeiros e poe-tas das feiras; estórias de lutas clânicas entre grandes e peque-nos, passagens violentas onde

sempre se lava com sangue a hon-ra ultrajada. Nesses momentos a cidade com suas ruas e traçados antigos, com seus cultos e festejos ressurgue plena e povoada, intoca-da no seu desenho e no existir de outrora. Neste reconstruir sutil do tempo e do espaço, uma vida nos conta sobre muitas outras, reacen-de as pistas quase apagadas para que sejam novamente percorridas. Eis os desafios que cabe ao pes-quisador enfrentar!

Quando entrevistamos o Sr. João Guerra, Canudos, em verdade a antiga Cocorobó, era uma cidade recém emancipada – Lei Estadual 4.404, de 25 de fevereiro de 1985 – que recuperara através do ato emancipatório o antigo topônimo. Pouco ou quase nada restava da vila histórica, apenas o tosco Cruzeiro que ficava em frente à Igreja Velha, sob guarda de reli-giosos católicos, e restos mate-riais do conflito – artefatos béli-cos, utensílios domésticos e outros objetos – preservados geralmente por particulares que os recolhera nos cenários da luta. Nas recorda-ções de homens e mulheres ama-durecidos, entretanto, a cidade renascia soberana como uma ave que há longo tempo no cativeiro reconquista a liberdade. Fio con-dutor entre o passado e o presente, estas revivescências são elemen-tos indispensáveis no processo educativo das comunidades, como

reconhece Ecléa Bosi, no seu já citado “Lembranças de Velhos”:

“Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas como desnecessárias.” (BOSI, 1987:32)

Mais que um mero contador de estórias preso ao seu passado e antepassados, além de um memorialista desfiando suas reminiscências ou recompondo mnemonicamente fatos históricos, João Guerra e muitos outros sertanejos e sertanejas com os quais conversamos (D.Isabel, D. Zefinha, João Régis, Ioiô da Professora<sup>3</sup>), fizeram-se educadores, mesmo que muitas vezes tendo que desmontar alçapões ou abrir portas e janelas, para fazer entrar radioso o sol das incomparáveis manhãs dos sertões. Cabe aqui, também, a observação de Paul Thompson, quando ele afirma:

“É certo que as mudanças que podem ser percebidas pelos historiadores orais em

seus sujeitos provavelmente não serão tão pitorescas, mas é possível que sejam igualmente importantes. O fato de cada vez mais se darem conta, não só de que as pessoas eram úteis à história, mas que também a história podia ser útil para as pessoas, foi uma das origens principais do movimento de terapia da reminiscência que se tem difundido tão surpreendentemente nos últimos anos”. (THOMPSON, 1992: 209).

É certo que ao constatar-mos nos sujeitos anônimos seres capazes de relatarem além das suas trajetórias pessoais, versões sobre ocorrências históricas, públicas ou particulares, estamos em verdade, nós historiadores, apenas lhes reconhecendo o direito propositalmente sonogado pelos grupos socialmente hegemônicos, de testemunharem sobre fatos vividos, ainda que longe do proscênio. Trocando em miúdos: recolhemos tudo aquilo que a “vassoura oficial” pôs embaixo do tapete.

Entrevistamos o Sr. João Guerra, no mês de outubro de 1987, na sua casa/hotel<sup>4</sup> em

<sup>3</sup> Todos já falecidos, exceto Ioiô da Professora, que ainda vive no município de Euclides da Cunha. A esses nomes muitos poderiam ser acrescentados.

<sup>4</sup> Funcionário aposentado do DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra a Seca -, João Guerra era também proprietário do Hotel São João Batista, nos anos 80 do século passado, o principal de Canudos.

Canudo  
panhia  
também  
costume  
compan  
lhos e n  
pedes. /  
junto d  
“A prese  
na mem  
financia  
e da U  
Bahia –  
de Estu  
CEEC. /  
preâmb  
da entre  
anos, a  
dapé qu  
tor, con  
corrigir  
jam eles  
entrevi  
não esc  
profess  
Mônaco  
se depa  
tradas e  
sente qu  
zes tern  
pp 32/3  
o docur  
mente c  
da escu  
mecânic  
ao trans  
formaçã  
curso d  
sinais n

almente  
as, mas  
igual-  
fato de  
em con-  
pessoas  
a, mas  
a podia  
as, foi  
incipais  
apia da  
tem di-  
ndente-  
anos".  
(9).

instatarmos  
seres capa-  
n das suas  
rsões sobre  
s, públicas  
ios em ver-  
es, apenas  
direito pro-  
o pelos gru-  
nônicos, de  
fatos vivi-  
o prosclênio.  
recolhemos  
assoura ofi-  
apete.

o Sr. João  
outubro de  
'hotel4 em

Canudos, onde ele vivia na companhia de sua esposa, D. Eulina, também já falecida. Lá, com a costumeira fidalguia sertaneja, na companhia de alguns dos seus filhos e netos recebia amigos e hóspedes. A entrevista integra o conjunto de depoimentos do projeto "A presença da Guerra de Canudos na memória do povo de Cocorobó", financiado com recursos do CNPq e da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, através do Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC. O texto que sucede este preâmbulo é a transcrição editada da entrevista obtida há quase 20 anos, acrescida com notas de rodapé que objetivam auxiliar o leitor, complementar informações e corrigir eventuais equívocos, sejam eles dos entrevistadores ou do entrevistado. A propósito, convém não esquecermos a sentença da professora Maria de Lourdes Mônaco Janotti para quem [...] "Ao se deparar com fontes orais, registradas e transcritas, o historiador sente que para ele os tempos felizes terminaram" (JANOTTI, 1987: pp 32/35). De fato, o trabalho com o documento oral não é tão somente o exercício puro e simples da escuta. Mais que a audição mecânica da fonte gravada cabe ao transcritor, seja qual for sua formação ou objetivo, *sentir* o discurso do entrevistado, perceber sinais nas suas pausas e silêncios,

buscar e refazer na memória passagens da fala registrada para eliminar dúvidas e resguardar a autenticidade do depoimento, ou seja, perseguir obsessivamente a fidedignidade do testemunho que lhe foi confiado. Tal procedimento pressupõe que a transcrição seja realizada preferencialmente por um dos entrevistadores, familiarizado, portanto, com o tema tratado e sensibilizado para realizar a tarefa com a dedicação que esta requer. No caso, contamos com a prestimosa colaboração do professor José Carlos Pinheiro, que tendo participado da entrevista e sendo especialista na matéria pode desfiar pacientemente o fio da meada.

Editar o texto resultante da transcrição significou torná-lo mais conciso, mais agradável e compreensível, possibilitando dessa forma uma melhor leitura sem o prejuízo da coloquialidade inerente ao discurso oral. Bom informar que apenas retiramos do original, perguntas e respostas coincidentes, frases truncadas ou inaudíveis por deficiência da gravação, insanavelmente comprometidas, ainda que recorrendo a ajuda do depoente enquanto vivo ou posteriormente, aos seus familiares mais próximos.

Ao publicarmos esta entrevista, quase duas décadas após realizá-la, não nos surpreendeu a sua

Professora, que ainda da Cunha. A esses tentados.

JS – Departamento de História, João Guerra era o João Batista, nos arquivos de Canudos.

atualidade, seu vigor informativo e a delicada reconstrução do cenário físico e humano onde os fatos históricos narrados se desenrolaram. Ainda hoje nos emocionamos como ontem. Dedicamo-la aos familiares

do velho João Guerra, nas pessoas de seus filhos, netos e bisnetos. É também uma homenagem à memória de D. Eulina, sua companheira por toda vida. Guardo-os nas minhas recordações e no meu afeto.

## ENTREVISTA

**E1 - Senhor João, bom dia. Gostaríamos que nos dissesse onde nasceu, o nome de seus pais, um pouco de sua vida.**

**JG -** Está certo. Meu nome completo é João de Oliveira Dias, nasci no dia 17 de outubro de 1906, em Canudos<sup>5</sup>. Meu pai se chamava Joaquim Oliveira Dias e, minha mãe, Maria Ana da Conceição, mais conhecida como Maria da Guerra<sup>6</sup>. Até os 31 anos eu morei aqui, depois fui para São Paulo tentar a sorte, fiquei lá durante três anos, mas como não deu certo, retornei para Canudos, indo em seguida residir em Campo Formoso<sup>7</sup> para trabalhar no garimpo. Em 1941, já morando novamente em Canudos, eu me casei com Eulina. Nesse mesmo ano eu entrei no DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra a Seca -, para trabalhar na construção da estrada que ia de Juazeiro a Barra do Tarrachil<sup>8</sup>, sendo que em 1949 fui viver no Uauá<sup>9</sup> onde permaneci até 1957. Depois disso voltei a morar por aqui, onde permaneço até hoje.

**E2 - Quantos filhos, senhor João?**

**JG -** Sete. Três mulheres e quatro homens.

**E1 - Por quê o apelido de João Guerra?**

**JG -** Porque o meu avô por parte de mãe era “Mané da Guerra”. Antes da Guerra de Canudos ele já tinha esse

<sup>5</sup> O entrevistado se refere a cidade reerguida após o final da Guerra (1896/1897). Segundo a tradição oral a reconstrução da Vila teria ocorrido entre 1898 e 1909, quando a reocupação da área se consolidou. A cidade existiu até 1969, quando desapareceu sob as águas do açude de Cocorobó. A Canudos atual era distrito do município de Euclides da Cunha até 1985, com o topônimo de Nova Canudos.

<sup>6</sup> A mãe do Sr. João, Dona Maria da Guerra era uma das mais respeitadas e solicitadas parteiras de Canudos, gozando de muito prestígio na velha cidade.

<sup>7</sup> Cidade situada no semi-árido baiano, distante de Salvador cerca de 400 km.

<sup>8</sup> Um dos mais importantes municípios do semi-árido da Bahia, situado às margens do rio São Francisco e fazendo divisa com Pernambuco/PE. Dist. de Salvador 500 km. Barra do Tarrachil é um pequeno lugarejo situado alguns quilômetros acima de Canudos, a beira do Rio São Francisco, funcionando no local um serviço de transporte fluvial que conduz veículos e passageiros através do rio para o estado de Pernambuco. A estrada a que se refere o entrevistado até hoje permanece grande trecho inconclusa, embora seja muito utilizada, principalmente por veículos de carga.

<sup>9</sup> Município situado no semi-árido da Bahia, próximo a Canudos, distante da Capital 416 km.

apelido ( e depois versando suntu, e agora d Quando era rapa go, imag votar, er data qu deu 17 d cumento Quer diz a do doc

**E2 - A st sou tod**

**JG - Pa São Paul**

**E1 - Volt não sab**

**JG - Eu meu avô nbeci el avô tam Guerra. chamad Josefa G assim, t pelo ape**

**E2 - A vi vertido**

**JG - O te era mais nasci de mo no r tempo n outras h tudo. O g**

s pessoas  
isnetos. É  
1 à memó-  
npanheira  
s nas mi-  
eu afeto.

## hor João?

is e quatro

## o de João

or parte de  
t". Antes da  
tinha esse

erguida após o fi-  
a tradição oral à  
entre 1898 e 1909,  
nsolidou. A cidade  
ceu sob as águas  
tual era distrito do  
1986, com o topô-

erra era uma das  
eiras de Canudos,  
a cidade.  
iano, distante de

e do semi-árido da  
ão Francisco e fa-  
ta de Salvador 500  
o lugarejo situado  
dos, à beira do Rio  
pal um serviço de  
ulos e passageiros  
nambuco. A estrá-  
te hoje permanece  
seja muito utiliza-  
carga.

à Bahia, próximo a  
m.

apelido que passou para minha mãe e depois para mim. A gente está conversando sobre isso, sobre este assunto, e eu estou me lembrando agora de uma coisa interessante. Quando tirei meus documentos eu já era rapaz, estava procurando emprego, imagine que já tinha idade para votar, então minha mãe me deu a data que eu tinha nascido, ela me deu 17 de outubro e eu fiz meus documentos como se fosse no dia 10. Quer dizer, a data verdadeira é uma e a do documento é outra!

## E2 - A sua infância o senhor passou toda aqui na região?

**JG** - Passei. Só em 1937 eu fui para São Paulo, passei três anos por lá .

## E1 - Voltando ao apelido. O senhor não sabe realmente a origem?

**JG** - Eu não sei. Sempre tratavam meu avô assim. Desde menino conheci ele com esse apelido. Minha avó também era chamada de Josefa Guerra. Até morrerem eles eram chamados assim: Mané Guerra e Josefa Guerra. Conheci um e outro assim, todo mundo chamava eles pelo apelido.

## E2 - A vida era melhor e mais divertido do que hoje?

**JG** - O tempo numa parte era melhor, era mais sossegado. Eu nunca fui rico, nasci de uma família pobre e, continuo no mesmo, mas acho que aquele tempo numa parte era melhor, em outras havia mais dificuldades em tudo. O povo era tudo pobre, a gente

não tinha de que viver, depois desse açude para cá é que melhorou, foi melhorando as coisas e tal, muita gente melhorou de vida.

## E1 - O senhor participou da construção do açude?

**JG** - Do começo até o fim. Em 1958 foi aprovado o Projeto<sup>10</sup> e nós começamos, eu mesmo morava em Uauá quando foram me buscar para "tirar" essa estrada de Canudos para aqui<sup>11</sup>.

## E1 - O pessoal que veio construir o açude, os operários eram todos daqui da região?

**JG** - Quase todos eram daqui da região, mas também apareciam alguns de fora.

## E2 - Os engenheiros eram de fora?

**JG** - Os engenheiros eram de Salvador. Fora isso tinha gente de toda parte dessas obras do sertão, daqui mesmo tinha muita gente. Quando a gente começou eram poucos, depois foi aumentando, chegando a ponto de ter muita gente mesmo, eram muitos carros e muitas máqui-

<sup>10</sup> Contradizendo o depoimento do Sr. João Guerra, o livro "Barragens No Nordeste do Brasil", registra que "a barragem do açude Cocorobó teve sua construção iniciada em 1951, por administração direta do DNOCS". Assim sendo, nem o teria sido aprovado em 1958, nem o presidente Vargas já teria morrido quando do início das obras de construção do açude Cocorobó.

<sup>11</sup> Esta estrada, perfazendo o trecho Canudos/Cocorobó foi construída entre os meados e o final da década de 40, do século XX.

nas, era um movimento muito grande. Para fazer esse açude foi um sacrifício grande porque era dentro de um rio, do Vasa-Barris<sup>12</sup>, mas só tinha água quando corria, quando chovia<sup>13</sup>, aí qualquer lugar que escasseasse naquela areia dava água, e água limpa. Então, quando foi aprovado o açude, é que viemos trabalhar na fundação, foram trinta metros de fundação dentro d'água, era cavando, as máquinas escavadoras cavando, a gente tirando aquela areia e fazendo as encaixões para as águas.

**E1 - Sendo antigo morador da cidade de Canudos, onde tantos fatos ocorreram, onde viveram seus pais, seus avós, como é que o senhor encarou a água passando por cima disso tudo?**

**JG -** No começo a gente não achava jeito disso acontecer. Quando Getúlio Vargas era Presidente da República é que começou essa conversa de açude. Ele queria conhecer e veio a Canudos como Presidente da República<sup>14</sup>. Na visita ele foi na casa do capitão Isaías Canário<sup>15</sup> que era um político muito forte aqui, tinha muita força, então numa conversa com Isaías Canário, Getúlio perguntou o que ele queria para Canudos e Isaías respondeu: "Eu quero que Vossa Excelência nos dê um açude para Canudos". E Getúlio Vargas respondeu: "Pode aguardar, espere que será feito". Em pouco tempo veio o estudo, fizeram em Canudos e acima, em três lugares, mas não foi aprovado, quando ia para lá que voltava não aprovava, voltava, pegava, quando chegou

perto de Canudos, desceram de Canudos abaixo, foram em três lugares, o derradeiro foi esse aqui, esse aqui foi aprovado, quando foi aprovado e começamos a trabalhar Getúlio Vargas já tinha morrido, não era mais vivo.

**E2 - Quando foi que o senhor ouviu falar pela primeira vez no nome de Antonio Conselheiro?**

**JG -** Desde que me entendi, ainda pequeno. Minha avó e meu avô participaram da Guerra, eles resistiram até o fim. Minha mãe era moça, eram cinco irmãs moças, essas ficaram até na hora que fecharam o cerco. Eu tinha também dois tios, um morreu e o outro parece que desapareceu.

<sup>12</sup> A Canudos conselheirista situava-se na margem esquerda deste rio, que nasce em terras do município de Uauá, numa altitude de 500 metros. Suas nascentes, que afloram em terras baianas, segundo o pesquisador Dionísio Nóbrega encontram-se nas lagoas Pinhões e Bonita, e sua desembocadura ocorre no Paramopama que banha a cidade sergipana de São Cristóvão. Informação do mesmo estudioso dá conta que em tupi o rio foi batizado Irapiranga, cujo significado seria a belha vermelha ou mel avermelhado.

<sup>13</sup> No trecho que banhava Canudos o rio Vasa Barris tinha curso temporário. Durante a estação de chuvas, quando estas ocorriam, o rio corria caudaloso, chegando mesmo a provocar enchentes. Durante as estiagens prolongadas, porém, o leito ficava seco, como descreve o Sr. João Guerra.

<sup>14</sup> O presidente Getúlio Vargas visitou Canudos, em 18 de outubro de 1940. A versão segundo a qual durante esta visita lhe foi solicitado pelo capitão Isaías Canário (1890 - 1966) a construção de um açude, embora seja corrente entre os antigos moradores da 2ª Canudos, não é confirmada pelo seu sobrinho, o escritor Eldon Canário, nem pelo Sr. Antonio Batista (1909 - 2003), outro chefe político da localidade no período e correligionário do Sr. Isaías, a quem entrevistamos em 1999. Importante lembrar, também, que o Presidente Vargas em que pese anotar no seu Diário, Vol. II, publicado pela Editora Siciliano/FGV, a passagem pela Vila, não menciona a conversa sobre a construção do açude.

<sup>15</sup> Como já informamos trata-se de um dos mais prestigiados chefes políticos da 2ª Canudos, senão o mais importante. O escritor Eldon Canário nos informou que a patente de capitão lhe foi oficialmente concedida pelo Presidente Vargas, numa dedicatória aposta numa foto que enviou ao Sr. Isaías, após sua passagem por Canudos, em 1940.

**E2 - Com  
nhor se l**

**JG -** Um  
gou muit  
Manezinh  
ficou resi  
passaram  
char, eles  
do Mário,  
todos os s  
ficavam a  
passaram  
três para  
esse temp  
gente, jag  
diziam er  
estava ve  
estava ve  
partido, q  
mas brigat

**E1 - Quer  
ças são b  
o tempo d  
de sua fa  
no Conse**

**JG -** Desde  
pessoal, m  
pelo Cons  
um jeito, er  
Vinha muit  
povo do Ri  
que era um  
Conselheir  
minha avó  
que a velha  
vam e perg  
ela ia dize  
Antonio Co  
escutava el  
e tal, dep  
Conselheir  
o que lá",

“sapateava” mesmo, porque não gostava que ninguém falasse do Conselheiro.

**E2 - E o que é que ela falava do Conselheiro?**

**JG** - Dizia que ele só aconselhava para o bem e só fazia o bem. Minha mãe era moça nesse tempo, mas minhas tias que eram mais velhas viam fazendo orações. Eu perguntava como era com esse povo todo que diziam que tinha, e elas diziam que não faltava nada. Esse povo mais velho dizia que quando o Conselheiro chegou em Canudos existiam umas 60 (sessenta) ou 70 (setenta) casinhas e, quando houve a guerra, tinham 6.000 (seis mil) casas. Deram a certeza, tinha 6.0000 (seis mil) casas, tinha também muita gente! Eu alcancei o rumo onde era Canudos, a casa-ria de telhas, a bagaçaria, os torrões, tantos anos, não é? Alcancei tudo isso, a gente caçando balas, apanhando coisas para vender a esse povo que vinha visitar Canudos, tudo que se achava da guerra eles compravam para levar como lembranças, de forma que nós ajuntávamos uns quatro ou cinco garotos, cada um com uma capangazinha e saía cedo para apanhar bala e guardar, em

**E2 - Como era o nome deles, o senhor se lembra?**

**JG** - Um era José, José Guerra, brigou muito e o outro era Mané ou Manezinho, o que sumiu. Meu avô ficou resistindo ali dentro, mas eles passaram dois anos e tanto para fechar, eles começaram aqui no Alto do Mário, ali era o acampamento de todos os soldados, quando chegavam, ficavam ali. Eles fizeram uma cerca, passaram dois anos e tanto, quase três para cercar, e brigando durante esse tempo. Era brigando, matando gente, jagunço brigando<sup>16</sup>. Pelo que diziam era uma ignorância terrível estava vendo uns e outros morrer, estava vendo que aquilo não tinha partido, que iam todos se acabar, mas brigavam.

**E1 - Quer dizer que suas lembranças são bem antigas, vêm desde o tempo de menino, não é? Dentro de sua família sempre se falava no Conselheiro, na Guerra?**

**JG** - Desde pequeno. Minha avó, meu pessoal, minha família era fanatizada pelo Conselheiro. Minha avó era de um jeito, era uma velha muito valente. Vinha muita gente conhecer Canudos, povo do Rio, povo de São Paulo, gente que era um horror para perguntar pelo Conselheiro. Eles vinham procurar minha avó, parece que eles sabiam que a velha era valente, então chegavam e perguntavam algumas coisas e ela ia dizendo, contando quem era Antonio Conselheiro. Tinha gente que escutava ela falando e elogiava, coisa e tal, depois dizia: “Que nada, o Conselheiro não era isso não, não sei o que lá”, ela então “sapateava<sup>17</sup>”,

<sup>16</sup> O entrevistado incorre em equívoco ao afirmar que “o cerco de Canudos demorou dois anos”, pelo menos o sítio militar. Em verdade, a Guerra de Canudos se iniciou em novembro de 1896 (Expedição Pires Ferreira), e findou em outubro de 1897, durando então menos de 01 (um) ano. O cerco final a Canudos foi concluído ao findar-se o mês de setembro de 1897, quando todas as entradas e saídas do arraial passaram ao controle das forças republicanas.

<sup>17</sup> Reagia com indignação, inconformismo, fazia a defesa do Conselheiro.

sceram de em três lu- esse aqui, quando foi a trabalhar norrido, não

**senhor ou- ira vez no elheiro?**

endi, ainda leu avô par- s resistiram era moça, is, essas fi- fecharam o n dois tios, parece que

se na margem es- ras do município de s. Suas nascentes, gundo o pesquisaa- m-se nas lagoas ocadura ocorre no a serpipana de São estudioso dá conta ranga, cujo signifi- i avermelhado.

o rio Vasa Barris ti- estação de chuvas, ria caudaloso, che- tes. Durante as es- o ficava seco, como

ou Canudos, em 18 ndo a qual durante elo capitão lealaf ção de um aqude, tigos moradores da do seu sobrinho, o Sr. Antonio Batista o da localidade no álas, a quem entre- brar, também, que notar no seu Diário, lano/FGV, a passa- conversa sobre a

um dos mais presti- udos, senão o mais nário nos informou iciosamente conce- i dedicatória aposta is, após sua passa-

poucas horas estava carregado, todo mundo vinha carregado de balas, eu trazia todo dia, eu guardava para vender àquele pessoal que vinha do Rio, São Paulo, de toda parte.

**E2 - O que mais eles contavam sobre Antonio Conselheiro?**

**JG** - Meus avós contavam que a intenção dele era só fazer o bem, como eu já falei. Ele também fazia penitência, aconselhava quem precisasse, agora o serviço dele era trabalhar para fazer igreja. Eu conheço algumas igrejas feitas pelo Conselheiro, por exemplo: a igreja de Patamutê<sup>18</sup>, e parece que a de Nova Soure<sup>19</sup>.

**E1 - E antes dele vir para Canudos?**

**JG** - Eles contavam sobre o Conselheiro no Ceará. Esqueço o nome do lugar.

**E1 - Quixeramobim<sup>20</sup>?**

**JG** - Quixeramobim. Eu lembro dos velhos contando que ele casou-se e a mãe não queria o casamento, não era do gosto da velha, mas ele fez uma casa perto da mãe, então a mãe inventou que a mulher dele estava sendo falsa a ele. Antônio Conselheiro disse: "Não acredito, não é possível!". Então ela insistiu dizendo: "Vou lhe provar, você faça uma viagem, diga a ela que vai fazer uma viagem, que vai demorar, que você volta tal dia, aí você fica amoitado". Então ele fez que ia viajar, ficou escondido, ficou numa moita reparando perto de casa, mas foi a mãe quem se trajou de homem e

saltou a janela. Ele estava perto escondido, estava armado, então na hora que ela pulou a janela ele atirou. A mulher estava sem saber de nada. Quando ele correu para o lugar viu que era a mãe que estava caída e morta<sup>21</sup>. Isso é o que me contavam sobre a vida dele antes vir para aqui.

**E2 - Era verdade que o Conselheiro fazia milagres<sup>22</sup>?**

**JG** - Diziam que ele fazia milagres. Só ouvia o povo dizer, mas aqueles fanáticos é que diziam que ele fazia milagres.

- 18 Distrito do município de Curaçá, localidade situada na região do Rio São Francisco, em território da Bahia. Contrariando a informação do entrevistado não existe a construção por ele mencionada no lugarejo.
- 19 Município situado na região do agreste baiano, distando de Salvador 225 km. Nesta localidade, à época denominado Natuba, em 1893, durante a feira semanal ocorreu sério incidente entre os seguidores de Antonio Conselheiro e representantes do Fisco baiano, quando por ordem do Beato foram quebradas as tabuletas de impostos, num claro gesto de desobediência civil. Quanto a Igreja do local, hoje desaparecida, nela Antonio Conselheiro efetuou reparos, não sendo obra sua a construção do templo.
- 20 Situada quase ao meio do território do estado do Ceará é a terra onde nasceu Antonio Conselheiro. A Vila original cresceu na propriedade do capitão-mor Antonio Dias Ferreira, sendo até 1765, Freguesia de Santo Antonio de Quixeramobim e, depois, Vila Nova Maior do Campo de Quixeramobim. Foi elevada a categoria de cidade pela Resolução provincial nº 765, datada de 14 de agosto de 1856, com o nome de Quixeramobim.
- 21 Sempre recorrente no imaginário popular a estória do crime de matricídio imputado a Antonio Conselheiro é absolutamente inverídica. Orfão de mãe aos quatro anos, pois sua genitora Maria Joaquina de Jesus faleceu em 1834, Antonio Conselheiro foi criado pela madrasta, pessoa mentalmente insana, que muito o maltratou. Preso sob essa falsa acusação, em 1876, na cidade baiana de Itapicuru, o Peregrino foi conduzido a Salvador, em seguida ao Ceará, onde foi libertado dado a inveracidade da denúncia.
- 22 Guarda a tradição oral, em muitos locais do sertão conselheirista, as narrativas dos milagres de Antonio Conselheiro. Sabe-se, todavia, que ele jamais estimulou tais crenças, ao contrário, não permitia por exemplo que se ajoelhassem diante dele, ao dizer: "Levante-se, que Deus é outra pessoa". Sobre o assunto indicamos a leitura de duas obras fundamentais: "O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro", do mestre José Calsans, e "Só Deus é Grande", de Alexandre Otten.

E2 - Era e seu Monar O senh

JG - Iss

E1 - Sua

JG - Fai

E2 - Era que?

JG - Por e quand pessoal ainda di: mas o p nenhum

E1 - O qi

JG - Ele vai fazer a quanti andaram passou n

E2 - Mas vam o c

JG - Aí tempo nã nada por o povo ce quando a povo er Conselhe

E2 - O ser Canudos menos e vam seu soal mai morava

va perto es-  
, então na  
la ele atirou.  
ber de nada.  
o lugar viu  
ava caída e  
e contavam  
r para aqui.

## Conselheiro

milagres. Só  
queles faná-  
e fazia mila-

localidade situada  
território da Bahia.  
vistado não existe  
o lugarejo.

prestre balano, dis-  
ccalidade, à época  
ante a feira sema-  
os seguidores de  
res do Fisco baia-  
ram quebradas as  
resto de desobedi-  
l, hoje desapareci-  
tuou reparos, não  
nplio

rio do estado do  
nio Conselheiro. A  
de do capitão-mor  
1765, Freguesia de  
depois, Vila Nova  
Foi elevada a ca-  
provincial nº 765,  
com o nome de

opular a estória do  
ntonio Conselheiro  
de mãe aos quatro  
luna de Jesus fale-  
foi criado pela ma-  
ana, que muito o  
sação, em 1876, na  
primo foi conduzido  
onde foi libertado

es locais do sertão  
magres de Antonio  
ele jamais estimu-  
ermítia por exem-  
dele, ao dizer:  
ssoa". Sobre o as-  
obras fundamen-  
as Conselheiro", do  
as é Grande", de

**E2 - Era verdade que o Conselheiro e seu povo eram a favor da Monarquia e contra a República?**

**JG -** Isso eu ouvi falar.

**E1 - Sua avó falava isso?**

**JG -** Falava.

**E2 - Era contra a República, por que?**

**JG -** Porque era o tempo da Monarquia e quando passou para a República o pessoal não queria. O Conselheiro ainda dizia que não tinha jeito e coisa, mas o povo não queria de maneira nenhuma.

**E1 - O que o Conselheiro dizia?**

**JG -** Ele dizia: "O que é que a gente vai fazer?". Mas o povo não aceitava, a quantidade de gente era demais, andaram rasgando dinheiro, depois passou mesmo, ficou a República.

**E2 - Mas eles também não aceitavam o casamento civil?**

**JG -** Aí eu não sei. Porque naquele tempo não tinha Cartório, não tinha nada por aí, não sei nem como era que o povo casava. Parece que de vez em quando aparecia um padre, porque o povo era todo fanatizado pelo Conselheiro.

**E2 - O senhor tem nos dito que em Canudos vivia muita gente, pelos menos era assim que lhe contavam seus avós, sua mãe e o pessoal mais velho. Se em Canudos morava tanta gente, como era**

**possível dar comida para esse povo todo?**

**JG -** Eu às vezes, querendo entender, perguntava para meu avô e minha avó: "E esse povão como era que comia num lugar seco como é?". Porque não tinha recursos e não faltava nada!

**E1 - Então qual era o segredo?**

**JG -** Todo mundo que chegava ali era para trabalhar com o Conselheiro porque o serviço dele era fazer igreja, em Canudos mesmo ele fez duas, uma deixou pronta e a outra perto de aprontar, uma perto da outra, trezentos metros de uma para outra<sup>25</sup>. Então,

<sup>23</sup> Antonio Conselheiro demonstra desacordo com o regime republicano nos seus escritos denominados "Prédicas aos canudenses e um discurso sobre a república", datados de 12 de janeiro de 1897 e publicados por Ataliba Nogueira no livro "Antonio Conselheiro e Canudos". No mesmo documento defende a Monarquia, expressando desagrado ao afirmar que "a república permanece sobre um princípio falso" e ao adiante escrever: "Quem não sabe que o digno príncipe o senhor D. Pedro 3º tem poder legitimamente constituído por Deus para governar o Brasil?". Para o Beato o Poder era uma concessão Divina, não sendo tolerável à interferência profana dos homens nos desígnios de Deus.

<sup>24</sup> Considerado por Antonio Conselheiro e seus seguidores uma afronta a Deus e a Igreja, o casamento civil adveio com a instauração da República, em 15 de novembro de 1889. Segundo Oscar Lustosa, em "A Igreja Católica no Brasil República", o governo continuaria "a legislar em matéria religiosa" impondo "a obrigatoriedade do casamento civil, reforçando, com prisão e multa, a necessidade da celebração do mesmo, devendo este anteceder o casamento religioso".

<sup>25</sup> Habitual construtor de igrejas e cemitérios, dentre outras obras, Antonio Conselheiro ergueu duas igrejas em Canudos. A primeira, denominada Igreja Velha, cujo orago era Santo Antonio, teria sido concluída no início de 1893, e consagrada pelo vigário do Curato (atual Euclides da Cunha), padre Vicente Sabino dos Santos, em agosto do mesmo ano. A segunda, chamada Igreja Nova, dedicada ao Bom Jesus, ficou inconcluída servindo durante a Guerra como poderosa trincheira militar contra os ataques do Exército Republicano. Sobre a Igreja de Santo Antonio, a Igreja Velha, o historiador José Carlos da Costa Pinheiro contesta o ano de 1893, como o da sua inauguração, indicando 1896 como o ano correto, em artigo intitulado "Ano de 1896 - Término das Obras da Capela de Santo Antonio de Bello Monte?" e publicado na "Revista Canudos", V. 4, n.º 10, de dezembro de 2000. A cerca da Igreja Nova, a do Bom Jesus, foi na compra da madeira para suas obras que se deu o "incidente desvalioso" descrito por Euclides da Cunha nas páginas de "Os Sertões", e que teria provocado o início do conflito militar entre os canudenses e as forças republicanas.

como é que ele dava de comer a esse povo? Naquele tempo tinha dono de engenho, dono de fazendas ricas que tinha muito boi. Então vinha gente de Sergipe, de toda zona, de Aracaju vinha muito, ver e conhecer, isso corria, essa notícia do Conselheiro com esse povão, e vinha aquele povo rico, vinha a cavalo, olhava, chegavam aí e gostavam, ficavam fanatizados e diziam ao Conselheiro: “Vou mandar uma boiada”. Outros diziam: “Eu vou mandar uma tropa de burro carregada de açúcar, de farinha”. E assim não faltava nada! Esse pessoal todo de Canudos não trabalhava em outra coisa senão com o Conselheiro, eles mandavam fazer aqueles armazéns, aqueles armazéns grandes, um para botar farinha, outro para botar feijão, outro para botar arroz, outro para botar açúcar e assim o camarada ficava ali recebendo sem quantidade<sup>26</sup>, porque só era para comer! Então eu dizia a meu avô: “E tomava nota?”. Ele respondia: “Tomava nota de nada. Aquele que chegava dizia: “quero açúcar”. Quando chegava no armazém de açúcar já sabia, ia recebendo aquele pacotinho; de feijão, a mesma coisa; de farinha, de tudo isso, e carne era aí à vontade, ninguém comprava, nem corria dinheiro de jeito nenhum<sup>27</sup>!”.

**E1 - E como essas pessoas se acostumavam a trabalhar tanto e o que é tinha em troca?**

**JG -** Comida. Só não tinha dinheiro. A maioria era gente pobre, fraco, já sabia que lá não faltava. Ora, quem estava passando fome...

**E2 - Dizem que esse pessoal que acompanhou o Conselheiro era gente que vinha de muitas fazendas, isso é mesmo verdade? Nessa zona havia fazendas tão ricas?**

**JG -** Tinha muita fazenda rica nessas zonas todas, não era aqui encostado a Canudos não, era para essas zonas de Sergipe. Dessas regiões de longe é que vinha muita gente<sup>28</sup>.

<sup>26</sup> No caso, sem limite.

<sup>27</sup> Muitos autores têm se detido na questão do abastecimento em Canudos. Situado à margem esquerda do rio Vasa Barris, o local era propício para a agricultura e a pecuária, atividades que os canudenses e os sertanejos em geral sempre desenvolveram, de acordo com diversos autores e a as narrativas recolhidas junto à gente como Manoel Ciríaco e Honório Vilanova, testemunhas presenciais da vida em Canudos. É certo que na cidade havia uma próspera atividade comercial, cujo intercâmbio acontecia inclusive com outros lugares e cidades da região, como Monte Santo, Cumbe, Pombal, Senhor do Bonfim e outras. O Dr. César Zama, destacado político baiano do período menciona em escrito que publicou após a guerra, a existência de um comércio exportador de peles, embora isso não se tenha confirmado. Quanto a circulação do dinheiro, ao contrário do que afirma Sr. João, tanto corria o dinheiro do Império quanto a moeda republicana. Segundo Honório Vilanova, em obra já citada, o Conselheiro era quem “não pegava em dinheiro da República! Mas não pegava em dinheiro de qualquer espécie, nem mesmo o de D. Pedro II.”

<sup>28</sup> Pelos ensinamentos do mestre José Calasans, “no séquito de Antonio Conselheiro, que começou a se formar no início de suas andanças na Bahia e em Sergipe, predominavam os baianos, seguidos de sergipanos, cearenses e pernambucanos”. O mesmo autor, no seu “Cartografia de Canudos”, acrescenta que “[...] Jamais deparamos, em nossas pesquisas, referências a nordestinos de outras procedências, embora, possivelmente, alagoanos, paraibanos, potiguares, hajam formado nas falanges conselheiristas”. Viveram também em Canudos pessoas oriundas de cidades circunvizinhas como Jeremoabo, Cumbe (Euclides da Cunha), Monte Santo, Ribeira do Pombal e Bom Conselho (Cícero Dantas), sendo também reconhecida e constatada a presença de gente chegada de localidades como Olindina, Soure, Entre Rios, Inhambupe, Rio Real, Itapicuru e Conde, cidades situadas no agreste baiano e próximas do litoral norte do Estado. Some-se a esse grupo, o povo vindo das Lavras Diamantinas, “mais clavinoteiros que crentes”, no dizer de Calasans. Do ponto de vista étnico integrava o séquito conselheirista brancos, negros e caboclos, bem como, índios. Os censos da época ratificam essas informações, acrescentando a esse contingente os “cabras”, isto é, elementos descendentes da fusão entre mulatos e negros. Importante ressaltar, todavia, que o povoamento da região iniciou-se no século XVII, originando-se de antigas missões jesuíticas, de onde nasceram conglomerados como os de Jeremoabo, Massacará e Saco dos Morcegos. Quanto a colonização do Vasa Barris, área onde está situada Canudos, esta teria seu começo no século XVI, por volta de 1598. Entretanto, a população autóctone era diminuta, vivendo no lugar antes de Antonio Conselheiro lá fixar moradia, em torno de 1890, cerca de sete ou oito famílias, como os Mota, os Macambira e algumas mais.

**E1 - É verdade existiam r**

**JG -** Eu acivontade.

**E1 - Na su meçou a g**

**JG -** Porqu quantidade parte, aqui reza, para t soldado, nã dava ali o t com essa q a palavra de do ele cheg ele. Então, dizia: “eu c aqui”. “Ent aonde quis como o Co dens, ningu eram feitas gente mais gente que iguais a un sebres, nãc tinha alinh duas praças rava o pes rico que vir ia se fazen tivesse luga

**E2 - Quen Ceará a q**

**JG -** Um A muito rico e que quand que vinha e falar que e

oal que  
airo era  
s fazen-  
? Nessa  
ricas?

na nessas  
postado a  
zonas de  
longe é

o do abasteci-  
n esquerda do  
a a agricultura  
enes e os ser-  
am, de acordo  
vas recolhidas  
nório Vilanova,  
Canudos É cer-  
atividade co-  
inclusive com  
como Monte  
fim e outras. O  
ano do período  
ós a guerra, a  
de peles, em-  
anto a circula-  
firma Sr. João,  
tanto a moeda  
va, em obra já  
pegava em di-  
em dinheiro de  
Pedro II."

Calasans, "no sé-  
meçou a se for-  
a Bahia e em  
eguidos de ser-  
" O mesmo au-  
acrescenta que  
pesquisas, refe-  
dências, embor-  
nos, potiguares,  
ristas". Viveram  
das de cidades  
be (Euclides da  
ombal e Bom  
bém reconheci-  
negada de loca-  
os Inhambupe,  
es situadas no  
orte do Estado.  
do das Lavras  
de crenças", no  
único integrava  
pros e caboclos,  
ratificam essas  
ingente os "ca-  
da fusão entre  
ar, todavia, que  
no século XVII,  
uísticas, de onde  
de Jeremoabo,  
anto a coloniza-  
tuada Canudos,  
VI, por volta de  
one era diminuí-  
o Conselheiro lá  
a de sete ou oito  
bra e algumas

E1 - **É verdade que em Canudos existiam muitos ex-escravos?**

JG - Eu acredito, porque lá ficavam à vontade.

E1 - **Na sua opinião, por quê começou a guerra?**

JG - Porque foi se aglomerando uma quantidade enorme de gente de toda parte, aqui tinha gente de toda natureza, para um só mandar. Não tinha soldado, não tinha delegado, só mandava ali o Conselheiro. Em Canudos com essa quantidade de gente só era a palavra dele, porque o pessoal quando ele chegou deu aquele terreno para ele. Então, o povo chegava assim e dizia: "eu quero fazer a minha casa aqui". "Então marque e pode fazer aonde quiser". E aí o povo ia fazendo, como o Conselheiro só fazia dar ordens, ninguém pagava nada, as casas eram feitas. Eram só duas praças de gente mais ou menos, gente grã fina, gente que possuía suas casas boas, iguais a um bairro. A maioria era casebres, não tinham alinhamento, só tinha alinhamento parece que em duas praças ou três, que era onde morava o pessoal do Ceará, o pessoal rico que vinha aqui negociar, o resto ia se fazendo de qualquer jeito, onde tivesse lugar vago, sem ordem<sup>29</sup>.

E2 - **Quem era esse pessoal do Ceará a que o senhor se refere?**

JG - Um Antônio Villanova<sup>30</sup> que era muito rico e que saiu corrido daí porque quando "pegaram" a anunciar que vinha a "Força"<sup>31</sup>, começaram a falar que era ele quem tinha denun-

ciado o povo de Canudos. Então, quando o Conselheiro estava lá em cima na igreja trabalhando, veio um correndo e subiu na escada mais para perto do Conselheiro –que ouviu os tiros, os tiros na cidade para aqui e para acolá –aí o rapaz subiu, quando chegou no alto falou: "Mataram um filho de Antônio Vilanova e estão atrás dele para matar"<sup>32</sup>, mas não conseguiram. Então o Conselheiro

29 Definida por Euclides da Cunha como "urbis monstruosa", Canudos como já informamos anteriormente, localizava-se à margem esquerda do rio Vasa Barris, estando situada num "vale fértil", como nos informou o Frei João Evangelista do Monte Marcião, no seu famoso e controverso "Relatório". Recorremos mais uma vez ao saudoso professor Calasans, no já citado "Cartografia de Canudos" que nos dá detalhes do arruamento canudense. "As casinhas ficariam, na sua maioria, numa espécie de praça ali existente, onde havia um barracão, conforme nos declarou Manoel Ciríaco. [...] O centro do arraial, evidentemente, estava situado na praça que alguns denominam de "igrejas" e outros chamam das "casas vermelhas" ou ainda do "comércio". Confirmando a informação dada pelo nosso entrevistado, o mestre nos dá conta que havia "um correr de casas velhas, ao lado oposto às igrejas, pertencentes ao comerciante Antonio Vila Nova e a João Abade, o "chefe do Povo". Eram as mais confortáveis de toda a localidade, levantadas depois da chegada do Bom Jesus Conselheiro". Prosseguindo o inesquecível historiador esclarece: "partindo da praça, um número elevado de casebres, levantados apressadamente à proporção que iam aparecendo os fanáticos (sic), tomava o nome de "ruas"; "Campos das Abóboras", da Caridade". A única perfeitamente alinhada era a do Monte Alegre, que ia terminar na estrada de Uauá". Complementando, podemos afirmar, que haveriam outros topônimos nomeando ruas, como por exemplo a "rua da Professora", nela residindo a mestra que ensinava o alfabeto aos meninos do lugar.

30 O mais poderoso comerciante de Canudos Natural de Assaré, Ceará, era homem de total confiança de Antonio Conselheiro. Assunção era o seu sobrenome de batismo, trocado por Vilanova em referência a Vila Nova da Rainha, hoje Senhor do Bonfim, cidade do sertão baiano onde se fixara antes de seguir a vila conselheirista. Sobre ele e seu irmão Honório sugerimos a leitura dos livros "Memorial de Vilanova", de Nertan Macedo; e "Quase Biografias de Jagunços – O Séquito de Antonio Conselheiro", de José Calasans.

31 Expressão muito utilizada pelo povo sertanejo para designar as tropas do governo, ou seja, as "forças republicanas".

32 O episódio a que se refere Sr. João ocorreu com o fazendeiro e comerciante Antonio da Mota e sua família, antigo morador de Canudos, onde já vivia antes da chegada definitiva de Antonio Conselheiro. Vítima de uma acusação nunca comprovada de que teria mandado informante avisar as tropas do tenente Pires Ferreira, em Uauá, sobre o ataque planejado pelos conselheiristas, foi trucidado sumariamente junto com seus familiares. Por outro lado há indícios de uma disputa comercial ente os Mota e os Vilanova, que seriam os mandantes do crime, aliás, nunca esclarecido e impune.

falou: “Mas como é que se faz isso?”. Ele ficou preocupado demais, porque até ali não tinha visto morte. Naquele tempo já tinha gente de toda natureza, gente muita, criminosos, jagunços. Gente que tinha cometido crime e já não obedecia direito o Conselheiro. O camarada fazia morte lá por onde andava e corria para Canudos, como lá não acontecia nada foi juntando gente de toda natureza, uma quantidade enorme, até que começaram a falar que vinha a “Força”, e veio mesmo.

## E2 - Foi a que veio por Juazeiro<sup>33</sup>?

**JG** - Veio por Juazeiro e depois caminhou para Uauá. Eles naquele tempo viajavam todos a pé, não tinha carro, não tinha nada, daí que quando chegaram no Uauá resolveram parar para um descanso, mas os jagunços já sabiam, já estavam lá esperando. No lugar que eles ficaram tinha um tanque muito grande, ainda hoje tem, mas era muito cheio de pedra ali, de morro, eu quando era pequenininho alcancei muita pedra em Uauá. Os soldados chegaram a tarde, vinham enfadados, caminhando, “tirando na bota”, carregados com armamento e munição, tudo nas costas. Chegaram aí nesse tanque, tinha muitos pés de juazeiro, eles chegaram e acamparam para dormir ali, eles não pensavam nunca que ali houvesse jagunços porque eles vinham trazendo um guia, e esse guia dizia a eles que dali até Canudos tinha nove ou dez léguas aí por dentro<sup>34</sup>, mas os jagunços estavam lá entrincheirados, lá nas pedras, quando eles “estremeceram” tinha uns soldados tomando banho, outros cor-

reram de calção, o fuzil ficou ali, e assim mataram alguns. Eles mataram jagunços também porque os jagunços eram atrevidos, logo que deram “fogo”<sup>35</sup> e pegaram a ver os soldados caindo, eles correram dentro. Assim foi que morreu jagunço também. O restante dos soldados foi embora.

## E1 - O senhor sabe que para a completa destruição de Canudos foram necessárias quatro Expedições Militares. A de Pires Ferreira, sobre a qual o senhor acabou de falar; Febrônio de Brito<sup>36</sup>, Moreira César<sup>37</sup> e, por

<sup>33</sup> Trata-se da denominada “Expedição Pires Ferreira”, a primeira contra Canudos constituída por um contingente de 100 homens. Foi comandada pelo tenente do Exército Manuel da Silva Pires Ferreira (1859-1925), partindo de Salvador com destino a cidade de Juazeiro, aonde chegou no dia 07 de novembro de 1896. Encaminhou-se no dia 12 do mesmo mês para Uauá, localidade que alcançou no dia 19. O confronto com as forças conselheiristas ocorreu no dia 21, sendo que como resultado da refrega foram mortos 01 oficial, 07 praças e 02 civis que serviam de guias, perfazendo um total de 10 óbitos, segundo os relatos documentais. As baixas entre os canudenses teriam sido muito mais numerosas, todavia, a Expedição Pires Ferreira retornou a Juazeiro no dia 26 de novembro, desistindo de seu intento que era a destruição de Canudos. O Tenente Pires Ferreira, paraibano de nascimento, combateu ainda na expedição Moreira César e morreu no posto de Tenente-Coronel.

<sup>34</sup> Esta expressão representa seguir o curso do rio, caminhar seguindo sua trajetória. No caso, provavelmente, seria o rio Vasa Barris, cujas nascentes afloram justamente no município de Uauá.

<sup>35</sup> A expressão se refere ao início dos combates, ao momento em que ocorreram os primeiros disparos.

<sup>36</sup> Major Fiscal do Exército, no posto de sub-comandante do 9º Batalhão de Infantaria sediado em Salvador, Febrônio de Brito (1851-?), foi designado para o comando da 2ª Expedição Militar contra Canudos, a “Expedição Febrônio de Brito”, dirigindo uma força composta de 660 homens. O contingente partiu de Salvador com destino a Queimadas no dia 25 de novembro de 1896, chegando a esta localidade no dia 26, de onde seguiu alguns dias depois para a cidade de Monte Santo. A mobilização para Canudos somente aconteceria em janeiro de 1897, por força de problemas organizacionais para equipar e abastecer a tropa, em decorrência de problemas políticos envolvendo o Governador da Bahia, Conselheiro Luís Viana e o Major Solon Ribeiro (sogro de Euclides da Cunha), comandante do Distrito Militar, instalado em Salvador, como também, devido à alegada escassez de recursos humanos e financeiros, tanto por parte do governo estadual, quanto do governo federal. Tendo batido em retirada após violentos combates nas proximidades do arraial rebelado, em janeiro de 1897, Febrônio foi batizado com o epíteto de “major fujão”.

<sup>37</sup> Foi o comandante da 3ª Expedição Militar contra Canudos, também como as outras batizada com o

**fim, Artur não com povo con to?**

**JG** - Eu a gente era o em Canudo aquela gan para se ar para apanh nição. Por ção e as ar guerra com tinham ar ra! Por quê? e se “aposs tanto solda cerco, deu brigando, uma parte tinha muita do e jagunç

**E2 - O senl ator pri povo de C**

**JG** - Eu a contam os temidos, e importavam çavam assi um tio, tra mais os co trar Moreir que tiveran No fogo, “Avança, a atirando! A dos soldad cair na trin assim tontc pegou o ca do tiroteio,

cou ali, e mataram jagunços e deram soldados ro. Assim mbém. O bora.

para a Canudos quatro de Pires o senhorônio de 7 e, por

Ferreira", a por um contin-pelo tenente do ra (1859-1925), a cidade de novembro de 19. O confronto do dia 21, sendo mortos 01 ofi-guais, perfa-relatos docu-ses teriam sido xpedição Pires de novembro, destruição de abano de nas-Moreira César

urso do rio, ca-raso, provavel-tescentes aflo-

mbates, ao mo-disparos.

ub-comandan-o em Salvador, ado para o co-ra Canudos, a ndo uma força ante partiu de o dia 25 de no-dade no dia 26, ra a cidade de udos somente rça de proble-bastecer a tro-pas envolvendo Luis Viana e o es da Cunha), instalado em gada escassez anto por parte erno federal. tros combates em janeiro de teto de "major

Militar contra atizada com o

**fim, Artur Oscar<sup>38</sup>. Na sua opinião como o Conselheiro e seu povo conseguiram resistir tanto?**

**JG** - Eu acho que a quantidade de gente era demais, tinha muita gente em Canudos!. Os jagunços tinham aquela ganância de matar os soldados para se armarem, eles corriam dentro para apanhar as armas, apanhar munição. Porque eles não tinham munição e as armas eram poucas quando a guerra começou. Do meio para o fim tinham armas que não era brincadeira! Por quê? Eles matavam os soldados e se "apossavam" das armas. Tinha tanto soldado que deu para fazer um cerco, deu para cercar Canudos, e, brigando, morrendo gente tanto de uma parte como da outra. É porque tinha muita gente, tinha muito soldado e jagunço demais.

**E2 - O senhor acha que esse era o fator principal do sucesso do povo de Canudos?**

**JG** - Eu acredito que sim. Pelo que contam os jagunços eram muito destemidos, eram muito brutos, não se importavam de morrer não. Eles avançavam assim demais. Eu mesmo tive um tio, tratavam de José Guerra, ele mais os companheiros foram encontrar Moreira César no primeiro fogo que tiveram no Rancho do Vigário<sup>39</sup>. No fogo, Moreira César gritava: "Avança, avança!". E eles atirando, atirando! A fumaça era tanta que um dos soldados caiu, e o cavalo dele veio cair na trincheira. No meio da fumaça, assim tonto, meu tio José levantou-se, pegou o cavalo, montou e escapuliu do tiroteio, tomou a estrada e foi bater

em Canudos. De lá do Rancho do Vigário para sair em Canudos tinha umas 15 (quinze) trincheiras<sup>40</sup>, em todas elas tinham muitos jagunços esperando. Eles dividiram, saíram dividindo, a primeira foi lá no Rancho

nome do seu comandante, no caso, "Expedição Moreira César". Oficial célebre, muito antes de combater na Bahia, onde já estivera, o coronel Antonio Moreira César (1850-1897), paulista de Pindamonhagaba, comandou um efetivo militar de 1300 homens que partiu da Estação Ferroviária da Calçada, em Salvador, no dia 07 de fevereiro de 1897 com destino a Queimadas, que alcançou à 17, demandando para Monte Santo no dia subsequente e atingindo o Cumbe (hoje Euclides da Cunha) no dia 23 do mês em curso. Após célere e penosa marcha a Força avistou o povoado de Canudos no 03 de março, dando início aos ataques que redundaria na mais humilhante derrota militar do Exército brasileiro e na morte do seu comandante, que atingido por um tiro no dia anterior, faleceu na madrugada do dia 04 de março de 1897. A debandada da tropa em fuga, a repercussão nacional do combate e o falecimento do famoso Coronel, transformaram a Expedição Moreira César na mais discutida das que combateram no sertão da Bahia.

**38** Chefe militar da 4ª Expedição Militar contra Canudos, a conhecida "Expedição Artur Oscar, também a deradeira, o general Artur Oscar de Andrade Guimarães (1850-1903), carioca, comandou um total aproximado de 10.000 homens, divididos em duas Colunas. A primeira, sob a chefia do general João da Silva Barbosa partiu da Bahia; a segunda, sob o comando do general Cláudio do Amaral Savaget, saiu de Sergipe. Em que pese inúmeros contratempos e numerosas dificuldades materiais e logísticas, a Expedição logrou êxito militar, sitiando e destruindo Canudos que caiu, finalmente, no dia 05 de outubro de 1897. O assassinato de prisioneiros, cruelmente degolados, bem como, o tráfico de mulheres e crianças entregues por oficiais e praças em prostíbulos da capital baiana e de outras localidades, marcaram negativamente a reputação do General Comandante.

**39** Situado próximo a Canudos, sendo à época local utilizado como pouso pelos padres que andavam na região realizando desobrigas, daí o nome. Segundo informação de Olegone Coelho Fontes, no seu livro "O Trem-Terra - Moreira César - A República e Canudos", "Foi no Rancho do Vigário, no dia 1º de março, cerca de 19 quilômetros do arraial Belo Monte (Canudos) que, segundo Tristão Alencar Araripe, o coronel César ajustou com o major Cunha Matos, comandante interino do 7º BI, "avançar no dia seguinte só 10 quilômetros, dar descanso à força, depois abelhar-se do rio Vasa-Barris, bombardear o arraial e, quando este se achasse danificado, assaltá-lo com a infantaria", estratégia posteriormente modificada. Quanto ao primeiro embate entre as forças de Moreira César e os moradores de Belo Monte, Euclides da Cunha descreveu o fato em "Os Sertões", ressaltando a marcha tranquila dos expedicionários até então: "Iam nestas disposições admiráveis quando chegaram a Pitombas. [...] O pequeno ribeirão que ali corre, recortando fundamente o solo, ora ladeia, ora atravessa a estrada, interrompendo-a, serpeante. Por fim a deixa antes de chegar ao sítio a que dá o nome, arqueando-se em volta longa, um quase semicírculo de que o caminho é a corda. Tomou por esta a tropa. E quando a vanguarda lhe atingiu o meio, estourou uma descarga de meia dúzia de tiros. Era afinal o inimigo" (grito nosso). Não há registros de combate no local conhecido até hoje como Rancho do Vigário.

**40** O mesmo Euclides, ainda em "Os Sertões", assinala que após a Expedição Febrônio, os conselheiristas

do Vigário, onde esse meu tio estava. Os outros ficaram mais para trás, ficava aqui uma turma fazendo uma trincheira, pegava mais na frente deixava o outro, eles tinham muita gente. Na primeira esse meu tio estava, foi quando pegou esse cavalo, montou e tocou para Canudos. Saiu passando nas trincheiras e dizendo: "Pode se preparar. Quem não correr, vai morrer, porque o Moreira César é um terrível! Ficaram lá se acabando tudo". E assim foi até Canudos, chegou lá avisou ao Conselheiro. Eles estavam na Igreja, vinha vindo aquele grupo de jagunços, mas não tinham uma certa munição. Eles ficaram esperando, quando esse tio meu chegou disse ao Conselheiro que o homem entrava em Canudos, do jeito que vinha entrava. Era gritando e avançando, não importava que morresse soldado, e morria muito. Eles ficaram, mais ficaram se prevenindo na Igreja, porque a estrada subia o rio, logo aqui na subida do rio, na assentada, era a igreja de Canudos, já estava feita. Aí com pouca, mais tarde um pouco, pegaram a ouvir os tiros, já era nas outras trincheiras. Os soldados foram andando até que apontaram no "Alto do Maio"<sup>41</sup>, dali avistava a igreja, avistava Canudos quase toda, tudo. Dali eles desceram para as bandas de Canudos, aí veio uma turma de jagunços encontrar com eles entre Canudos e o Alto do Mário, onde eles estavam. Mas, os jagunços não tinham munição, a munição era pouca, era mais espingarda.

**E2 - Onde é que os jagunços achavam tanta arma para brigar?**

**JG -** Daí por diante eles se arma-

vam com as armas tiradas dos soldados mortos.

**E1 - Só com essas armas tomadas dos soldados? Será que tinha que não havia mais alguém abastecendo?**

**JG- Não,** acho que não tinha não.

**E1 - O senhor falou no coronel Moreira César que era um homem muito atirado, inclusive, chegou aqui em Canudos com fama de violento, emocionalmente descontrolado. A morte dele abalou o Brasil inteiro, mas aqui no sertão a vitória do Conselheiro e seu povo alegrou muita gente. Dizem que fizeram muitos versos sobre o assunto, o senhor sabe algum para nos contar?**

destacavam "[...] piquetes vigilantes, de vinte homens cada um, ao mando de cabecilha de confiança, para vários pontos de acesso – em Cocorobó, junto à confluência do Macambura, na baixada das Umburanas e no Alto da Favela, rendendo os que ali haviam atravessado a noite, velando". Havia, possivelmente, piquetes e não trincheiras na formatura mencionada pelo entrevistado. Nas pesquisas arqueológicas realizadas pela UNEB-CEEC, na década de 1980, estas foram localizadas em locais mais próximos ao arraial, como por exemplo, no próprio Alto da Favela e cercanias.

<sup>41</sup> Torna-se necessário esclarecer aqui o que Claude Santos, fotógrafo e estudioso do cenário da Guerra de Canudos, assunto sobre o qual realizou estudos sistemáticos na área, classifica como "um grande equívoco sobre o Alto da Favela", clarificando que "Este sítio, durante muitos anos, tem sido confundido com o Alto do Mário", engano em que incorre os moradores da região e em que incorreram muitos historiadores. Em artigo intitulado "Alto do Mário ou Alto da Favela?", publicado na Revista Canudos, vol. 2, n. 2, de outubro de 1997, Claude define o Morro da Favela como sendo "depois da Praça da Igrejas", o ponto mais importante do palco da guerra". Mais adiante: "Deste sítio tinha-se uma visão total do arraial. Total e frontal (grifo nosso). Acresce ainda a seguinte informação: "das expedições militares, a primeira a ter este ângulo de visão foi a de Moreira César na manhã do dia 3 março de 1897". Portanto, o que ainda hoje se chama de Alto do Mário é na verdade o Alto da Favela, estando situado a 1300 metros da cidadela conselheirista. Quanto ao verdadeiro Alto do Mário ou Maio, ponto localizado um pouco abaixo, seria uma espécie de "maiaador", corruptela de malhador, local onde o gado pasta, pertencente a Fazenda Velha, antiga propriedade da família do Barão de Jeremoabo.

<sup>42</sup> Sobre o assunto sugerimos a leitura da obra do profes-

**JG - Nunca**

**E2 - E o Pe**

**JG -** O Ped  
Eu trabalha  
bém. Eu me  
ta da tur  
DNOCS, tu  
nheci muit

**E2 - Como**

**JG -** Era m  
e muito dis  
mesmo, lem  
uma revolta  
via a dispos  
quela turma  
a brigar,  
Canudos, de  
aqui, mas n  
va em Canu

**E1 - Que re**

**JG -** Eram t  
por aqui. E  
tava não.

**E1 - Pedrã  
religioso?**

**JG -** Não se

**E2 - Ele co  
experiênci**

**JG -** Ele ei  
gente não p  
tinho com  
muitos os c

**JG** - Nunca aprendi nada não.

**E2 – E o Pedrão?**

**JG** - O Pedrão, eu trabalhei com ele. Eu trabalhava no DNOCS e ele também. Eu mesmo é quem tomava conta da turma de contratados do DNOCS, tudo no fuzil, e ele eu conheci muito.

**E2 – Como era Pedrão?**

**JG** - Era muito forte, alto, boa altura, e muito disposto. Era muito disposto mesmo, lembro que uma ocasião teve uma revolta, Pedrão era vivo e a gente via a disposição dele para ir atrás daquela turma de revoltosos, não chegou a brigar, porque ele morava em Canudos, depois foi que ele veio para aqui, mas nesse tempo a gente morava em Canudos.

**E1 – Que revolta era essa<sup>43</sup>?**

**JG** - Eram uns revoltosos que saíram por aqui. Eu não sei de quem se tratava não.

**E1 – Pedrão era um homem muito religioso?**

**JG** - Não sei informar não.

**E2 – Ele contava alguma coisa da experiência dele em Canudos?**

**JG** - Ele era muito calado. É que a gente não procurava perguntar direitinho como era, porque não eram muitos os que podiam contar algu-

mas coisas que a gente guardasse na memória. Não me lembro bem se ele contava não. Vinha muita gente para Canudos e quando vinha procurava sempre ele. Ele era uma das pessoas que podia contar, não ficou até o fim da guerra porque se fica tinha morrido também, tinha que escapulir antes de fechar, porque eles foram fechando o cerco, antes de fechar ele caiu fora, senão tinha morrido, como os outros todos que ficaram ali dentro morreram<sup>44</sup>.

**E1 – Contam que ele teve um final de vida bastante sofrido, até ficou impossibilitado de andar, é verdade?**

**JG** - Foi.

**E2 – Ele está enterrado aqui em Canudos, não é? Nós soubemos que o enterro dele teve um grande acompanhamento. Isso é verdade?**

**JG** - Foi. O pessoal gostava muito dele. Tinha muita consideração a ele.

sor José Calasans, "Canudos na Literatura de Cordel", publicada pela Editora Ática.

<sup>43</sup> Possivelmente trata-se da Coluna Prestes, que passou pela região. Sabe-se, também, que Pedrão inscreveu-se nas *volantes* para combater Lampião e seu bando, que andou por ali com frequência.

<sup>44</sup> Vários autores e inúmeros relatos de sobreviventes da Guerra, moradores de Canudos, confirmam que muitas pessoas abandonaram a cidadela antes do cerco final, inclusive com o consentimento dos sitiados. Dentre esses sobreviventes destacam-se nomes ilustres como Pedrão, Antonio e Honório Vilanova, sendo que este último descreve sua fuga e a do irmão, no livro "Memorial de Vilanova", de Nertan Macedo.

dos sol-

omadas  
nha que  
abaste-

la não.

coronel  
um ho-  
clusive,  
los com  
nalmen-  
rte dele  
nas aqui  
selheiro  
a gente.  
s versos  
or sabe  
!?

20 vinte homens  
onfiança, para  
ó, junto a cons-  
s Umburanas e  
i haviam atrá-  
sivelmente, pi-  
ta mencionada  
cológicas reali-  
1980, estas fo-  
mos ao arraiá.  
Favela e cerca-

o que Claude  
o da Guerra de  
estudos siste-  
grande equívoc-  
que "Este sitio,  
lido com o Alto  
moradores da  
moradores. Em  
to da Favela?",  
1, 2, de outubro  
ela como sendo  
mais importante  
este sitio tinha-  
e frontal (grifo  
formação: "das  
este ângulo de  
do dia 3 março  
chama de Alto  
a, estando situ-  
erista. Quanto  
orto localizado  
de "maior",  
o gado pasta,  
propriedade da

obra do profes-

**E2 - A Guerra de Canudos, a presença do Conselheiro, trouxe alguma lição que sirva hoje como experiência, como ensinamento para o povo?**

**JG** - Eu acho que deixou muito, muita lembrança. Hoje aquele pessoal já se acabou todo, aqueles fanáticos, o fanatismo que tinham. Foram se acabando pouco a pouco. Ficou pouca gente, mesmo em Canudos só ficou aquelas mulheres que foram para Salvador, a "Força" levou, minha avó mesmo foi com cinco filhas, com cinco filhas moças.

**E1 - Ficou onde em Salvador, o senhor sabe?**

**JG** - Diziam que lá não faltava nada, tinha aqueles Conventos, lá dividiram, ficavam em um canto, no outro, espalhados<sup>45</sup>.

**E2 - E passaram quanto tempo lá?**

**JG** - Seis meses. Minha avó veio com seis meses. Foi a primeira que veio.

**E1 - E as crianças, os filhos dessas mulheres que foram para Salvador?**

**JG** - A maioria morreu, morria no caminho, morria lá mesmo em Salvador. Não tinham os recursos que tem hoje. Eles viajavam, a turma de mulheres, eu alcancei minha avó contando: "Nós íamos viajando, assim com pouco alguém dava aquele negócio e caía, não morria, mas ficava ali para morrer. Os

soldados chegavam e mandavam encostar na beira da estrada. As filhas pegavam a mãe, os velhos, as velhas, sempre eram as primeiras que acontecia isso. Ficavam encostados e o povo saía chorando, sabendo que aquelas pessoas iam morrer. Eu digo, não tinha recursos, mas a Força não deixava continuar. Não podia ficar. Era só tirar e botar numa sombrinha, mas parece que nem sombra tinha nos paus, era ano de seca<sup>46</sup>.

**E2 - E eles levavam para que, por que?**

**JG** - Veio uma ordem para levar tudo, todos os jagunços.

**E1 - Só ficaram elas?**

**JG** - Só ficaram as mulheres, os homens mataram todos, degolaram<sup>47</sup>.

<sup>45</sup> O traslado de prisioneiros para Salvador, em condições absolutamente penosas, tem registro nas numerosas fontes primárias escritas, orais e bibliográficas que tratam de Canudos. Sobre o assunto recomendamos a leitura do "Relatório do Comitê Patriótico da Bahia", publicado pela primeira vez no ano de 1901, e reeditado em 2002, pela Portfolium, numa edição coordenada pelo estudioso e pesquisador Antonio Olavo.

<sup>46</sup> O historiador Marco Antonio Villa, em sua obra "Vida E Morte No Sertão", nos informa que "a primeira grande seca da vida republicana" teria ocorrido "entre os anos 1898 e 1900", o que não invalida a informação do depoente, uma vez que, quando uma estiagem se torna assunto oficial ou vira notícia de jornal no Brasil, ainda mais no final do século XIX, é sinal de que o padecimento do povo sertanejo há muito se iniciou. Deve-se levar em conta, também, que os fatos narrados pelo Sr. João ocorrem no ocaso de 1897, mês de outubro, quase ao final do ano e bastante próximo de 1898.

<sup>47</sup> Não existe dúvida sobre a criminosa degola de prisioneiros indefesos em Canudos, inclusive com a complacência da oficialidade presente na 4ª Expedição, dentre eles o general Artur Oscar, seu comandante geral. Inúmeros autores, insuspeitos, relatam tais acontecimentos. Euclides da Cunha e Alvim Martins Horcades, por exemplo, testemunhas oculares, escreveram sobre o fato.

**E2 - Sobre senhor po ciativa de vingança,**

**JG** - Dizem é mesmo o

**E2 - Artur**

**JG** - Artur nou para ac que quando que tinham gou as arm tava tudo p estava lá, ninguém.

entregasse

ir embora A

todo mund

mas enqua

armas não

ram. Jagun

canto. Cheg

eles iam r

ali. Quando

teio, para a

soldado, se

eles diziam

aquilo foi o

zeram aqui

jagunços, c

tinham atac

amanheceu

gunços at

Mentira est

não tinha

Resultado:

um curral c

rio". Mand

então foram

cia de um

davam en-  
. As filhas  
as velhas,  
que acon-  
tados e o  
endo que  
r. Eu digo,  
Força não  
odia ficar.  
sombriinha,  
abra tinha  
6.

que, por

levar tudo,

res, os ho-  
laram47.

ador, em condi-  
pistro nas nume-  
e bibliográficas  
nto recomenda-  
tê Patriótico da  
o ano de 1901, e  
uma edição co-  
nsador Antonio

a sua obra "Vida  
a primeira gran-  
porrido "entre os  
a informação do  
na estiação se  
ia de jornal no  
XIX, é sinal de  
ejo há muito se  
vem, que os fatos  
so de 1897, mês  
astante próximo

degola de prisio-  
sive com a com-  
a 4ª Expedição,  
eu comandante  
s, relatam tais  
e Alvim Martins  
oculares, escre-

**E2 - Sobre essa a degola o que o senhor pode nos contar? Foi iniciativa dos soldados por raiva, vingança, ou foi uma ordem?**

**JG -** Dizem que foi os Generais. Como é mesmo o nome?

**E2 - Artur Oscar?**

**JG -** Artur Oscar. Foi ele quem ordenou para acabar tudo. Porque diziam que quando aconteceu, com três dias que tinham cercado, o pessoal entregou as armas, os jagunços, então estava tudo preso, a cerca de soldados estava lá, nem entrava e nem saía ninguém. Então eles disseram que entregassem as armas para pudermos ir embora Alguns podiam sair. Estava todo mundo doido para ir embora, mas enquanto não entregassem as armas não podiam sair, aí entregaram. Jagunços para tudo quanto era canto. Chegavam para se entregar e eles iam recebendo e acumulando ali. Quando foi meia noite veio o tiro-teio, para acolá, para aquela linha de soldado, sei que era uma coisa que eles diziam, minha avó dizia que aquilo foi combinado, os generais fizeram aquilo para poder matar os jagunços, dizendo que os jagunços tinham atacado os soldados. Quando amanheceu o dia falavam: "Os jagunços atacaram os soldados!". Mentira estavam todos desarmados, não tinham arma nenhuma. Resultado: "Prende os jagunços, faz um curral de soldados lá dentro do rio". Mandaram fazer dois currais, então foram lá e marcaram, a distância de um para o outro era de uns

duzentos metros. Um era para os homens, o outro para as mulheres. Então logo eles botaram os homens todos presos, presos já estavam ali dentro, mas era para ficar ali próximo a morte. As mulheres estavam lá no curral delas. Então os soldados trouxeram dez ou doze, ou quinze jagunços, e mandaram que eles subissem em cima de uma ribanceira, e de lá gritavam para as mulheres: "O marido de vocês, os filhos de vocês vão receber ordem para ir embora". Minha avó dizia que no começo todo mundo ficava pensando que era verdade, que era para ir embora mesmo, que iam voltar para suas terras. Depois os soldados quando voltavam para buscar mais gente, vinham conversando, contando o que tinha acontecido com os homens: "Oh! aquele que tive dó dei na cara tanto, quase que ele caía aqui no meio das mulheres". Aí elas viram que estavam matando, conheceram, conheceram que estavam era matando, os soldados mesmo é que "descobriram". Foram carregando, carregando, até que carregaram o derradeiro. Minha avó dizia: "Nós já tínhamos que esperar morrer do mesmo jeito que eles estavam morrendo, porque se eles fizeram curral para os homens, fizeram também para as mulheres, portanto, era para morrer tudo". Mas, quando terminaram os homens chegou a ordem para não ofender a um só jagunço.

**E1 - Muita gente morreu com doenças, não foi?**

**JG -** Morreu. Dizem que era uma coi-

sa demais. De fome, sede, de qualquer coisa que fazia mal.

**E2 - O senhor chegou a conversar com outros sobreviventes da guerra?**

**JG** - Conversei muito. Meu avô mesmo contava muito que ele saiu no dia que fecharam, ele tinha saído meia noite para ir atrás de qualquer coisa de comer para família. Para sair só tinha o rio, por dentro do rio. Eles davam direito para sair à noite, de dia não, de dia eles matavam, mas de noite saíam.

**E2 - Por que os soldados só permitiam a saída à noite?**

**JG** - Porque eles saíam pelo rio. Os soldados estavam assim, no alto, com a distância de 400 a 500 metros, deixando ainda uma passagem, então saíam e entravam. Meu avô mesmo vinha quatro horas, ele tinha saído e estava voltando, mas quando chegou algum reforço fecharam a saída. Então meu avô veio pensando que estava aberto o rio, estava voltando na carreira, mas já tinham fechado. A família ficou toda dentro, minha avó, os filhos, cinco filhas moças. Minha mãe e as irmãs. Aí ele correu e foi ficar em uma fazenda no Uauá. Durante seis meses ele nunca soube notícia da família, para onde tinham ido, só depois é que ele soube que as mulheres tinham ido para Salvador, tinham levado. Naquele tempo também era difícil chegar notícia, nem elas podiam dar. Minha avó também não sabia se o marido era vivo, com seis meses foi

que ela recebeu ordem para vir de Salvador. Ela dizia que foi bem tratada, minha mãe também disse que não faltava nada, disse que era tudo bem tratado. Quando vieram embora, em Euclides da Cunha, ela encontrou-se com uma pessoa conhecida, era uma pessoa de Canudos, já tinha estado em Canudos, mas tinha escapulado, foi quando ela veio saber notícia do meu avô, que ele era vivo. Em Canudos procuraram e coisa e foi a notícia para ele e ele veio, tornaram a se encontrar e ficaram morando mesmo aí em Canudos. O fanatismo era terrível pelo Conselheiro!

**E1 - Depois desse extermínio o Governo ficou preocupado com o retorno dessas pessoas a Canudos?**

**JG** - Eu acredito que não, porque aquilo já foi uma ordem, e eram só mulheres, homem não tinha nenhum. Era muita mulher, minha avó dizia que eram muitas mulheres.

**E2 - Então Canudos ficou sendo uma cidade praticamente de mulheres?**

**JG** - É, mas aquelas mulheres não eram todas daqui. Muitas mulheres eram de famílias que tinham vindo de outras regiões. Quando minha avó veio com as filhas, parece que somente duas ou três mulheres que acompanhavam ela eram membros daí de Canudos. Tinha gente que na hora de vir embora quando perguntavam de onde eram, só diziam que eram todos de outras localidades, ninguém queria vir mais para Canudos não.

**E1 - Quer rou para**

**JG** - Pass alcancei Ce ta ou sesse

**E2 - Como nessa épo**

**JG** - Traba

**E2 - Por qu to interes qual o pe e sua Governo?**

**JG** - Bom,

**E1 - O se sido o qu**

**JG** - Naque chegou Monarquia depois que gente pass queria, an da Repúbl Conselheir ele dizia q com muita podia mais não estave nha gente natureza.

**JG** - Coi Conselhei

**JG** - Esta entendeu? avô, foi um

...a vir de  
...em trata-  
...isse que  
...era tudo  
...embora,  
...encontrou-  
...cida, era  
...tinha es-  
...a escapu-  
...er notícia  
...vivo. Em  
...a e foi a  
...rnaram a  
...ndo mes-  
...ismo era

**mínio o  
lo com o  
ioas a**

...o, porque  
...eram só  
...nenhum.  
...avó dizia

**u sendo  
nte de**

...eres não  
...mulheres  
...vindo de  
...inha avó  
...e somen-  
...acompa-  
...s daí de  
...a hora de  
...tavam de  
...ram todos  
...ém queria

**E1 - Quer dizer que o povo demo-  
rou para voltar?**

**JG** - Passou uns tempos. Eu ainda  
alcancei Canudos com umas cinqüen-  
ta ou sessenta casas.

**E2 - Como é que o povo sobrevivia  
nessa época?**

**JG** - Trabalhando. Era pouca gente.

**E2 - Por que o Governo tinha tan-  
to interesse em destruir Canudos,  
qual o perigo é que o Conselheiro  
e sua gente ofereciam ao  
Governo?**

**JG** - Bom, aí eu não sei.

**E1 - O senhor pensa que tenha  
sido o que?**

**JG** - Naquele tempo que o Conselheiro  
chegou em Canudos era a  
Monarquia<sup>48</sup>, tempo da Monarquia,  
depois que ele já estava aí com muita  
gente passou a República. O povo não  
queria, andaram queimando dinheiro  
da República. Dizia meu avô que o  
Conselheiro não era muito de acordo,  
ele dizia que não fizessem isso, mas  
com muita gente o Conselheiro não  
podia mais, eles não obedeciam mais,  
não estavam obedecendo porque vi-  
nha gente de toda espécie, de toda  
natureza.

**JG - Como foi que Antonio  
Conselheiro morreu?**

**JG** - Estava morrendo muita gente,  
entendeu? Então ele adoeceu, meu  
avô, foi um dos assistentes dele até a

hora da morte, Mané da Guerra, ele e  
um irmão, eram seis companheiros,  
eles eram muito fanáticos, muito ami-  
gos, combinaram e pegaram o  
Conselheiro doente de morte e bota-  
ram num casebrezinho, porque lá a  
bala não atingia. Ficavam dois assis-  
tindo, dia e noite, revezando. Então  
eles ficaram lá com ele e o povo doído  
atrás do Conselheiro a perguntar:  
"Onde está o Conselheiro?". Eles sa-  
bendo e não diziam, combinaram,  
porque ele ficou doente, ele adoeceu  
sem querer comer, dizia meu avô, não  
comia nada, nem bebia, nem conver-  
sava e assim passou sete dias, não  
gemia, era calado, parado, até que  
morreu, não teve jeito. Quando morreu  
eles sepultaram dentro de casa<sup>49</sup>.

**E1 - Os padres mais antigos com  
os quais o senhor pode conversar  
sobre o assunto diziam o que a  
respeito de Canudos?**

**JG** - Falavam bem do Conselheiro.  
Diziam que ele era muito católico,  
muito boa pessoa. Não falavam mal,  
diziam que ele só aconselhava para o  
bem, só fazia o bem, não desejava mal  
a ninguém.

<sup>48</sup> De fato. Embora tenha passado por Canudos durante  
o regime monárquico, Antonio Conselheiro somente  
se fixou no local em junho de 1893, portanto, após a  
Proclamação da República.

<sup>49</sup> Antonio Conselheiro faleceu, provavelmente, no dia  
22 de setembro de 1897, por complicações advindas  
de um ferimento provocado por estilhaços de granada  
que o atingiram na perna. Seu corpo foi sepultado no  
lugar conhecido como Santuário, próximo à Igreja  
Nova, sendo exumado no dia 06 de outubro de 1897 e  
fotografado por Flávio de Barros, cuja imagem se tor-  
nou única e clássica. Teria sido novamente enterrado  
no mesmo lugar, tendo antes sua cabeça cortada e  
enviada para Salvador, onde desapareceria após in-  
cêndio na Faculdade de Medicina, no Terreiro de  
Jesus, no ano de 1912, local de sua guarda.

**E2 - Hoje, depois de passado tanto tempo, como é que o senhor ver tudo isso, toda essa história?**

**JG** - Eu estou vendo é que Canudos se acabou. Nós estamos vivendo mais sossegados do meu tempo para cá. Eu alcancei em Canudos muito sofrimento, porque toda vida o pessoalzinho que veio para aqui era pobrezinho, tudo pobre, não tinha recursos. Não chovia, não tinham roça ou eram rocinhas "pequenezinhas". Se não chovia a gente sofria muito, eu alcancei em Canudos grande sofrimento do pobre, participava da pobreza, meus pais, minha família, nunca tiveram recursos, então vivia sempre vegetando.

**E1 - O que o senhor mais guarda na lembrança da antiga Canudos?**

**JG** - Tenho muitas saudades, apesar de a gente viver ali uma vida muito aperreada quando era tempo de seca. Tinha que se comer pau e pedra porque não tinha recurso. Eu alcancei quando passamos seis meses em Canudos sem aparecer um caroço de feijão, um caroço de farinha e nem de milho. Naquele tempo carregavam em animal de Tucano<sup>50</sup>, de Euclides da Cunha<sup>51</sup>, mas a seca apertava que nem animal podia carregar nada. Eu não sei como é que a gente passava tanto tempo sem feijão e sem farinha. Agora, a vida tinha um refrigério, no mato tinha sempre naquele tempo o xique-xique<sup>52</sup>, tinha a parreira<sup>53</sup>, eram as duas principais, o refrigério do pobre. Do xique-xique tirava a crueira<sup>54</sup> para fazer o cuscuz, com aquilo a gente passava, o cuscuz comia com carne, o que não faltava

nesse tempo dessa seca era a carne, todo mundo criava, todo mundo, estava muito seco e coisa, mas o bode toda vida nunca emagreceu para dizer: não tem criação para comer.

**E2 - Com esse sofrimento todo tinha momentos de diversão, alegria, festa?**

**JG** - No tempo de seca não tinha não, nesse tempo de seca era muito difícil, até as festinhas que faziam assim para as novenas e coisa, era tudo muito fraco. O povo não podia, tinha que ganhar as caatingas, cavar parreira, tirar xique-xique.

**E1 - Do seu tempo de Canudos qual a recordação que mais lhe traz saudades?**

**JG** - Eu tenho recordação daquele pessoal, daqueles amigos, daquelas reuniões que a gente fazia quando o tempo estava bom, quando estava verde, tudo verde, tudo alegre, então a gente tem aquela recordação. A gente ganhava as caatingas, esse

<sup>50</sup> Cidade situada no semi-árido baiano, distante de Salvador 257 km. Nesta localidade nasceu João Abade, grande combatente de Canudos.

<sup>51</sup> Antigo Cumbe. A cidade dista da capital 315 km.

<sup>52</sup> Planta da família das cactáceas (*Pilocereus gounellei*), "prostrada ou ramificada, revestida de espinhos e com frutos globosos", nativa do Brasil e muito comum na região de Canudos.

<sup>53</sup> Esta planta a que se refere Sr. João é a chamada parreira-brava, nativa das regiões tropicais e muito usada como diurética, febrífuga e antidiarréica. Sua raiz era utilizada para produzir uma espécie de farinha, muito rica em amido.

<sup>54</sup> Explica o Dicionário Houaiss que é "o resíduo grosseiro da farinha de mandioca que não passa pela peneira e resta depositado sobre sua tela". Teria como derivações "caruera, curera, quirera". Palavra de etimologia tupi, ainda segundo Houaiss pode ser "resíduo de farinha peneirada ou ajeirada".

alto de fora que, tudo era cada ca...  
va o dia int...  
tava a rum...  
era hora d...  
descascanc...  
secar, para

REFERÊN

ARARIPE, Tristã  
Contra Canu  
de Janeiro: B

BOSI, Ecléa. Lem  
Edusp, 1987.

CALASANS, José  
de Cultura  
Cultura. 1ª E  
Bahia, n.º 5).

CUNHA, Euclide  
Janeiro: Edio

FACÓ, Rui. Cang  
Janeiro: Berti

FONTES, Oleone  
César - A J  
Editora Vozes

HOUAISS, Anton  
Portuguesa. I  
Janeiro, 2001.

JANOTTI, Maria

a carne,  
do, esta-  
o bode  
para di-  
ner.

**todo ti-  
ão, ale-**

na não,  
to difícil,  
n assim  
udo mui-  
inha que  
parreira,

**Canudos  
nas lhe**

daquele  
daquelas  
quando o  
o estava  
re, então  
lação. A  
as, esse

distante de  
nasceu João

al 315 km.  
ereus *gounei-*  
de espinhos e  
muito comum

chamada par-  
e muito usa-  
rérica. Sua raiz  
de farinha,

resíduo grossei-  
ra pela peneira  
e como deriva-  
de etimologia  
resíduo de fa-

alto de fora a fora era tudo xique-xi-  
que, tudo da altura de um homem,  
era cada capoeira! A gente trabalha-  
va o dia inteiro, quando era noite es-  
tava a ruma de xique-xique assim,  
era hora de tirar, trabalhar a noite  
descascando que era para botar para  
secar, para quebrar miúdo e fazer

crueira. Dali podia guardar no sur-  
rão<sup>55</sup>, naquele tempo o couro de bode  
não tinha valor, era tudo para fazer  
surrão e guardar essas coisas.

E2 - **Muito obrigado.**

<sup>55</sup> O mesmo Dicionário informa que esta palavra signifi-  
ca "sacola grande, bornal, geralmente de couro". Diz-  
se ainda de "qualquer saco para farnele ou merenda".

## REFERÊNCIAS

- ARARIPE, Tristão de Alencar. Expedições Militares  
Contra Canudos. seu aspecto marcial. 2. ed. Rio  
de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985. 225p. il.
- BOSI, Ecléa. Lembranças de Velhos. 2. ed. São Paulo:  
Edusp, 1987. 406 p. il.
- CALASANS, José. Cartografia de Canudos. Secretaria  
de Cultura e Turismo/Conselho Estadual de  
Cultura. 1ª Edição. EGBA. (Coleção Memória da  
Bahia, nº 5). Salvador, 1997. 147 p. il.
- CUNHA, Euclides da. Os Sertões. 18. ed. Rio de  
Janeiro: Ediouro, 1996. 294 p. il.
- FACÓ, Rui. Cangaceiros e Fanáticos. 9ª ed. Rio de  
Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. 231 p.
- FONTES, Oleone Coelho. O Treme-Terra: Moreira  
César – A República e Canudos. 2ª Edição.  
Editora Vozes. Rio de Janeiro, 1996. 404 p. il.
- HOUAISS, Antonio. Dicionário Houaiss da Língua  
Portuguesa. Editora Objetiva, 1ª Edição. Rio de  
Janeiro, 2001. 2925 p. il.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. O Desafio da  
História Oral. Revista Ciência Hoje: Encarte  
Especial: São Paulo, 1987. pp 32/35.
- LUSTOSA, de Figueiredo Oscar. A igreja católica no  
Brasil-República. Cem anos de compromisso  
(1889-1989). São Paulo: Paulinas, 1991. 180 p.
- PEDREIRA, Pedro Tomás. Pequeno Dicionário dos  
Municípios Baianos. Mil Cores Gráfica e Editora.  
1ª Edição. Salvador, 1981. 175 p.
- THOMPSON, Paul. A Voz do Passado. História Oral.  
Editora Paz e Terra. 2ª Edição. Rio de Janeiro:  
1992. 385 p.
- VILLA, Marco Antonio. Vida e Morte no Sertão.  
História das Secas no Nordeste nos Séculos XIX  
e XX. Editora Ática. 1ª Edição. 1ª impressão. São  
Paulo, 2000. 267 p. il.
- VILELA JR, Marcos Evangelista da Costa. Canudos.  
Memória de Um Combatente. Editora Marco Zero.  
Minc/Pró-Leitura. Instituto Nacional do Livro.  
Coleção Resgate. Vol. 14. 1ª Edição. Brasília (DF),  
1988. 133 p. il.

# ENSAIO

Vivaldo Bar

## Os Ca

Há n  
vão desap  
linguajar  
do dia-a-d  
desaparec  
gumas fa  
foram de  
que sumi  
turando-s  
sendo suk  
lavras ou  
tação da r  
ficaram la  
esquecido  
quisitos, c

Algu  
fortes, de  
das. Tam  
tamente  
mas ma  
Originam  
tensas, de  
tentes, r  
isso resis

**Viraldo Barbosa Ribeiro\***

## Os Catingueiros

Há nomes ou expressões que vão desaparecendo aos poucos do linguajar do povo, das conversas, do dia-a-dia das pessoas. Alguns desaparecem totalmente como algumas famílias. Parece até que foram de uso exclusivo de grupos que sumiram devagarzinho, misturando-se com outros. Outros vão sendo substituídos por novas palavras ou expressões na representação da mesma atividade. Os que ficaram lá para trás tornaram-se esquecidos, relíquias, nomes esquisitos, desnecessários, mortos.

Algumas palavras são mais fortes, de quando em vez lembradas. Também como famílias, certamente maiores, se misturam, mas mantêm a identidade. Originam-se de regiões mais extensas, de atividades mais consistentes, mais permanentes, por isso resistem mais um pouco.

A cultura da cana de açúcar no Recôncavo, é uma atividade econômica que também protagonizou esse fenômeno de nomes e expressões típicas do trabalho. Muitas expressões surgiram e desapareceram à medida que os processos produtivos se modificaram. Saíram de evidência com as locomotivas, com a substituição dos arados, com novas tecnologias. Não se escutam mais, na fala corrente, nomes ou expressões como: *botada* (1), *pejada* (2), *esquente* (3), *fogo morto* (4).

- (1) Início da moagem
- (2) Fim da moagem
- (3) Aquecimento das caldeiras
- (4) Usina ou engenho que parou de moer

\* Economista. Fundador do Espaço Cultural Banguê.  
E-mail: viraldo@banguê.com.br

quebrar ferrugem (5), catingueiros, carreiro, lama de cachaça (6), mel cabaú (7), burro-de-mel, caminho-sem-fim (8), rego novo, boi de coice (9). Tirando fora Catingueiros, todos os demais encenaram no teatro dos engenhos e das usinas.

Essas palavras em desuso nas conversas, nas cartas, nos livros, nos balcões, habitam desconfiadas as páginas dos Aurélios e, vez por outra, surgem nos poemas, nas prosas dos saudosistas, ou nos contos daqueles mais teimosos, que insistem em mantê-las vivas:

*O mês de agosto se preparava para entregar seus dias a setembro/  
A fumaça do **esquente** ia longe,  
bem longe/ O grito se repetindo de  
pessoa a pessoa/  
Chegava no Sertão, chegava na caatinga/  
Lá vinham os **Catingueiros**,  
homens, mulheres e filhos/ Do  
Sertão para o Recôncavo/ Começava  
a **moagem**/*

(Jornal Bangüê, número 13, maio 2002).

Entre essas palavras, é preciso evidenciar **catigueiro**, denominação dada ao sertanejo, que foi trabalhador importante nos canaviais do massapê.

- (5) Atividade, geralmente com menores durante a parada da moagem.
- (6) Expurgos da industrialização da cana: bagaço, vinhoto etc, utilizável como adubo no canavial.
- (7) melação preto, não refinado.

- (8) Esteira rolante provida de lâminas para triturar a cana, no início do processo da industrialização.
- (9) Aquele da canga mais próxima do carro de boi.

Jornal Bangüê – Folha A4, com circulação restrita, também publicado no site: [www.banguê.com.br](http://www.banguê.com.br).

Com pouca possibilidade de errar, pode-se dizer que o fluxo do homem sertanejo para o Recôncavo não está historicamente registrado. As informações decorrem da comunicação oral, que, apesar das limitações naturais, vai passando de uma geração para outra deixando pelo caminho dados mais precisos, como datas, locais, etc, que, se não são anotados, comete-se, com certeza um erro ainda maior para com a *memória do açúcar*. Por isso, é preciso que os interessados pelo assunto registrem fielmente as lembranças daqueles que inspiram credibilidade. Caso contrário, os Catingueiros ficarão, com o tempo, despercebidos na história do Recôncavo açucareiro.

Esse povo, vindo da caatinga, teve sua participação na indústria da cana de açúcar ligada a dois fatores: a seca no Sertão e a falta de braço para o trabalho duro com a enxada e o facão no Recôncavo.

A falta de braços, de homens livres, para o trabalho no canavial se constata desde os engenhos, passando pelos engenhos centrais, chegando às usinas. O trabalho no canavial era muito pesa-

do. Abrir e de massa não atraía mo sendo

Não pirações; a sistência e seguiam a pedaço de vam de d roupa, por trabalho (t guirem o ( é fácil dec trabalhava ca. Juntedes de ace a inexistenhos penc

É pi ção dos trializaçã tenha da das usina cio do séc outra pos mais ferr atraíram

Um grande in Magalhãe açúcar. " usinas fo rias socie açúcar fo delas, su. Magalhãe Lavoura . Nessa ( Magalhãe comércio controlar

do. Abrir rego, cortar cana no solo de massapé, com enxada e facão, não atraía os homens livres, mesmo sendo atividade remunerada.

Não tinham eles maiores aspirações; as necessidades para subsistência eram mínimas e eles conseguiam atendê-las plantando num pedaço de terra. Quando necessitavam de dinheiro, para compra de roupa, por exemplo, procuravam um trabalho (não de enxada) até conseguirem o ganho suficiente, por isso é fácil deduzir que o sertanejo não trabalhava no canavial nessa época. Junte-se também às dificuldades de acesso do Sertão para o Mar: a inexistência de ferrovia e os caminhos penosos no verão.

É provável que a participação dos Catingueiros na industrialização da cana de açúcar se tenha dado com a implantação das usinas, fim do século XIX início do séc. XX. Novos industriais, outra postura, construção de ramais ferroviários para as usinas atraíram essa mão de obra.

Um fato que deve ter tido grande influência, foi a entrada de Magalhães S.A. no negócio do açúcar. *"Com a guerra de 1914, as usinas foram se endividando e várias sociedades para a produção do açúcar foram dissolvidas. No lugar delas, surgiu uma subsidiária de Magalhães e Cia., a Companhia Lavoura Industria Reunidas S/A. Nessa oportunidade, a Casa Magalhães passa a monopolizar o comércio do açúcar na Bahia e a controlar a produção.[...] A Lavoura*

*Industria Reunidas S/A., concentrando o grosso da produção nas usinas Aliança, Terra Nova, adquiriu terras de engenhos decadentes, de fogo morto, onde implantou os seus canaviais. A produção de açúcar das usinas Aliança, São Carlos, Terra Nova, São Bento era entregue à Lavoura Industria Reunidas S/A."*(NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira, 1975:28 *Memória da Federação das Indústrias do Estado da Bahia*).

Os Catingueiros eram homens e mulheres que fugiam da seca do Sertão, da Caatinga, para trabalhar cortando cana nos canaviais dos Lavradores ou das Usinas. Vinham a pé, de distantes municípios da região de Serrinha, Senhor do Bonfim, Iará.

Eles vinham, também, espontaneamente e às vezes nem retornavam mais para as suas terras. Constituíam família ou mesmo radicavam-se de vez com aquelas que os acompanhavam na embaixada. Mas, de um modo geral, vinham forçados pela seca, pela falta de trabalho, por causa da fome.

Na busca por esse passado, depara-se com várias pessoas que são testemunhas vivas da época, ou até foram personagens por se tratarem de filhos de lavradores. Precisão no tempo só a obtida diretamente com essas pessoas, que vão relembrando fatos sobre a migração dos catingueiros:

*"Edmundo Passos era um sertanejo que trabalhava na cons-*

trução de ramais ferroviários das usinas. *Ele trazia muitos conterrâneos para trabalhar na construção e também na lavoura*". Assim se pronunciou D. Leonor Coutinho, que por muito tempo foi professora dos filhos dos trabalhadores da Usina São Bento do Inhatá.

*"Dizem que Antonio Maroto, um empreiteiro da Usina Terra Nova, no início da moagem viajava para o Sertão para contratar os Catingueiros para trabalhar nos canaviais"*

*"Me lembro de um dia, (1932 ou 33, seca braba!) uma família inteira se arranchando na varanda lá de casa pedindo comida e trabalho, não só lá, em outras também de S. Bento, era muita gente. Meu pai era administrador de campo, aqueles sertanejos foram lá para encontrá-lo e com a certeza de trabalhar".* Falou assim o professor Juvenal, filho de Seu Manéca de S. Bento.

*"Meu pai, José Matias, era administrador de campo em Tebaida, São Bento. Todo ano, no mês da moagem, uma família inteira se instalava no avarandado lá de casa, dormiam ali mesmo. Comia farinha seca com carne do sertão, minha mãe às vezes oferecia feijão, (plantávamos muito feijão e milho). Quando estava perto do Natal, mais ou menos no dia 15 de dezembro, a família retornava para sua terra. No outro ano, voltava novamente. Isso se repetiu por muitos anos"* Assim se resume, o que falou Mário Silva na lucidez

dos seus 82 anos, dos quais 62 vividos em Terra Nova. Boa parte de sua vida trabalhou nos Campos das usinas.

Catingueiros, não foram somente os sertanejos que chegando no Recôncavo iam trabalhar nos canaviais. Esses homens, mesmo trabalhando em outras áreas da indústria de cana de açúcar, eram chamados de Catingueiros. E muitos dos imigrantes eram contratados por empreiteiros para trabalhar no Caminho-Sem-Fim. Esse fato foi dito por Mario Silva (Mario Pinga) e confirmado depois por Zé Ligeiro:

*"Foram empreiteiros da usina no trabalho do Caminho-Sem-Fim de Terra Nova: Seu Umbelino, o filho Dão, e Antonio Maroto... Os empreiteiros contratavam os Catingueiros para empurrar as canas dos vagões para o Caminho-Sem-Fim... empurravam com as pernas, protegidas por um calçolão de lona. Tenho 82 anos, nasci em 1922, comecei a trabalhar na usina com oito anos de idade... Meu pai se chamava Antonio Portela, também trabalhava na usina, na máquina de moer. Eu pequeno, ele já falava sobre os Catingueiros. Moravam no Caipe, num barracão sem portas, construído por Fernando Sena, gerente da usina".*

### **Catingueiro - "habitante da caatinga".**

Os Catingueiros ficavam morando nos alojamentos das usi-

nas, in-  
cana, re-  
quinzen-  
cana, (o  
braça).  
nheiro.  
que fore-  
nos cam-  
vale, qu-  
troca. N-  
feita a-  
saldo, p-  
A  
sempre  
lugar ac-  
pois às  
ficando  
outra -  
São Ben-  
Paranag-  
Fundo).  
apenas  
Paranag-  
Ma  
como ta-  
de fora,  
viais no  
antigam-  
ções das  
dos e ap-  
tanejos  
Alagoas,  
mados d-  
Doi  
que trab-  
patos e  
"Cansei  
tenho d-  
limpei e  
meses d-  
assinada  
fora para

nas, instalados nas fazendas de cana, recebiam seus salários por quinzenas, ganhavam por *rego de cana*, (o peso da cana cortada por braça). A remuneração era em dinheiro. A partir do momento em que foram dispostos os armazéns nos campos, apareceu a figura do vale, que servia como moeda de troca. No dia do pagamento, era feita a apuração dos gastos e o saldo, pago em dinheiro.

A indústria da cana viveu sempre em agonia, o engenho deu lugar aos engenhos centrais, depois às usinas, que também foram ficando de fogo morto, uma após a outra – São Carlos Santa Elisa, São Bento, Passagem, Terra Nova, Paranaguá (no distrito de Rio Fundo). Restam, no Recôncavo, apenas duas usinas: Aliança e Paranaguá II.

Mas os serviços existem, como também os homens vindos de fora, para trabalhar nos canaviais no período da moagem. Como antigamente, moram em instalações das empresas; são contratados e apanhados em redutos sertanejos e também no estado de Alagoas, porém não são mais chamados de Catingueiros.

Dona Nilzete, uma senhora que trabalha numa fábrica de sapatos em Terra Nova, conta: *"Cansei de trabalhar no canavial... tenho duas formaturas... cortei, limpei e adubei cana... eram seis meses de trabalho com carteira assinada... Ainda vem gente de fora para trabalhar no canavial...*

*tem gente de Alagoas e do Sertão... ficam nos alojamentos em Jacuípe... são a maioria, os mesmos. Os ônibus vão buscá-los no lugar, depois da moagem levam de volta".*

Cosme, outro trabalhador de cana, residente em Amélia Rodrigues informa: *"trabalho em Itapetingui, lá não tem ninguém de fora... moro numa casinha da empresa, no? campo, quem tem família volta todo dia de bicicleta para Amélia... saio entre três e quatro horas, cinco horas começamos... Recebemos dois reais por tonelada, tem gente que corta até oito toneladas... Lá em Aliança é que trabalha gente de fora, uns vêm de Alagoas outros do Sertão, moram em Alojamento, em Jacuípe. Quando termina a moagem, são levados para as suas terras. Na outra moagem, começa tudo de novo".*

Ao que parece, enquanto houver cana e usina, canavial e massapê, para o Recôncavo, migrarão homens para suprir o déficit dos *braços livres*. Mas não se chamarão **Catingueiros**, serão outros nomes; a redução do número de usinas transformou-os em *habitante da caatinga*, em *trabalhador de cana*.

Vivaldo, julho de 2004.

# POEMA

Miguel T

O Ti

Em nome  
Eu tenho  
Nesse m  
Acredite  
O que se  
Num dia  
Chegou p  
Magro q  
Mas ben  
Bradand  
Com o p  
Fazendo  
Gritava r  
Falava d  
E dizia t  
Das últim  
Que and  
Aquela c  
Era uma  
Ele come  
Daquela  
Pergunto  
Que pela  
Ele tirava  
Eu como  
Nunca te  
Ainda qu  
Eu dei ur  
Com os d  
Falei, mo  
Eu não s  
Mas nun  
Faça o se  
E se o se  
A faça lh  
Mas se o  
Provar qu  
O meu di

## O Tirador de Retratos

*Em nome do tal progresso  
Eu tenho visto tanto sucesso  
Nesse mundo velho sem porteira  
Acredite que é verdade  
O que se passou em minha cidade  
Num dia de segunda-feira.  
Chegou por lá um sujeito  
Magro que só um anzol  
Mas bem vestido, elegante  
Bradando num alto-falante  
Com o povo todo ao redor.  
Fazendo anúncioção  
Gritava no meio da feira  
Falava de modernidade  
E dizia trazer a novidade  
Das últimas a derradeira  
Que andava agora no sertão:  
Aquela caixa preta na mão  
Era uma máquina retrateira.  
Ele começou a falar  
Daquela invenção do tinioso  
Perguntou quem tava pronto  
Que pela quantia de dez contos  
Ele tirava o retrato do povo.  
Eu como sou um cabra valente  
Nunca temi assombração  
Ainda que meio descrente  
Eu dei um passo à frente  
Com os dez contos na mão.  
Falei, moço!  
Eu não sou homem de dinheiro  
Mas nunca vivi no pertucho  
Faça o seu serviço primeiro  
E se o senhor for caloteiro  
A faça lhe corre no bucho  
Mas se o senhor disse a verdade  
Provar que é um homem direito  
O meu dinheiro tá aqui*

*Mas ele só vai parar aí  
Depois de ver o serviço feito.  
Mandou-me vesti um paletó  
Disse pra eu ficar parado  
Acendeu a luz dum fifó  
Que meus zoio ficou esbrugaiado  
Depois me mandou levantar  
Que o retrato tava tirado.  
Uma meia hora depois  
Ele me chamou num canto  
E me entregou um quadro  
Parecendo imagem dum santo  
Quando reparei bem  
Era a minha cópia fiel  
Êta sujeito inteligente  
Fez uma máquina de prender gente  
Num pedaço de papel.  
Levei o quadro pra casa  
E pendurei la na sala  
Bem no cantinho da parede  
Tá lá pra ver quem quiser  
De um lado tá São José  
Do outro o gancho da rede  
E nas horas do descanso  
Deito nela e me balanço  
E remoendo calado  
Eu fico prestando atenção  
Com o diabo de tanta invenção  
É que o mundo anda mudado.*

\* Miguel Teles é baiano de Pedrão, pequena cidade situada entre o recôncavo e o sertão. Poeta, fotógrafo e documentarista, que elegeu o homem e a cultura sertaneja, como seus temas preferenciais. Já realizou documentário "Um dia de Vaqueiro", curta-metragem de cinco minutos. Prepara para breve publicação o livro de poemas "Matulão da Seudade".

Esta publicação foi produzida em outubro de 2007.  
Capa *Papel Cartão Supremo 200g/m<sup>2</sup>* Miolo *Papel Off-set 90g/m<sup>2</sup>*  
Tipografia *Serifa BT*

REVISTA

CANUDOS

AUTORES

ARTIGOS

Léa Costa Santana Dias  
Mayara Ribeiro Guimarães  
Carlos Perrone Jobim Júnior

ENTREVISTA (Um certo João Guerra)

por Manoel Neto

ENSAIO

Viraldo Barbosa Ribeiro

POEMA

Miguel Teles



**CEEC**  
CENTRO DE ESTUDOS  
EUCLYDES DA CUNHA

ISSN 1413-9421



9 771413 942102

00008

